MEG CABOT

AUTORA DE O DIÁRIO DA PRINCESA



As leis de Allie Finkle para meninas

Melhores amigas para sempre?



galera

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA RECORD

Avalon High

Avalon High – A coroação: a profecia de Merlin

Cabeça de vento

Sendo Nikki

Na passarela

Como ser popular

Ela foi até o fim

A garota americana

Quase pronta

O garoto da casa ao lado

Garoto encontra garota

Todo garoto tem

Ídolo teen

Pegando fogo!

A rainha da fofoca

A rainha da fofoca em Nova York

A rainha da fofoca: fisgada

Sorte ou azar?

Tamanho 42 não é gorda

Tamanho 44 também não é gorda

Tamanho não importa

Liberte meu coração

Insaciável

Mordida

***Série* O Diário da Prince sa**

O diário da princesa

Princesa sob os refletores

Princesa apaixonada

Princesa à espera

Princesa de rosa-shocking

Princesa em treinamento

Princesa na balada

Princesa no limite

Princesa Mia

Princesa para sempre

Lições de princesa

O presente da princesa

***Série* A Me diadora**

A terra das sombras

O arcano nove

Reunião

A hora mais sombria

Assombrado

Crepúsculo

***Série* As le is de Allie Finkle para me ninas** *Dia da mudança*

A garota nova

Melhores amigas para sempre?

Medo de palco



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

MEG CABOT

Tradução de

MARIA P. DE LIMA

1ª edição

2013



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cabot, Meg, 1967—

C116m

Medo de palco [recurso eletrônico] / Meg Cabot; tradução Maria P. de Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

recurso digital (As leis de Allie Finkle para meninas; 4)

Tradução de: Allie Finkle’s Rules for Girls – Stage Fright

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501100450 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Maria P. de. (Maria Portella de), 1958-. II . Título. III. Série.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

13-04348

Título original em inglês:

Allie Finkle's Rules for Girls: Stage Fright

Copyright © 2009 by Meg Cabot, LLC.

Design de capa: Izabel Barreto

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA .

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100450

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para todo meu leitor

que tem um sonho

Meu muito obrigada a Julie Amitie, Billy DiMichele, Laura Langlie, Abigail McAden, Charisse Meloto, Jessica Schein, Jonathan Valuckas, Tracy van Straaten e Karen Wong.

LEI nº 1

É importante fazer com que seus amigos se sintam bem com eles mesmos sempre que possível, assim eles gostarão mais de você

É incrível que você possa ser uma criança normal em um dia e então acontece algo que muda completamente a sua vida.

Estou falando sério. Em um momento você é uma menina como as outras, normal... não é chata, é claro, porque é boa em matemática e em ciências, é uma excelente irmã mais velha para dois lindos e terríveis irmãozinhos — além de uma ótima dona de um gatinho, porque você quer ser veterinária um dia —, mas não é exatamente espetacular também... e, de repente, acontece uma coisa que muda tudo.

Nada do tipo aliens descendo de uma espaçonave e dizendo que você é a princesa deles há muito tempo perdida, e que eles estavam vasculhando a galáxia à sua procura durante anos e que aquela pinta esquisita que você tem no ombro é, na verdade, uma marca que a identifica com seu planeta natal e prova que você é um deles.

E depois eles pedem a você para voltar com eles para o planeta Voltron, onde tudo é feito de bala; você será a líder Voltron, poderá ter um unicórnio alado de estimação e poderá ser veterinária sem ter que passar por quatro anos na faculdade mais quatro anos na especialização em veterinária mais uma residência adicional de três a quatro anos — o tempo que levaria para ter um diploma de veterinária no planeta Terra.

Embora algo assim fosse muito, muito legal.

O que quero dizer está mais para sua mãe se tornar uma estrela da televisão de repente.

E, tudo bem, minha mãe não é exatamente uma *estrela* da televisão.

— Consegui um emprego de meio expediente como comentarista de cinema para aquele programa da TV a cabo local, o *Good News!* — explicou ela naquela noite quando voltou do outro emprego de meio expediente como conselheira na faculdade (ela aconselha os universitários sobre quais aulas devem frequentar. Por exemplo, aulas de computação, que é o que o meu pai leciona na mesma faculdade).

A princípio, houve um silêncio surpreso quando Mamãe disse isso. Porque nenhum de nós nem sabia que Mamãe estava tentando um emprego de crítica de cinema do *Good News!* , que, por sinal, é um programa superfamoso. Não é no mundo todo nem nada disso. Quero dizer, minha avó nunca tinha ouvido falar no programa quando veio nos visitar. O *Good News!* só é famoso no nosso canal a cabo local, o Canal 4.

Mas, ainda assim, é superfamoso na nossa cidade. Minha melhor amiga, Erica, até participou do programa uma vez. O

Good News! foi até a academia de ginástica dela e filmou todo mundo fazendo suas séries antes do grande campeonato de ginástica olímpica estadual (do qual Erica não estava participando, mas apareceu levando pó de magnésio para uma menina que estava treinando, e essa menina conseguiu o vigésimo lugar).

E a irmã mais velha de Erica, Missy, já apareceu no *Good News!* muitas vezes, porque Missy é a líder com os bastões que vai na frente da banda da escola e o *Good News!* está sempre exibindo coisas como competições entre as bandas locais. Uma vez, mostraram até uma competição de quem comia mais torta na feira do condado, na qual o irmão mais velho de Erica, John, estava competindo (só que ele foi desclassificado quando a mãe de Erica descobriu e contou aos jurados que ele era menor de idade).

O *Good News!* é exibido logo depois do noticiário principal. Tem até uma das apresentadoras do próprio noticiário, a Lynn Martinez. Ela simplesmente tira os óculos que usa enquanto apresenta o noticiário, veste uma blusa mais brilhante, bagunça o cabelo e, de repente, o noticiário principal se transforma no *Good News!* das sete horas. Então você pode se esquecer de todas as notícias ruins que ouviu até o momento para se concentrar nas boas notícias que Lynn vai contar, tipo os novos restaurantes da cidade, ou que peças poderá assistir no teatro

comunitário. Ou como os velhinhos do centro de idosos estão se saindo nas aulas de hip-hop. Ou como o gato de alguém está cuidando de um cervo órfão para que ele volte a ser saudável. Ou como alguém está percorrendo a cidade para coletar pares de tênis para os pobres da África que não podem comprar os próprios tênis.

Viram? Só boas notícias. É por isso que o programa se chama *Good News!*

E minha mãe ia aparecer! No melhor programa da televisão!

Eu sei. É fantástico ou não é? Sou filha de uma celebridade.

— Elizabeth — disse Papai, parecendo orgulhoso e também um pouco preocupado. — Eu não imaginava que você se interessasse por telejornalismo.

— Ah, bem — disse Mamãe, ajeitando o cabelo depois de tirar o casaco. — Vi o anúncio no jornal e pensei que poderia ser divertido, então me candidatei. Você sabe que eu escrevia sobre cinema no jornalzinho da faculdade. Vai ser um pouco diferente ficar na frente das câmeras, mas o conceito é mais ou menos o mesmo. Estou animada por voltar a fazer críticas.

E, tudo bem, talvez minha mãe não seja uma celebridade exatamente, porque o *Good News!* nem é exibido no país inteiro.

Mas ainda assim estava meio óbvio que, por causa do novo trabalho da minha mãe, minha vida nunca mais seria normal de novo. Não vai demorar para os paparazzi começarem a aparecer na nossa casa. Talvez até precisemos contratar seguranças!

Quero dizer, é algo grande quando sua mãe trabalha no *Good News!*

— Na verdade, suspeito que eu tenha sido a única pessoa que candidatou — disse Mamãe —, porque eles me contrataram assim que viram o meu teste. Tenho a impressão de que esta cidade não tem exatamente uma horda de críticos de cinema querendo trabalhar.

Só que isso não é verdade. Minha mãe conseguiu o emprego porque ela é a mãe mais legal e mais bonita que existe. Sei disso porque conheci a mãe de muitas outras crianças.

E, tudo bem, a mãe da minha ex-amiga, Mary Kay Shiner, tem um emprego chique em um escritório de advocacia e sempre fica no celular dizendo coisas como, “Nancy, preciso desses testemunhos para ontem!”.

E a mãe de outra ex-amiga minha, Brittany Hauser, tem uma gata de pedigree chamada Lady Serena Archibald e usa sapatos de salto alto com plumas muito extravagantes.

Mas nenhuma das duas é legal como a minha mãe, que está restaurando uma antiga casa para que ela fique bonita de novo (ainda que esteja gastando muito tempo nisso, se quer saber minha opinião. Embora o meu quarto seja o quarto mais legal entre os das minhas amigas todas e quando elas vieram me visitar e viram o quarto pela primeira vez ficaram malucas com o papel de parede e as cortinas de renda).

Então, sabe como é.

— Isso não é verdade — disse Papai quando minha mãe brincou que mais ninguém havia se candidatado.

Ele estava arrumando nos pratos a pizza que minha mãe trouxera para celebrar o novo emprego. A pizza veio do Pizza Express, que vem a ser o lugar onde meu Tio Jay trabalha. Ainda que a namorada do Tio Jay, Harmony, não tenha achado isso a princípio, ser entregador de pizzas no Pizza Express acabou sendo o melhor emprego da vida do meu tio. Ele pode comer todas as pizzas dos endereços que estão errados na comanda — e de graça!

Só que, nesta noite, ainda que meu Tio Jay tivesse vindo jantar, estávamos comendo uma pizza pela qual realmente pagamos, pois era uma ocasião especial.

— Tenho certeza que muita gente talentosa se candidatou à vaga — disse Papai para Mamãe. — E você fez o melhor teste.

As críticas que você escrevia na faculdade eram maravilhosas. Você sempre teve um ponto de vista perspicaz sobre o mundo da comunicação e do entretenimento.

— É, mãe — falei, tirando o molho de tomate que estava embaixo do queijo derretido da fatia de pizza. Porque uma das minhas regras é *Nunca comer nada vermelho*. Para ser sincera, prefiro pizza branca, mas já que sou a única na

família que prefere, só consigo comer esse tipo de pizza quando o Tio Jay vai entregar uma para alguém, mas descobre que o Pizza Express fez confusão e não era aquele tipo que tinham pedido na verdade. — Você sempre teve várias opiniões sobre Hannah Montana.

— Bem — disse Mamãe. — Acho que você pode ter razão.

— Qual é o primeiro filme que você vai criticar? — quis saber o Tio Jay.

Tio Jay não mora conosco, mas está sempre por perto, embora tenha uma namorada, um emprego e frequente as aulas da universidade.

Minha mãe olhou para o papel que deram a ela no *Good News!*

— Algo chamado *Réquiem para um sonâmbulo* — disse ela.

— Ui — disse o Tio Jay.

Acho que ele disse aquilo porque *Réquiem para um sonâmbulo* não soava como algo bom para ele. Não soava para mim também, para dizer a verdade.

— Uau — disse Papai. — Tenho certeza que você terá muito a dizer sobre esse.

— Vamos aparecer na TV também? — quis saber meu irmão mais novo, Kevin.

— Por que *nós* estaríamos no programa da Mamãe?

Meu outro irmão, Mark, estava mastigando de boca aberta como de costume. E falar de boca aberta violava duas das minhas leis: *Não mastigue de boca aberta* e *Engula o que está na sua boca antes de falar*. Ter dois irmãos mais novos que não seguem as regras da cortesia comum a todos durante as refeições fazia da minha vida um desafio constante.

— Muitas vezes, os filhos de celebridades aparecem na TV — disse Kevin. — Como quando comparecem às estreias dos filmes.

Eu nem tinha pensado nas estreias! Mas é claro que teríamos que ir a muitas dessas. Críticos de cinema sempre assistem aos filmes antes de todo mundo. Eles precisam assistir antes. Como eles avisariam às pessoas para não verem os filmes ruins?

E, naturalmente, a única forma que eles têm de fazer isso é indo às estreias. Provavelmente conheceríamos um monte de estrelas. Tipo a Miley Cyrus.

— Eu não serei convidada para estreias, querido — disse Mamãe. — O *Good News!* não é um programa tão importante. Só é exibido no canal a cabo local. E, além disso, grande parte das estreias é em Hollywood. Moramos muito longe de lá.

Era uma grande decepção ouvir aquilo. Porque eu estava totalmente achando, assim como Kevin, que talvez eu pudesse aparecer no programa da Mamãe também. Ou que, pelo menos, minha vida inteira fosse mudar, agora que eu era filha de uma famosa crítica de cinema da televisão, e não a simples filha de uma conselheira de universitários e de um professor universitário.

Não que haja alguma coisa errada com esses dois empregos. É só que eles são meio chatos se comparados a ser uma estrela da televisão.

Quando fui para a cama naquela noite, eu disse para o meu gatinho, Miau — que está crescendo realmente muito rápido e já pesa quase 3 quilos, algo excepcional para a idade dele de acordo com nossa veterinária, Dra. DeLorenzo —, que aparentemente as nossas chances de chegar ao horário nobre estavam bem próximas de zero.

— Acho que você continuará apenas sendo o bom e velho Miau — disse a ele enquanto estava deitado no meu peito, ronronando, parte de sua rotina noturna. É muito difícil dormir daquele jeito, mas ainda assim é bom. — Em vez de Miau, o gato celebridade.

Mas quando, a caminho da escola no dia seguinte, contei às minhas amigas, Erica, Sophie e Caroline, as novidades sobre a minha mãe, cada uma teve uma opinião diferente sobre o assunto.

— Aposto que você será uma das convidadas dela — disse Sophie. — Tipo quando ela tiver que falar sobre algum filme infantil.

— Uau — falei. Eu nunca tinha pensado naquilo. — Você acha mesmo?

— Ah, é claro — disse Sophie. — Se ela for boa no que faz, vai querer a opinião do público alvo. Obviamente.

Nós sabíamos tudo sobre público alvo por causa das revistas de adolescentes da irmã de Erica, Missy, as quais ela nunca exatamente nos emprestou, mas que tiramos sorrateiramente do quarto dela sempre que ela está longe em algum concurso de bandas ou no banheiro experimentando algum novo medicamento para espinhas.

Sophie me deixou animada novamente com o trabalho da minha mãe. Ainda mais animada do que se eu estivesse prestes a descobrir que, na verdade, eu era a rainha de uma corrida alienígena. Porque, de acordo com o que Sophie disse quando contei tudo a ela — e Caroline e Erica concordaram —, ter uma mãe que fala sobre filmes na TV é mais interessante que ser rainha de corrida alienígena. Porque é bem mais real.

— Você é tão sortuda — disse Erica, suspirando. — Eu gostaria que minha mãe tivesse o próprio programa de TV. Mas ela não faz nada além de gerenciar a loja de presentes finos dela.

— E a minha mãe? — disse Caroline, suspirando também. — É apenas a reitora de uma faculdade de mulheres. No *Maine*.

Todas concordamos que aquele era um trabalho horrível se comparado ao novo trabalho da minha mãe.

— Talvez Mamãe convide todas nós para aparecer no programa dela — falei.

Eu só estava dizendo aquilo para ser legal. Eu não achava que minha mãe receberia a mim e as minhas amigas no programa de TV dela um dia. *É importante fazer com que seus amigos se sintam bem com eles mesmos sempre que possível. Eles vão gostar mais de você*. Essa é uma lei.

— Quando eu for ao programa da Mamãe, usarei calças de veludo — disse Kevin.

Preciso acompanhar Kevin até o colégio todo dia (e da escola para casa também), porque ele ainda está no jardim de infância, e eu sou a irmã mais velha. Tudo bem, na verdade, porque todas as meninas do quinto ano acham Kevin uma gracinha, então tê-lo por perto me ajudou a não apanhar. Pelo menos das alunas do quinto ano.

— Tanto faz, Kevin — falei.

Ele nem mesmo tem calças de veludo, embora implore por um par o tempo todo. O mais perto que ele chegou foi com um tecido canelado, que ele jura que é veludo.

— Deveríamos começar a pensar no que vamos vestir, então — disse Sophie, ignorando Kevin. — Só para estarmos preparadas. Eu tenho umas leggings muito legais estampadas com teias de aranha prateadas que usei no Halloween, combinariam bem com a sua saia de xadrez, Allie...

Ela disse isso assim que pisamos no pátio, que ainda estava molhado por causa da chuva da noite anterior. Enquanto nossos pés afundam na lama, percebemos um carro encostando na calçada próxima à escola. A porta do passageiro abre e Cheyenne O'Malley, a mais nova aluna da nossa turma (ela veio do Canadá enquanto o pai está em período sabático), sai do carro usando uma capa de chuva cor-de-rosa e segurando um guarda-chuva combinando, caso chova mais tarde. Ela fecha a porta do carro e, quando passa por nós para encontrar suas amigas, Marianne e Dominique, que estavam esperando por ela nos balanços, pisa com o pé direito da galocha estampada de corações cor-de-rosa em uma grande poça na calçada e joga água em cima da gente.

De propósito.

— Ops! — disse Cheyenne, rindo quando nos vê olhando para as manchas de sujeira na nossa roupa. — Desculpem! Acho que esse é o tipo de coisa que acontece quando seus pais fazem você ir andando até a escola em vez de lhe darem carona.

Então ela corre na direção de M e D (que é como Cheyenne chama Marianne e Dominique), que deixam escapar gritos e risadas depois da brincadeirinha hilária que ela acabou de fazer conosco. Educadamente, Cheyenne grita para elas também.

Em seguida elas começam a conversar sobre o que aconteceu no America's Next Top Survivor da noite anterior ou algo do gênero.

— Quer saber, Allie — disse Sophie, pensativa, enquanto tentava tirar as manchas do casaco —, ter uma mãe na televisão só vai elevar sua popularidade na Pine Heights Elementary. Ninguém mais tem um parente que seja celebridade. Nem mesmo Cheyenne, e ela é a garota mais popular da escola.

— Popularidade não é importante — disse eu. — Ser alguém amável e atencioso é. — Essa é uma lei.

— Verdade — disse Sophie. — Só estou dizendo que mal não vai fazer. Quando o primeiro programa da sua mãe será exibido?

— Humm — disse eu. — Na quinta à noite, acho. Assim as pessoas podem decidir quais filmes verão no fim de semana.

— Perfeito — disse Sophie. — Então na sexta, pela manhã, você já será a garota mais popular daqui.

— Você acha mesmo?

Não que ser popular seja importante, é claro.

Mas, de repente, pensei em como seria legal chegar à escola de um jeito diferente de respingada de lama segurando a mão quente e suada do meu irmãozinho. E se Erica, Sophie, Caroline e eu chegássemos à escola em uma limusine branca bem comprida em vez de andando? O que Cheyenne e suas amigas, M e D, diriam se vissem *aquilo*?

Se quer saber, algo assim seria bem melhor do que aliens aparecendo do nada e me levando para viver em um planeta onde eu teria um unicórnio alado como bichinho de estimação e tudo nesse lugar fosse feito de bala.

Mas aquilo ia mesmo acontecer?

Acho que eu teria que esperar para ver.

LEI nº 2

Nada de beijos no quarto ano

A Sra. Hunter, nossa professora do quarto ano, que vem ser a professora mais bonita que eu já tive e que totalmente poderia ter seu programa de TV se quisesse, disse que tinha um pronunciamento a fazer.

Eu tinha certeza que o pronunciamento falava sobre o emprego da minha mãe como crítica de cinema do *Good News!* Eu não sabia como a Sra. Hunter tinha

descoberto aquilo. Talvez tenha pedido uma pizza no Pizza Express e o Tio Jay contou a ela. Perguntei uma vez ao Tio Jay se ele já havia entregado uma pizza para a Sra. Hunter (porque eu queria saber se ela morava em uma casa ou em um apartamento e, se ela vivesse em um apartamento, eu queria saber se tinha elevador) e ele disse que nunca entregara uma pizza para ela.

Mas nunca se sabe.

De qualquer forma, todos nos sentamos em silêncio em nossos assentos, esperando o pronunciamento, porque a Sra. Hunter, embora seja linda com toda aquela maquiagem legal e botas de salto alto, pode ser muito assustadora quando quer.

Eu estava achando que o pronunciamento seria sobre a minha mãe, porque isso faria com que Cheyenne se arrependesse do que fez no pátio. Eu conseguia imaginar o quanto Cheyenne ia querer ir na minha casa depois que descobrisse que minha mãe era uma estrela da TV. Não que um dia eu fosse deixar Cheyenne entrar na minha casa. Não depois de como ela tratou a mim e as minhas amigas. Cheyenne não gostava de brincar de coisas divertidas, tipo superespiã (fingir ser uma espiã avaliando o quão silenciosamente você consegue andar pela casa e espionar os outros sem ser visto) e experimentos científicos (misturar todos os tipos de produtos de limpeza que encontrar embaixo da pia do banheiro para ver o quanto era preciso para causar uma explosão... algo que não conseguimos fazer até agora. Mas conseguimos uns cheiros bem ruins).

Cheyenne só gostava de ligar para os meninos para perguntar se eles gostavam dela. *Cheyenne é oficialmente chata*. Essa é uma lei.

Ainda assim, seria muito bom dizer “Acho que não”, quando Cheyenne implorasse para ir almoçar comigo lá em casa (Cheyenne achava que ir almoçar em casa era o cúmulo da impopularidade e que comprar o almoço na escola, como Marianne, Dominique e ela faziam, era o máximo dos máximos).

O que eu *não* queria é que o pronunciamento fosse sobre a Sra. Hunter sair de férias e termos um professor substituto. A Sra. Hunter havia feito um pronunciamento como esse uma vez e as coisas não terminaram muito bem. Pelo menos, não quando o professor substituto, o Sr. White, apareceu, pois todos os meninos da turma decidiram que seria uma boa ideia trocarem de lugar para fingir que eram outras pessoas por uma semana. Stuart Maxwell deu cinco

caixas de balas Nerds para mim e para Rosemary para que não contássemos.

— Crianças — disse a Sra. Hunter enquanto todos temíamos pela volta do Sr. White. (É constrangedor ver um adulto chorar.) — Este é o momento do ano no qual todas as turmas começam a se preparar para a apresentação que farão na Feira Cultural de Boas-Vindas da Pine Height Elementary School. É quando convidamos os pais de vocês para virem à escola uma noite e apresentamos um tipo de espetáculo para mostrar a eles o que aprendemos ao longo do semestre. Cada série tem uma noite, e cada turma dentro daquela série faz uma coisa diferente da outra. A turma da Sra. Danielson, por exemplo, fará uma apresentação sobre os primeiros que chegaram a estas terras, que, como vocês sabem, é algo que estivemos estudando recentemente.

Eu quase vomitei quando ouvi aquilo. Não porque eu estivesse nervosa por ter que me apresentar. Mas porque uma apresentação sobre os primeiros colonizadores dos Estados Unidos parecia algo muito chato. Não me leve a mal, mas se eu tivesse sido uma das primeiras colonizadoras dos Estados Unidos, eu voltaria para minha terra natal. Para começar, você precisava usar um banheiro anexo. É um banheiro que ficava *fora* da casa, se entende o que quero dizer.

E todas as séries da escola estariam em uma única sala! O que significaria que eu estaria na mesma sala que os meus irmãos mais novos o dia *inteiro*.

Já é ruim demais ter de viver na mesma casa dos meus irmãos enquanto não estou na escola! Não vou ficar o dia todo no mesmo ambiente que eles.

Eu estava começando a ter um pressentimento muito ruim em relação ao que teríamos que fazer na nossa apresentação.

Porque eu não queria vestir roupas velhas nem ficar parada fazendo um discurso sobre como era andar mais de 14 quilômetros para chegar até o comércio. Não, obrigada.

Então a Sra. Hunter disse:

— Pensei que, como vocês se mostraram muito criativos ao longo do ano nos relatórios e desenhos sobre o meio ambiente e sobre o que podemos fazer para pensarmos mais ecologicamente, talvez possamos fazer algo um pouco diferente das outras turmas.

Eu me inclinei sobre a mesa para ver Rosemary, que sentava no fundo da sala como eu; só Stuart Maxwell fica entre nós duas. Rosemary se curvou sobre a mesa dela e deu um sorrisinho na minha direção. Eu sabia que ela estava pensando a mesma coisa que eu em relação àquilo de todo mundo ficar na mesma sala. Rosemary tinha ainda mais motivos do que eu para ter medo daquela história com os colonizadores. Mais do que qualquer outra menina da turma, ela odeia usar vestidos. E, se tivéssemos que nos vestir com roupas de época, certamente Rosemary teria que usar saia... e uma saia longa. Algo assim poderia ter matado Rosemary.

— Para a nossa apresentação — continuou a Sra. Hunter do banquinho onde sempre fica quando lê para a gente um livro da Madeleine L'Engle (embora ela agora esteja lendo *O hobbit*, de outro autor, que nem de longe era tão bom quanto porque, até o momento, não havia nenhuma menina entre os personagens, ainda que, algumas vezes, eu finja que Bilbo Baggins é uma menina e que seu verdadeiro nome é Jill, um diminutivo para Jildo). — Acho que seria interessante se encenássemos uma peça.

Todos na sala engasgaram. Depois começou uma conversa animada. Dava para perceber que a turma inteira achava que a ideia da peça era muito, muito boa. Uma ideia bem melhor do que a da Sra. Danielson, de fazer uma apresentação sobre os colonizadores.

Eu também estava animada. Nunca havia participado de uma peça. Bem, a não ser por uma peça, quando eu era bebê no primeiro ano, na qual fui a letra "A", porque meu nome começava com "A". Agora era uma peça de verdade, eu tinha certeza, na qual eu teria mais falas do que "A de abacaxi... e de Allie"!

E, com sorte, eu não tropeçaria no próprio pé quando subisse no palco, como fiz no primeiro ano também.

— Uhhhh, Sra. Hunter — gritou Cheyenne, levantando as mãos, louca para poder falar, como sempre. Rosemary dizia que Cheyenne era uma puxa-saco, uma palavra que ela havia aprendido com os irmãos mais velhos. — Sra. Hunter.

A Sra. Hunter olhou para Cheyenne.

— Sim, Cheyenne? — perguntou ela.

Cheyenne abaixou o braço.

— Posso sugerir *Romeu e Julieta* para a peça que vamos encenar juntos? — disse ela. — É um drama muito envolvente escrito por um homem chamado William Shakespeare. É sobre dois adolescentes que, embora estejam profundamente apaixonados, são mantidos separados por suas famílias.

Quando disse aquilo, Cheyenne virou um pouco a cabeça para olhar para Patrick Day, que estava sentado ao lado de Rosemary na última fila, fazendo um desenho do carro de James Bond, com um periscópio saindo do teto, listras como as de carro de corrida nas laterais e fogo saindo do tubo de escapamento.

Eu e Rosemary trocamos olhares de espanto e vi quando Stuart Maxwell, que estava sentado ao meu lado, fez uma cara estranha enquanto Joey Fields, do meu outro lado, se contorceu de tanta empolgação. Acho que ele era a única pessoa da turma, além de Cheyenne, M e D, que tinha gostado da ideia de Cheyenne. Os outros estavam totalmente descontentes.

Shakespeare? *Romeu e Julieta*? Não tenho certeza, mas acho que nessa peça tem cenas de beijo.

E isso seria um problema, porque há alguns meses, a Sra. Hunter estipulou uma regra de que beijos no quarto ano estavam proibidos. Além disso, nada de “ficar com” ninguém ou qualquer outra coisa de namorado/namorada.

A única pessoa que havia se incomodado com aquilo tinha sido Cheyenne (e Joey Fields, que imagino ter sonhos secretos de um dia ter uma namorada).

Agora eu tinha certeza que Cheyenne estava tentando arrumar uma forma de burlar a regra da Sra. Hunter, colocando todos nós em uma peça com cenas de beijo. Sem dúvida ela ia querer interpretar a Julieta...

E provavelmente ia querer que Patrick Day, o menino que ela escolhera para fugir para a Brooklyn Bridge quando completasse 16 anos, interpretasse o Romeu.

Eca!

Eu podia perceber que Rosemary estava pensando a mesma coisa, já que ela havia envolvido o pescoço com as próprias mãos fingindo se enforcar, botando a língua para fora. Era meio difícil não rir. Quero dizer, não é como se Patrick Day fosse tão bonitinho quanto a paixonite de Sophie, o Príncipe Peter, ou algo do

gênero. Eu tinha visto Patrick limpar o nariz. E comer a meleca depois.

— Obrigada pela sugestão, Cheyenne — disse a Sra. Hunter e, por um minuto, fiquei preocupada achando que ela poderia realmente estar considerando aquilo. Depois completou: — Mas não tenho certeza se já estamos preparados para o Bardo.

Cheyenne pareceu muito desapontada. Pela expressão dela, imaginei que o Bardo fosse *Romeu e Julieta* e fiquei superfeliz.

Iei! Não faríamos a peça de Cheyenne!

— Em vez disso — continuou a Sra. Hunter —, tomei a liberdade de escrever minha própria peça... Uma peça com um papel para cada um dos alunos desta turma. Allie, você poderia distribuir os roteiros que estão sobre a minha mesa?

Eu me levantei e fui até a mesa da Sra. Hunter (meu lugar é na última fila, ao lado de todos os meninos mais bagunceiros da sala — e Rosemary me ajuda a controlá-los. Nossa mesa fica ao lado da mesa da Sra. Hunter, então ela também ajuda a supervisionar os meninos bagunceiros. Por isso, eu e Rosemary entregamos muitas coisas para a Sra. Hunter, o tempo todo. Já estamos acostumadas).

— O nome da peça é *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem* — explicou a Sra. Hunter (algo que eu já sabia porque tinha lido o título no roteiro que estava entregando). — É sobre uma princesa, chamada Penélope, que foge do castelo do pai depois que ele morre, pois descobre que sua madrasta, a rainha malvada, vai tentar matá-la para herdar o trono no lugar de Penélope. Enquanto tenta chegar à casa da sua adorada fada madrinha, com quem Penélope sabe que estará segura, ela vaga por uma região estranha e maravilhosa, o Reino da Reciclagem. Lá ela conhece diversas criaturas estranhas, como fadas das lâmpadas fluorescentes, elfos do transporte público, dragões de papel reciclável, sereias de conservatórios de água, unicórnios-tire-da-tomada-quando-não-estão-em-uso e magos de garrafas d’água reutilizáveis, que ensinam a Penélope todas as maneiras de salvar o meio ambiente para que o reino de seu pai, que começou a ser destruído pela poluição e pelos hábitos desprezíveis da madrasta, pudesse ser desfrutado por muitas gerações futuras. E as criaturas do Reino da Reciclagem ajudam Penélope a fugir dos soldados terríveis que a madrasta malvada manda para matá-la.

Uau! Aquela peça parecia bem melhor que *Romeu e Julieta*. Elfos e dragões? Fadas e magos? E uma princesa? Eu totalmente queria participar daquela peça. Parecia ser fantástica! Eu não podia acreditar que a Sra. Hunter tinha escrito.

Aquela ideia podia ter sido de um profissional.

E dava para perceber que o restante da turma também estava animado, se a forma como puxavam os roteiros das minhas mãos fosse um indicativo. Não apenas as meninas. Os meninos também.

— É claro — continuou a Sra. Hunter num tom de voz de alerta, como se pudesse sentir o frenesi de prazer que atravessava a sala 209 — que essa não será uma peça fácil de ser encenada. Há muitas falas para decorar, um cenário que precisará ser construído, figurinos para produzir, iluminação de palco, design... Bom, teremos que trabalhar juntos se quisermos que isso dê certo. Daqui para frente, durante as aulas de Música e Artes, vamos trabalhar com a *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem*.

Cheyenne levantou a mão de novo. Tinha uma cópia do roteiro da Sra. Hunter à sua frente, pois eu já passara pela fileira dela.

— Oooh, Sra. Hunter — disse Cheyenne. — Sra. Hunter!

A Sra. Hunter olhou para ela.

— Sim, Cheyenne? — perguntou ela num tom de voz meio cansado.

— Sra. Hunter — disse Cheyenne, abaixando a mão. — Apenas gostaria de dizer, em nome da turma, que acho que essa peça parece ser muito, muito boa. E eu gostaria de me voluntariar para interpretar a Princesa Penélope.

Assim que ela disse as palavras “Princesa Penélope”, uma dúzia de mãos se levantou no ar; as mãos de todas as outras meninas da sala 209. E cada uma das garotas cuja mão estava levantada tinha no rosto uma expressão de ultraje diante do que Cheyenne acabara de fazer.

Praticamente todas as meninas da turma queriam interpretar a Princesa Penélope.

— Meninas — disse a Sra. Hunter. — Abaixem as mãos. Todas terão oportunidade de fazer testes para os papéis que quiserem. É por isso que Allie

está lhes entregando o roteiro. Gostaria que vocês o levassem para casa para ler à noite.

Pensem nos papéis para os quais gostariam de se candidatar e amanhã eu faço os testes, e na sexta anuncio quem ficou com qual papel. Começamos os ensaios na segunda-feira.

Muito bem! Essa era uma forma muito melhor de escolher do que simplesmente dar o papel a quem quer que tenha pedido primeiro. Todos teriam que tentar e o melhor ganharia o papel, fosse quem fosse. Meio parecido com a maneira como a minha mãe conseguiu o trabalho como crítica de cinema do *Good News!*

Só que ela foi a única pessoa que se candidatou. Pelo menos de acordo com o que ela disse.

Depois que terminei de distribuir os roteiros, voltei para a minha mesa e peguei o que havia deixado para mim mesma. A Sra. Hunter ainda estava falando sobre a peça, mas eu não estava mais prestando atenção. Estava muito ocupada lendo.

Uau. A Princesa Penélope tinha muitas falas. À medida que eu lia, pude perceber que a Princesa Penélope era a estrela da peça.

Bem... o nome dela estava no título.

Hummm. Seria bem legal interpretar uma princesa na peça da escola. Principalmente se aquele fosse o papel principal.

Quero dizer, eram muitas as falas para serem decoradas.

Mas imagina o quanto meus pais ficariam orgulhosos quando chegassem na Feira Cultural e começássemos a encenar *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem* comigo no papel de Princesa Penélope. Talvez o *Good News!* até me chamasse para um dos programas, como convidada, para falar sobre a minha performance — afinal de contas, sou filha de uma das estrelas do canal.

Para deixar tudo ainda melhor, eu não teria que me esforçar muito no figurino, porque eu tinha um vestido de princesa: o vestido estampado com flores que eu havia usado no casamento da minha tia, Mary, no último verão (se é que a roupa ainda me servia). Seria perfeito! Era um vestido longo, de um tecido dourado brilhante (minha Tia Mary se casou à noite em um restaurante superchique).

Aquele vestido totalmente se parecia com algo que uma princesa usaria (se minha mãe pudesse arrumar meu cabelo em um coque ou com tranças ao redor da minha cabeça).

Só havia um problema: eu não era a única menina que queria ser a Princesa Penélope.

Mas tanto faz. Eu pensaria em uma solução quando chegasse a hora.

Enquanto isso, que tal pensar em como eu derrotaria Cheyenne na conquista do papel que ambas desejávamos? Isso seria um prazer.

LEI nº 3

É rude dizer a alguém que ele só vai ter alguma coisa porque ninguém mais a quis, e não porque ele mereceu Eu estava tão ocupada estudando minha cópia do roteiro que nem ouvi quando o sinal do recreio tocou. Então eu não tinha ideia do que estava acontecendo até perceber que Caroline, Sophie, Erica e Rosemary estavam ao redor da minha mesa, segurando seus casacos.

— Oh — falei, olhando para cima. — Oi, meninas.

— Você não vai sair da sala? — quis saber Erica.

— É — disse Rosemary. — Vai ficar sentada aí o dia todo?

— Ahn? — perguntei, envergonhada por ter ficado tão entretida com o que estava fazendo. — Desculpa. Acho que não ouvi o sinal.

— Acho que não — disse Sophie, rindo. — Você deve ter gostado mesmo dessa peça.

Mas percebi que ela ainda segurava uma cópia do roteiro da Sra. Hunter também. Ainda que teoricamente fôssemos brincar lá fora.

— Gostei — falei, levantando e seguindo para o lugar onde guardávamos os casacos. — Parece ser muito boa, não é mesmo? Quero dizer, você conseguiu ler a peça?

— Eu li — disse Caroline. Ela é uma das mais rápidas leitoras da nossa turma.

Leu cada um dos volumes de Harry Potter em um dia. Até mesmo os mais longos. — É boa.

— Para qual papel você pensa em se candidatar? — perguntei enquanto vestia o casaco.

— Vou tentar o papel da fada madrinha das sacolas de compras de pano reutilizáveis — disse Erica. — Porque sempre quis ser uma. Uma fada madrinha, quero dizer.

Eu não estava exatamente surpresa em ouvir aquilo. Afinal de contas, Erica adora fazer coisas boas para os outros. Ela está sempre interrompendo discussões e dizendo a todos o quanto aparentam estar bem, até mesmo quando a aparência deles é péssima (na verdade, essa é uma das minhas leis: diga sempre às pessoas que elas parecem bem, mesmo quando não parecem.

Isso faz com que se sintam bem, então gostarão mais de você. Erica se sai muito bem com essa lei).

— Você seria uma ótima fada madrinha — disse eu a Erica.

— Não seria? — disse Sophie. — Foi o que eu disse a ela! Mas ela não acredita que vá conseguir o papel.

— Ah, eu não sou suficientemente boa como atriz — disse Erica. — Tentei um papel em *A noviça rebelde* quando o musical foi encenado no teatro comunitário no ano passado e minha irmã, Missy, foi chamada para retornar, mas eu não fui.

— Você vai conseguir — falei. — Eu sei que vai.

Eu não conseguia pensar em ninguém mais da nossa turma interpretando a fada madrinha. Principalmente porque não conseguia pensar em quem mais na nossa turma *queria* aquele papel. Quero dizer, quem vai querer ser a fada madrinha se você pode ser a princesa?

Mas eu não disse aquilo alto, porque é rude dizer a alguém que ele só vai ter alguma coisa porque ninguém mais a quis, e não porque ele mereceu (essa é uma lei).

— Oh — disse Erica, os olhos cheios de lágrimas de gratidão. — Obrigada,

Allie! — Ela abriu os braços para me dar um abraço. Eu a abracei também.

Viu? Foi exatamente o que eu disse. Muito típico de fada madrinha. Ou só madrinha, sei lá.

— Quero ser um daqueles soldados malvados — disse Rosemary, os olhos negros brilhando de satisfação. — Talvez eu precise carregar uma espada! E mate a Princesa Penélope quando ela tentar escapar do Castelo da Perdição de Plástico.

— A Princesa Penélope não morre no fim — disse Caroline enquanto descíamos as escadas em direção ao pátio. — A rainha malvada é quem morre.

— Oh. — Rosemary parecia desapontada. — Bem, ainda quero interpretar um dos soldados malvados. Talvez eu possa esfaquear Patrick. E você, Caroline?

— Nunca fui muito interessada em atuar — disse Caroline, para minha surpresa. — Talvez eu tente o papel de um dos unicórnios-tire-da-tomada-quando-não-estão-em-uso ou algo assim, se tivermos que participar. Mas estou mais interessada em cuidar da iluminação ou criar o cenário.

Eu estava impressionada. Não conseguia pensar *como* alguém não queria estar na peça. Quem não gostaria de subir ao palco, usando uma fantasia e fingindo ser outra pessoa na frente dos outros? Para mim aquilo parecia loucura. A única coisa melhor que a peça, se me perguntar, seria ser veterinária e salvar filhotes.

Mas repito, Caroline é uma menina muito prática. E atuar não é a coisa mais prática do mundo.

— E qual papel você quer tentar, Sophie? — perguntou Caroline.

Para minha surpresa, Sophie pareceu envergonhada.

— Oh — disse ela. — Eu não sei.

— Você sabe, sim — disse Rosemary. — Fala logo.

— Não — disse Sophie. — Eu não tenho ideia. De verdade. São tantos papéis bons, aparentemente.

E então eu percebi:

Ah, não! Sophie queria interpretar a Princesa Penélope!

É claro! Era por isso que ela estava parecendo tão envergonhada... ela não queria admitir, porque era muito modesta para dizer que acreditava ser uma atriz boa o suficiente para o papel principal.

Mas era exatamente isso que ela estava pensando — o mesmo que eu!

Não sei explicar como eu sabia. Mas eu sabia. Porque eu queria exatamente o mesmo papel.

— Ai, meu Deus, Sophie — disse Erica. Já estávamos fora da escola. O sol finalmente havia aparecido e começava a secar as poças de lama. — Você precisa tentar o papel de Princesa Penélope!

— É isso mesmo, Sophie — disse Caroline. — Se tem alguém que pode derrotar Cheyenne, esse alguém é você.

Como é que é? Eu não podia acreditar que Caroline havia dito aquilo. E *eu*? Eu não seria capaz de derrotar Cheyenne para conseguir o papel?

— Quero dizer, todo mundo sabe que você é a menina mais bonita da escola — continuou Caroline.

— Oh, não — disse Sophie, parecendo constrangida. — Não da escola toda.

— Bem, pelo menos da nossa série — disse Caroline. — Não é verdade, Allie?

Verdade, eu precisava concordar. Com aqueles cabelos negros cacheados e grandes olhos castanhos, Sophie era extraordinariamente bela. Talvez ela não se parecesse com as tradicionais princesas louras dos livros, mas e daí, Cheyenne também não se parecia, pois também tinha cabelos escuros (Cheyenne apenas agia como uma típica princesa dos livros, sempre penteando os cabelos durante o recreio, de novo e de novo, e colocando diversos grampinhos coloridos neles).

Mas era Sophie quem se parecia com um tipo de princesa. Quando brincávamos de Rainhas no recreio, Sophie sempre era a rainha por quem o feiticeiro malvado se apaixonava, porque era muito fácil imaginar alguém se apaixonando por

Sophie. Ela era bonita assim.

— É — falei com má vontade. Quero dizer, embora eu quisesse muito interpretar a Princesa Penélope, eu tinha de admitir que Sophie se parecia muito mais com uma princesa do que eu. Se a Sra. Hunter escolhesse pela aparência, Sophie certamente levaria o papel, não eu. Além do mais, gosto de Sophie. Não quero magoá-la nem nada do gênero. — É, Sophie. Você deve tentar o papel da Penélope. Realmente se parece com uma princesa.

— E você é gentil — disse Erica para Sophie. — E carinhosa como uma princesa também.

— E também inteligente — disse Caroline — como uma princesa. Muito mais que Cheyenne.

— Ah, meninas. Vocês! — disse Sophie, rindo. — Parem com isso! Vocês são legais demais comigo.

O problema era que tudo que Caroline e Erica haviam dito era verdade. Sophie *é* bonita, gentil, carinhosa e inteligente.

Mas.

Mas e *eu*? Quero dizer, sei que não me *pareço* exatamente com uma princesa. Não sou tão bonita quanto Sophie nem tão gentil ou carinhosa.

Mas sou tão inteligente quanto ela — talvez até mais! Eu me saí muito melhor que ela na competição de soletrar! E tenho notas melhores do que as de Sophie em matemática e ciências!

Além do mais, sou excelente atriz. Pelo menos, acho que sou. Verdade, minha experiência se restringe àquela única fala na peça do primeiro ano do fundamental.

Mas todos acham que minhas cenas de morte quando brincamos de Rainhas são bem realistas.

E, ainda assim, ninguém ainda tinha mencionado o meu nome para tentar o papel de Princesa Penélope! O que estava acontecendo?

— Você precisa tentar o papel de Princesa Penélope, Sophie — disse Caroline. — Se não tentar, Cheyenne vai conseguir.

E vai deixar todos nós ainda mais malucos.

— É — disse Rosemary. — Não vou suportar Sua Majestade Fedelha.

— Bem — disse Sophie, ajeitando um cacho de cabelo atrás da orelha —, talvez eu tente.

— E você, Allie? — perguntou Rosemary. — Vai tentar o teste para qual papel?

É claro que eu não podia dizer que eu queria tentar o papel de Princesa Penélope. Não agora, quando todos tinham acabado de falar sobre como Sophie seria fantástica naquele papel. Porque podia parecer que eu estava me exibindo por ser mais bonita do que Sophie ou algo assim. E todos sabiam que eu não era. Principalmente eu.

Então só dei de ombros e disse:

— Ah, não sei. Talvez eu tente o papel de uma das criaturas que vivem no Reino da Reciclagem, tanto faz.

— Você não parece estar muito animada com a peça — disse Caroline.

Hum, por que eu estaria, depois que minhas amigas basicamente declararam que a única menina da escola bonita o bastante para interpretar o papel que eu queria era Sophie? Não que eu não amasse Sophie — porque eu totalmente amava —, mas seria legal se as pessoas apenas me dessem a chance de fazer o teste para o papel antes de decidirem que Sophie era perfeita para ele.

Mas, é claro, eu também não podia dizer nada parecido com isso.

— Ah, estou animada — comentei. — Só que ainda não tive a chance de ler tudo. Vou olhar de novo e encontrarei um papel para mim. Até os testes de amanhã, vou saber qual quero.

Só que eu sabia que até os testes do dia seguinte nada ia mudar. Eu ainda ia querer interpretar a Princesa Penélope, o papel que Sophie queria, o papel que todos achavam perfeito para ela.

E se eu me submetesse a um teste para aquele papel também, todo mundo ficaria zangado comigo por tentar roubar o papel de Sophie.

O que eu ia fazer?

LEI nº 4

Se for possível, tente nascer em uma família sem irmãos mais novos Embora eu tivesse lido todo o roteiro de *Princesa Penélope no Reino Reciclagem* quando cheguei em casa naquele dia (depois das aulas de balé), não consegui encontrar nenhum personagem que eu gostasse mais que a Princesa Penélope.

Ah, havia outros papéis para meninas. Havia uma rainha das fadas (ela era a líder das fadas que viviam no Reino da Reciclagem. A rainha das fadas ensina a Penélope como é melhor usar lâmpadas fluorescentes a lâmpadas tradicionais, porque as fluorescentes duram mais e consomem menos energia. Depois ela ajuda Penélope a encontrar o caminho até a casa da fada madrinha).

E havia duas sereias que ensinavam a Penélope sobre a importância de economizar água, tomando banhos mais curtos e desligando a torneira na hora de escovar os dentes.

E havia ainda umas elfas que mostravam a Penélope que sempre deveríamos andar, usar bicicleta, pegar carona ou usar o transporte público em vez de usar o carro, já que isso provoca emissão de carbono. Tinha também um unicórnio que aconselhava Penélope a desligar os aparelhos da tomada quando não estão sendo usados, já que isso também economiza energia.

E ainda, é claro, a fada madrinha de Penélope e a madrasta malvada, a rainha, que vivia em um castelo de plástico e não acreditava em reciclagem, então simplesmente desperdiçava recursos naturais valiosos e espalhava lixo sempre que podia porque acreditava que os cientistas estavam enganados sobre o aquecimento global e que não precisávamos salvar o planeta para a próxima geração (e, já que ela vai matar Penélope mesmo, acho que o raciocínio dela faz sentido).

Mas por que eu ia querer ser um elfo ou uma fada quando podia ser Penélope, que era tão importante a ponto de ter seu nome no *título da peça*?

Por outro lado, não queria que todos ficassem zangados comigo. Eu havia dito

que tentaria outro papel. Então não podia simplesmente chegar e fazer o teste para o papel que Sophie queria.

Podia? Quero dizer, não seria errado?

Eu estava sentada no meu lugar favorito depois do jantar — na bancada da minha janela, com Miau enrolado ao lado —, tentando decidir o que fazer, quando a porta do meu quarto abriu de repente.

No início pensei que fossem os aliens, que tinham vindo me dizer que o transporte para o planeta Voltron estava pronto.

Mas era só o Tio Jay jogando futebol americano no corredor com meu irmão Mark (ainda que minha mãe tivesse dito que eles não poderiam jogar futebol americano no corredor em frente aos quartos. Era uma lei). Ele havia mergulhado para pegar a bola em um passe e bateu na minha porta, fazendo com que ela abrisse.

O barulho alto fez Miau ficar de pé, e o pelo longo se arrepiou tanto que ele ficou parecido com uma bola de pelo cinza e preto listrada com pernas à medida que rondava o quarto, sibilando zangado.

Não era por mal, no entanto. Ele logo se acalmou quando viu quem era.

Eu não me acalmei imediatamente. Fiquei zangada de verdade.

— Parem! — gritei quando o Tio Jay veio rolando pelo chão do meu quarto com Mark atrás, tentando pegar a bola. — Vocês dois sabem que não deveriam estar jogando isso aqui em cima!

— Ora, ora, ora — disse Tio Jay. Ele ficou deitado embaixo de Mark, que já estava com as duas mãos na bola, tentando arrancá-la dos dedos do Tio Jay. — Qual é o problema?

— Meu problema é que eu gostaria de ter alguma privacidade de vez em quando — falei, me aproximando deles assim que Kevin saiu do quarto dele para ver o motivo de tamanha comoção (ele estava no quarto ensaiando a música *It's the hard-knock life*, do musical *Annie*, que ele nem mesmo precisava ensaiar para a Feira Cultural de Boas-Vindas. O jardim de infância estava ensaiando uma música sobre arco-íris. Kevin canta tão alto que dá para ouvir pela casa inteira. O

maior remorso da vida dele, além de não ter calças de veludo, é que ele não pode atuar em *Annie* porque é menino e não existem meninos órfãos em *Annie*).

— O que está acontecendo aí? — quis saber Kevin.

— Nada — gritei e bati a porta para que se fechasse. Não na cara dele exatamente. Mas quase.

— Ei — gritou Kevin atrás da porta fechada. — Eu vou contar. Você não deveria bater a porta na cara das pessoas! É uma lei!

— Bem, e eu vou entregar algumas pessoas — gritei de volta. — Porque elas não deveriam estar jogando aqui em cima!

— Ninguém vai entregar ninguém — disse o Tio Jay, entregando a bola a Mark e se levantando. — Seus pais não estão em casa. Eles foram assistir ao filme sobre o qual sua mãe precisa fazer uma crítica. Então eu estou no comando.

Tio Jay abriu a porta do meu quarto e vi Kevin do outro lado, ele parecia chateado por não estar participando.

— Agora, Allie — disse Tio Jay se virando para ficar de frente para mim —, o que está acontecendo de verdade?

— Nada — gritei. — Quero apenas um pouco de privacidade, como eu já disse!

Em vez de me dar um pouco de privacidade, Tio Jay andou até o banco sob a janela, onde eu havia deixado o roteiro da Sra. Hunter virado para baixo. Ele o pegou e começou a ler.

— Ah, querida — disse ele. — Uma peça. Você faz parte dela, Allie?

— Ainda não — disse Kevin, entrando no meu quarto para, por cima do ombro do Tio Jay, ver o roteiro ainda que: (a) eu não tivesse dado permissão a ele para tal e (b) ele mal conseguisse ler, pois ainda está no jardim de infância. — Ela fará um teste — explicou Kevin. — É a peça que a turma dela vai apresentar na Feira Cultural. Ouvi Allie e as amigas conversando sobre isso enquanto vinham comigo da escola.

Sério. É ponto pacífico: eu *não* tenho privacidade.

Se for possível, tente nascer em uma família sem irmãos mais novos. Essa é uma nova lei que acabei de inventar.

— Isso é ótimo — disse Tio Jay, folheando as páginas do roteiro. — Para qual papel você fará o teste, Allie?

Despenquei no banco da janela ao lado dele. Já havia desistido totalmente da ideia de ter alguma privacidade.

— Bem — comecei —, quero tentar o papel da Princesa Penélope. Mas tem um problema: uma das minhas melhores amigas vai tentar esse papel. E tenho medo de ela ficar zangada comigo se eu tentar também. Todas as minhas amigas ficarão furiosas.

Tio Jay continuou folheando as páginas.

— Por que ficariam zangadas com você? — quis saber ele. — Quando eu estudava teatro, todos sabíamos que qualquer um poderia tentar o papel que quisesse, e que o melhor, ou a melhor, vencesse.

Eu nunca havia pensado daquela forma. Parecia tão... simples. Parecia uma ótima lei.

— Não sei — falei. — Ainda acho que, se eu fizer isso, elas podem ficar zangadas comigo. Porque Sophie... Bem, ela quer mesmo o papel. Além disso, ela simplesmente se *parece* com uma princesa. E eu não.

— Pode repetir isso — disse Mark.

Eu me inclinei para a frente para dar um soco no braço dele, mas Mark se abaixou a tempo e acertei o ar. Mark riu.

— Quem pode dizer como uma princesa deve parecer? — perguntou Tio Jay, ignorando nossa briga. — Já existiram muitas princesas ao redor do mundo: África, Japão, Tailândia, Havaí, e tenho certeza de que nem todas têm o que nós, ocidentais, imaginamos ser a aparência de uma princesa tradicional. Mas isso as deixa mais distantes da realeza? Além disso, estou certo de que sua professora, que imagino deve ser a responsável pela direção dessa bela peça dramática, tem sua própria ideia de como as personagens devem se parecer. Como podemos saber que ela não imaginou você quando escreveu o papel da Princesa Penélope?

Fiquei encarando ele, me sentindo um pouco menos deprimida em relação à coisa toda.

— Você acha mesmo que talvez ela tenha pensado em mim?

Aquilo seria incrível. E na verdade a Sra. Hunter disse uma vez para a minha avó que era uma alegria ter a mim na sua sala de aula. Isso era *um pouco* parecido com ser uma princesa. Tipo.

— Tudo que estou dizendo — respondeu Tio Jay — é que não sabemos. Assim como suas amigas não sabem. Então talvez você deva tentar conseguir o papel se realmente o quer, porque, se não fizer isso, uma parte sua vai sempre ficar imaginando: será que eu poderia ter sido a Princesa Penélope se tivesse tentado? E você não quer passar o resto da vida imaginando o que poderia ter sido, quer?

— Não — respondi, balançando a cabeça. Isso seria horrível. Mas não tão horrível quanto Sophie e as meninas ficarem zangadas comigo.

— E como você pode saber se a sua amiga vai conseguir o papel? — perguntou Tio Jay. — Alguma outra menina pode consegui-lo, não você nem sua amiga.

Eu fiquei sem ar.

— Cheyenne O'Malley quer tentar também! — gritei. — E, se ela conseguir, vai ser péssimo! A gente odeia a Cheyenne!

— É errado odiar as pessoas — disse Mark automaticamente. Mas ele só disse isso porque ouviu na televisão, não porque conhece Cheyenne O'Malley.

— O fato é que — disse Tio Jay — outra garota pode conseguir o papel, uma garota que talvez vocês nem mesmo gostem tanto. Sua amiga não ficaria feliz se você conseguisse o papel em vez de uma garota qualquer da qual vocês nem gostam?

Eu nunca havia pensado naquilo também, mas Tio Jay estava coberto de razão! Quero dizer, e se a Sra. Hunter desse o papel de Princesa Penélope para Cheyenne no final das contas? Como Sophie e as outras se sentiriam?

E poderia totalmente acontecer! Porque estava bem claro que Cheyenne queria o papel tanto quanto Sophie e eu.

— Você deve tentar conseguir o papel de Princesa Penélope, Allie. Mesmo — disse Kevin para mim. — Tenho certeza que Sophie vai perdoar você. — Pensativo, ele acrescentou: — Um dia.

— É — disse Mark. — E, já que provavelmente você não vai conseguir o papel mesmo, quem se importa?

— Ei — repreendeu Tio Jay. — Não precisamos ser negativos com os sonhos dos outros, combinado? Se não nos apoiarmos, quem nos apoiará?

— É — disse eu, lançando um olhar de reprovação para cada um dos meus irmãos.

— Tenho uma ideia — disse Tio Jay. — Vamos mostrar a Allie que a apoiamos ajudando-a a ensaiar para o teste.

— Certo! Como vamos fazer isso? — quis saber Kevin.

— Vamos nos revezar lendo as demais falas enquanto Allie lê as falas da Princesa Penélope — disse Tio Jay. — Assim ela estará preparada para o teste amanhã, porque terá noção de como seus diálogos vão soar.

— Prefiro jogar futebol americano aqui dentro — murmurou Mark.

— Só porque disse isso você será a rainha malvada — disse Tio Jay, batendo com o roteiro no topo da cabeça de Mark.

Então passamos a hora seguinte fazendo o que Tio Jay havia sugerido. Ele e Mark leram todas as outras falas da peça, enquanto eu lia os diálogos da Princesa Penélope. De vez em quando, Tio Jay deixava que Kevin “lesse” uma das falas (na verdade, meu tio sussurrava a fala no ouvido de Kevin, que repetia em voz alta com grande entonação dramática).

— Os americanos usaram cinquenta bilhões de garrafas plásticas de água no último ano — leu Kevin alto (ou repetiu o que Tio Jay havia dito a ele). — Setenta e seis por cento dessas garrafas não foram recicladas. Mais de mil anos serão necessários para que elas se decomponham!

— Oh, não, feiticeiro da garrafa de água reutilizável — gritei. — Eu não imaginava!

— É — disse Kevin. — É por isso que vocês devem reutilizar suas garrafas plásticas. Ou ainda melhor: beber água de um copo!

Quando terminamos de ler a peça toda, senti que compreendia de verdade o papel da Princesa Penélope. Como se eu soubesse o que a fazia ter palpitações, como havia explicado Tio Jay. Ele disse que era importante qualquer ator ou atriz que conhecia seu ofício ter uma conexão tão intensa com o personagem a ponto de saber dizer que tipo de cereal o personagem comia no café da manhã.

Decidi que a Princesa Penélope comeria Count Chocula, porque ela é uma princesa e pode comer o tipo de cereal que quiser (não podemos comer cereal com açúcar em casa, porque minha mãe diz que açúcar nos deixa hiperativos).

Havíamos terminado a peça e estávamos nos arrumando para ir deitar quando perguntei ao Tio Jay por que, já que ele sabia tanto sobre atuar, ele havia decidido não concluir o curso de teatro.

— Ah, é simples — disse ele. — Porque é uma carreira totalmente cruel. Prefiro o clima mais ameno da Escrita Criativa.

E hoje em dia, como não tenho mais ensaios, tenho as tardes livres para passear com os amigos.

Awwww!

Enquanto me deixava levar pelo sono naquela noite, não pude evitar de sentir que eu estava mais bem preparada para o teste do que Sophie ou Cheyenne. Quero dizer, eu havia ensaiado para o papel que eu queria com um ator semiprofissional!

Ou, pelo menos, um ex-estudante de teatro. Eu duvidava muito que qualquer uma delas tivesse feito algo parecido.

E, mesmo se tivessem, elas teriam ouvido conselhos tão bons quanto: imagine o que seu personagem come no café da manhã?

Provavelmente não.

Eu seria a melhor Princesa Penélope que a Sra. Hunter tinha visto. E se o fato de eu conseguir o papel deixasse Sophie chateada, tudo bem. Ela superaria, como

Tio Jay havia dito.

Provavelmente.

LEI nº 5

Que o melhor — ou a melhor — vença

Na manhã seguinte, minha mãe estava de mau humor durante o café da manhã. Ela explicou o motivo: *Réquiem para um sonâmbulo* acabou não sendo um filme tão bom.

— O nome do programa é *Good News!* Boas notícias! — disse ela, preocupada. — Simplesmente não quero que minha primeira crítica seja negativa.

— A boa notícia é que você estará salvando as pessoas de ver aquele carnaval do sono — disse meu pai. — Na verdade, você deveria dar esse nome à sua crítica: *Carnaval do sono*. Sei que funcionou comigo e me botou para dormir.

— E você roncou — disse Mamãe. — Foi a última vez que levei você para assistir aos filmes que preciso ver para resenhar.

— Ah, estou muito triste por ouvir isso — disse Papai, sem soar nem um pouco triste.

Eu também não estava de muito bom humor, mas não porque *Réquiem para um sonâmbulo* era ruim. Estava nervosa por causa do teste. Agora que estava prestes a encarar todo mundo, já não estava mais tão segura de como minhas amigas reagiriam quando descobrissem que eu faria o teste para o papel de Princesa Penélope. Uma coisa era dizer a si mesma antes de dormir que faria algo.

Era bem diferente acordar na manhã seguinte e realmente seguir em frente com aquilo.

Precisei avisar a Mark e Kevin para que não dissessem nada a Erica quando ela nos encontrasse à porta. Sobre eu querer o papel da Princesa Penélope, quero dizer. Expliquei que eu contaria a ela — e a Caroline e Sophie — quando eu achasse que era a hora certa.

Mark me disse que não diria nada se eu desse a ele minha sobremesa do almoço,

algo totalmente injusto porque eu não havia entregado ele sobre a coisa de jogar-futebol-lá-em-cima no final das contas; mas acabei concordando. Kevin disse que não contaria. Ponto final. Foi legal da parte dele, só que eu sabia que ele só estava dizendo aquilo para que eu continuasse levando ele para a escola, porque se eu me negasse a fazê-lo, Mamãe ou Papai teriam que levá-lo e ele não se divertiria tanto quanto se diverte indo comigo — minhas amigas brigam entre si para ver quem vai segurar a mão dele (por algum motivo, elas acham ele fofo).

Só que hoje Caroline, Sophie e Erica estavam todas nervosas demais com o teste para se lembrarem de discutir para ver quem teria o privilégio de segurar os dedinhos suados de Kevin. Erica ainda lia sua cópia do roteiro quando chegou à nossa porta para tocar a campainha.

— Ah, Allie — disse ela quando me aproximei da porta. — Isso vai ser mais difícil do que pensei! A fada madrinha tem tantas falas. Como vou conseguir me lembrar que as sacolas plásticas são feitas de polietileno, que pode levar mais de quinhentos anos para se decomporem e que apenas uma em cada cinco sacolas é reciclada?

— Você não precisa se lembrar de tudo isso hoje — tranquilizei Erica. — Você pode olhar o roteiro no teste. A Sra.

Hunter não disse nada sobre termos que decorar as falas para hoje.

— Sim — disse Erica. — Eu sei. Mas se eu conseguir o papel, terei que me lembrar de todas as falas em algum momento.

E como é que eu vou conseguir fazer isso?

— Sei todas as músicas de Annie de cabeça. — Kevin se meteu quando nos aproximamos do sinal de trânsito, onde eu podia ver Sophie e Caroline esperando por nós. — Simplesmente porque eu as cantei muitas e muitas vezes.

— É isso aí — falei. — A prática leva à perfeição. — Essa é uma lei.

— Vocês estão preparadas para o teste? — perguntou Erica a Sophie e Caroline simultaneamente assim que nos aproximamos delas o suficiente.

— Não, estou tão nervosa — disse Sophie. Ela levantou a mão. — Veja os meus dedos. Estão tremendo tanto que minha mãe pensou que havia algo de errado

comigo e queria me levar ao médico em vez de me deixar ir para a escola.

Era verdade. Os dedos de Sophie *estavam* tremendo muito. Eu me senti ainda pior por estar tentando conseguir o papel de Penélope.

E então me lembrei do que o Tio Jay havia dito — talvez a Sra. Hunter tivesse me imaginado para o papel, ou Cheyenne, em vez de Sophie, e não havia garantia alguma de que ela conseguiria o papel de qualquer forma — e fiquei mais calma.

— Contanto que Cheyenne não consiga — falei. — Certo? — E todos concordaram.

— Sério — disse Caroline. — Eu mal consigo lidar com ela em circunstâncias normais. Mas ela conseguir o papel principal da peça da turma? E o papel de uma *princesa*? Nem pensar! Rosemary estava certa. Precisamos impedir que Sua Majestade, a Fedelha, consiga o papel!

— Precisamos garantir que isso não aconteça — falei.

Mas eu não disse que ia tentar garantir que isso não acontecesse fazendo teste para o mesmo papel.

— Totalmente — disse Sophie.

— Definitivamente — disse Erica.

— Boa ideia — disse Kevin, embora ninguém estivesse falando com ele.

A Sra. Hunter estava realizando os testes no auditório da escola durante o período no qual normalmente teríamos aula de artes. Esperar por tanto tempo — a aula só começava depois do recreio da manhã, durante o qual tivemos que aguentar Cheyenne falando sem parar sobre como estava certa de que conseguiria o papel, porque tinha tanta experiência, e um cabelo tão comprido, e tinha jeito de princesa — foi a morte.

— Resumindo — dizia Cheyenne para todo mundo durante o recreio —, no Canadá, eu na verdade era a atriz principal de todas as peças da minha escola. Interpretei Anne em uma produção da escola, *Anne of Green Gables*. E fui Helen Keller em outra produção da escola, *The Miracle Worker* . Então realmente

mereço o papel de Princesa Penélope, porque já fui a atriz principal de várias outras peças. Eu trouxe meu book e meu currículo para mostrar à Sra. Hunter. Imagino que vocês não tenham trazido book ou currículo, trouxeram?

— Bem — disse Caroline. — Talvez não. Mas todos sabem que Sophie se parece bem mais com uma princesa do que qualquer garota da escola inteira.

Cheyenne deu uma olhada para M e D e começou a rir do que Caroline disse.

— É claro que sim — disse Cheyenne. — Como quiser, Caroline.

Sério, sei que é errado odiar as pessoas, como Mark disse. Mas é meio difícil não odiar Cheyenne.

Quando chegou a hora dos testes, a Sra. Hunter pediu que nossa turma ficasse em fila. Em seguida ela nos guiou até o auditório (que também é o ginásio e a lanchonete. A Pine Heights Elementary é bem antiga). Assim que estávamos sentados (no chão do ginásio, onde às vezes era possível encontrar alguma batata frita amassada que o professor de artes, Sr. Elkhart, tinha deixado cair), cada criança teve permissão de ir até o palco para ler algo do papel que queria interpretar. Isso fez com que o teste fosse muito curto para pessoas como Stuart Maxwell, que só queria interpretar um dos soldados da rainha malvada.

Quero dizer, ele simplesmente veio marchando pelo palco e disse: — Sim, Vossa Majestade! O raio da poluição está pronto! — Aquela era a única fala do soldado.

E, por Stuart, tudo bem, porque ele não queria perder muito tempo decorando falas. Ele queria apenas carregar uma lança e usá-la para ameaçar matar a Princesa Penélope e parecer descolado na noite da Feira Cultural de Boas-Vindas. Sei disso porque o próprio Stuart Maxwell me contou.

Mas, no fim, todas as meninas da nossa sala, com exceção de Rosemary, que queria interpretar um soldado (e Erica, que queria ser a fada madrinha e Caroline, que queria ser o unicórnio), também desejavam interpretar a Princesa Penélope.

Percebemos isso enquanto estávamos sentadas no chão, esperando a nossa vez de subir ao palco e, uma após a outra, as meninas leram a mesma parte da peça: o discurso da Princesa Penélope para sua madrasta sobre a importância de

reciclar e sobre como, se vamos preservar o planeta para as próximas gerações, precisamos deixá-lo mais limpo do que quando o encontramos. Depois disso, a Princesa Penélope num ato heroico se sacrifica para salvar o planeta de ser destruído pelo raio de poluição da rainha malvada (mas a fada madrinha da princesa resolve tudo conjurando um feitiço de proteção que envolve tanto a Princesa Penélope quanto o Reino da Reciclagem em uma redoma protetora feita com bolsas reutilizáveis de pano.

Então o raio de poluição da rainha malvada ricocheteia e acaba acertando a própria rainha no peito, fazendo com que ela caia morta no chão).

Sophie, Caroline, Erica, Rosemary e eu ficamos sentadas juntas durante os testes e batemos muitas palmas para cada uma das garotas durante suas respectivas tentativas, ainda que, para ser bem sincera, a maioria delas realmente tivesse se saído muito mal.

Não quero parecer grossa, mas simplesmente foi assim.

— Ela não está colocando *emoção* alguma na cena — sussurrou Sophie sobre o desempenho de Marianne.

E era verdade. Marianne estava lendo as falas de Penélope do roteiro como se fosse um robô.

— Talvez ela só esteja nervosa — sussurrou Erica, sempre tentando ver o lado bom das coisas.

— *Todas* nós estamos nervosas — sussurrou Sophie.

— Não estou nervosa — disse Rosemary.

— Ela quis dizer que a maioria de nós está nervosa — sussurrou Caroline. — Mas sabemos como não parecer um robô.

Dominique foi a próxima. Ela não parecia um robô, mas também não era nem um pouco boa. Ela leu as falas da Princesa Penélope tão rápido que mal dava para entender o que estava dizendo.

— Obrigada, Dominique — disse a Sra. Hunter.

— Foi péssimo — sussurrou Sophie quando Dominique sentou.

— Foi mesmo. — Tivemos que concordar.

— Sophie Abramowitz? — chamou a Sra. Hunter.

Era a vez de Sophie.

Ela deixou escapar um suspiro. Cada uma de nós segurou e apertou a mão de Sophie para mostrar nosso apoio. As mãos dela estavam muito suadas. Então ela nos soltou, pegou seu roteiro e correu para o palco.

Se Sophie estava nervosa, não deu para perceber pela maneira como leu suas falas. Ela não foi apressada demais e colocou muita emoção naquilo. Ela interpretou uma Penélope totalmente perfeita. Se eu fosse a Sra. Hunter, daria o papel a Sophie. Ela não apenas era bonita, com aquele cabelo encaracolado e aqueles olhos pretos, mas também sabia atuar. Quando ela implorou que a rainha malvada (interpretada pela Sra. Hunter, sentada na plateia) considerasse reciclar pelo bem das futuras gerações, dava para perceber a compaixão dela pelo povo das fadas no tom de voz.

Eu queria apenas que, quando chegasse a minha vez, eu fizesse um trabalho tão bom quanto o que Sophie havia feito.

— Obrigada, Sophie — disse a Sra. Hunter quando ela terminou.

— Foi incrível — dissemos todas quando Sophie voltou.

— Vocês acham mesmo? — perguntou Sophie. — Eu estava tão nervosa que enrolei a língua em diversas palavras.

— Não deu para perceber. Mesmo — disse Erica, e dessa vez ela não estava dizendo para ser legal. Realmente não tinha dado para perceber.

— Cheyenne O’Malley? — chamou a Sra. Hunter, e era a vez de Cheyenne subir ao palco e ler.

— Sra. Hunter — disse Cheyenne, parando em frente à Sra. Hunter a caminho do palco. — Vou ler para o papel da Princesa Penélope. Aqui está meu currículo e meu book.

Começamos a rir baixinho. Não deu para evitar. Um currículo?

— Oh, obrigada, Cheyenne — disse a Sra. Hunter, pegando o papel e as fotos que Cheyenne lhe entregou.

Então Cheyenne subiu ao palco.

— Posso começar? — perguntou ela.

— Pode — respondeu a Sra. Hunter.

E Cheyenne começou.

E paramos de rir. Porque Cheyenne soava tão profissional. Além do mais, queríamos ver o quão melhor do que Sophie ela era. Na verdade, eu achava que Cheyenne se sairia bem porque ela havia se gabado para todo mundo que tinha ensaiado muito.

Mas eu não esperava que ela se saísse tão bem assim. Quero dizer muito, muito, muito bem. Se eu achei que a voz de Sophie palpitava de compaixão pelo povo das fadas, Cheyenne *chorava* pelo povo das fadas. E eram lágrimas de verdade!

Eu não conseguia acreditar. Eu nunca tinha visto alguém chorando no palco daquele jeito. A não ser que, tipo, um machado caísse acidentalmente no dedão de alguém ou algo assim.

— Alguém precisa tirar aquela menina de lá — disse Rosemary. — Ou vou matá-la, quando eu conseguir o papel do soldado malvado.

— Shhh — pediu Sophie. — Estou assistindo.

— Para quê? — perguntou Rosemary. — Ela é horrível.

— Não — sussurrou Sophie, parecendo preocupada. — Ela é realmente muito, muito boa!

Eu também achava que Cheyenne era boa. Ela era tão dramática que todo mundo no auditório estava assistindo de boca aberta, até Patrick Day, que havia trazido seu Nintendo DS escondido. Mas durante alguns minutos, enquanto Cheyenne estava no palco, ele não parecia preocupado com o que acontecia no Super

Mario.

Era quase impossível imaginar alguém que pudesse atuar melhor do que Cheyenne O'Malley. Exceto, talvez, a Miley Cyrus.

Quando terminou a cena, Cheyenne se curvou da mesma forma que uma princesa faria e depois enxugou as lágrimas das bochechas. Um silêncio impressionado perdurou por alguns instantes.

Em seguida todos bateram palmas como loucos.

— Ah, meu Deus — disse Sophie enquanto batia palmas. Ela não estava sorrindo nem nada disso. Era como se ela não quisesse bater palmas, mas tivesse que fazê-lo. Pelo menos, foi assim que me pareceu. — Ah, meu Deus, acho que vou vomitar.

— *Você* vai vomitar? — disse Rosemary enquanto batia palmas. — Como você acha que *eu* me sinto? Não podemos deixar que ela consiga o papel.

— O que podemos fazer para evitar que isso aconteça? — perguntou Caroline. Por estar batendo palmas, dava para disfarçar o quanto sua voz soava desgostosa. — Quero dizer, ela consegue chorar. Estou surpresa que ela não tenha o seu próprio programa de televisão.

— Allie Finkle? — A Sra. Hunter chamou o meu nome em meio ao som das palmas.

Engoli em seco. E com dificuldade.

— Bem — falei, soprando alguns fios de cabelo do rosto. — Acho que depende de mim.

Sophie, Caroline e Erica me encararam assim que levantei. E todas pararam de bater palmas.

— Espere — disse Sophie. — *Você* vai tentar o papel da Penélope?

— Acho que preciso tentar — falei. — Temos que derrotar Cheyenne, certo? E quanto mais gente tentar, melhor. Certo?

Aquela foi a estratégia que eu havia decidido adotar diante delas, na esperança de que entendessem por que eu estava tentando o papel da Princesa Penélope sem que ficassem zangadas comigo. Eu meio que tive a ideia enquanto Cheyenne estava fazendo sua ceninha chorona.

E o mais incrível era que parecia estar funcionando!

— Não seja melhor do que eu! — gritou Sophie.

— Não serei — garanti a ela. — Serei apenas melhor que Cheyenne. — Só que eu estava mentindo, é claro. Eu tinha total intenção de ser melhor do que ambas. Se conseguisse.

Aquilo fazia com que eu fosse uma má amiga? Eu esperava que não! Mas foi como meu Tio Jay disse: que vença a melhor!

— Vai lá, Allie — disse Erica. — Você consegue!

A caminhada até o palco pareceu a mais longa caminhada de toda a minha vida. Como eu não havia percebido o quão longe o palco era do chão do ginásio? A caminho do palco, passei por Cheyenne. Uma expressão estranha surgiu no rosto dela, do tipo *Vá em frente e tente me vencer*.

Bem, adivinha? Eu ia tentar mesmo.

Só havia um problema: meus dedos estavam tremendo ainda mais do que os de Sophie quando a encontrei no sinal de trânsito. Eu mal conseguia segurar o roteiro, meus dedos tremiam muito.

Mas por que eu estava tão nervosa, afinal? Eu venceria Cheyenne e pronto.

E faria isso sem fazer com que a Princesa Penélope fosse uma chorona. Interpretaria o papel exatamente como havia ensaiado com o Tio Jay na noite anterior — a Princesa Penélope era uma garota descolada que salvava o Reino da Reciclagem. E que comia Count Chocula no café da manhã.

Depois que subi ao palco, andei até o centro e me virei para encarar a todos, senti como se eu não fosse mais Allie Finkle.

Eu era a Princesa Penélope. Eu ia lutar pelo trono do meu pai, pela redução das

emissões de carbono e por todas as criaturas que viviam no Reino da Reciclagem. Eu me esqueci completamente de Cheyenne. Ainda que eu pudesse vê-la rindo e sussurrando com as amigas.

Mas aquilo não importava. Porque eu era uma princesa. Por que eu me preocupava com uma menina boba do quarto ano, e com seu book e seu currículo?

Em vez disso, olhei para baixo, na direção do roteiro da Sra. Hunter, e comecei a ler minhas falas num tom claro e forte, garantindo que eu estava projetando minha voz, algo que meu Tio Jay havia me ensinado a fazer — proje *tando*, e não *pro* jetando. Projetar a voz é garantir que ela chegue até o fundo da sala, para que até mesmo os que estão na última fila do teatro consigam ouvir você. Eu tinha bastante certeza de que podia fazer aquilo, pois nunca tive problema em falar alto antes.

Na verdade, tive um problema com a Sra. Harrington, a mãe de Erica. Ela pediu que eu *diminuísse* um pouco meu tom de voz quando estávamos brincando com a casa de bonecas de Erica e fiquei um pouco dramática demais. Eu podia até falar mais alto que Cheyenne, se quisesse. Eu podia falar mais alto que qualquer um.

Eu sabia que minha atuação estava indo bem — e que eu estava projetando corretamente também — porque todos da sala 209 estavam me encarando com as bocas tão abertas quanto quando estavam assistindo ao teste de Cheyenne. Patrick Day havia parado de jogar Super Mario de novo e até mesmo Cheyenne, Marianne e Dominique tinham parado de sussurrar. Li minhas falas exatamente da maneira como havia ensaiado com Tio Jay, colocando muita emoção e profundidade naquilo. O

único problema foi quando achei ter ouvido a Sra. Hunter rir.

Mas por que ela ia rir se a parte que eu estava lendo da peça era uma cena totalmente séria? Meu Tio Jay não havia rido nem uma vez enquanto eu estava ensaiando. E eu ensaiei com ele umas cinco ou seis vezes.

Então, provavelmente, não tinha sido um riso o que eu tinha ouvido.

Quando terminei, houve um instante de silêncio. Depois, assim como havia acontecido com Cheyenne, todos começaram a bater palmas. *Todos*. Até mesmo

Lenny Hsu.

E Lenny odeia qualquer coisa que não seja um dinossauro.

Foi quando descobri uma coisa: tem algo totalmente incrível em ouvir as pessoas batendo palmas para você. É até melhor do que o cereal Count Chocula. É melhor até do que ser chamada de alegria da sala de aula pela sua professora predileta de todos os tempos.

Eu meio que pensei se seria mais legal que salvar a vida de filhotes, como fazem os veterinários.

Quando cheguei ao local onde minhas amigas estavam sentadas, Erica foi a primeira a me pegar pela mão.

— Ah, meu Deus, Allie — gritou ela. — Você foi muito bem! Eu não fazia ideia que você era uma atriz tão boa!

— Obrigada — falei, deixando que ela me puxasse para sentar ao seu lado. Eu estava feliz por ela ter gostado da minha interpretação, mas não consegui evitar de olhar para Sophie. Ela também estava sorrindo, assim como Caroline e Rosemary.

Mas a expressão de Sophie parecia levemente preocupada.

— Você foi totalmente ótima — disse Caroline.

— Muito melhor que Cheyenne — disse Rosemary. — Você acabou com ela.

— Obrigada — repeti. — Meu Tio Jay me ajudou a ensaiar. Ele cursava a faculdade de teatro.

Eu me virei para Sophie, que percebi que não havia dito palavra alguma. Eu estava mais nervosa do que nunca, preocupada que ela tivesse ficado zangada.

E a única forma de lidar com aquilo, eu sabia, era dizer alguma coisa sobre o assunto. *É sempre melhor abrir o jogo do que deixar aquilo envenenar você*. Essa é uma lei.

— Você não está zangada comigo por eu ter tentado o papel de Princesa

Penélope, está, Sophie? — perguntei. — A última coisa que quero é estragar nossa amizade. Mas quando cheguei em casa ontem à noite e li todo o roteiro, pensei que poderia tentar o papel. Mas você também se saiu bem, e sei que vai conseguir de qualquer forma.

... e a melhor forma de evitar que alguém fique zangado com você é elogiando essa pessoa. Ainda que você não acredite naquilo. Essa é uma lei.

Funcionou totalmente com Sophie. Ela sorriu, e toda a preocupação havia sumido do seu rosto.

— Oh, não, Allie, não estou zangada. Entendo. Você só tentou para que a interpretação de Cheyenne parecesse ruim. E

conseguiu. Além do mais, não vou conseguir o papel. Você vai — disse Sophie.

— Não — falei. — Você vai.

— Não — disse Sophie. — Você vai.

— Não — falei. — Você vai.

— Não — disse ela. — Você vai.

— Vocês duas podem parar com isso? — disse Rosemary. — Estão me deixando tonta.

Então o Tio Jay tinha acertado em cheio. Sophie não estava zangada. O que valia realmente no teatro era: que o melhor — ou a melhor — vença.

E agora dependia da Sra. Hunter. Todos nós esperávamos que ela não desse o papel de Princesa Penélope para Cheyenne.

Mas era meio difícil acreditar que ela nem ao menos fosse considerar.

— Quero dizer, ela trouxe um book e um currículo — disse Sophie enquanto andávamos de volta para casa naquele mesmo dia. — E ela chorou. Chorou de verdade. Aquelas lágrimas eram reais. Você sabe, ela podia ter ficado doente por se emocionar daquele jeito.

Todas concordamos. Lembrávamos das lágrimas. Era meio difícil de se esquecer delas. Cheyenne não deixou, para começar. Ela repetiu aquilo diversas vezes ao longo do dia.

— Aprendi essa técnica quando fui *Anne of Green Gables* — havia explicado ela à tarde para qualquer um que quisesse ouvir. — O diretor me falou para pensar na coisa mais triste que já havia acontecido comigo. Então sempre penso em quando minha mãe disse que levaria a mim e a todas as minhas amigas para ver o show dos Jonas Brothers no dia do meu aniversário.

Mas ela não comprou os ingressos a tempo e eles se esgotaram. Então tive que levar minhas amigas para assistir *A bela e a fera on ice* em vez disso. Foi o episódio mais vergonhoso da minha vida. Sempre que penso nisso, meus olhos se enchem de lágrimas. Viram? Está acontecendo agora mesmo.

Olhamos e era verdade. Cheyenne conseguia chorar só de pensar que havia perdido o show dos Jonas Brothers no aniversário dela.

— Eu devia ter chorado — disse Sophie com um suspiro.

— Não — disse Caroline. — Você se saiu bem! Não desanime.

— Você foi a melhor — disse Erica. Em seguida ela se corrigiu: — Você e Allie foram as melhores Penélopes. Totalmente diferentes, mas as melhores. Vai ser difícil a Sra. Hunter decidir. Fico feliz por não estar no lugar dela!

Só que eu não achava que seria difícil a Sra. Hunter decidir nada. Porque eu tinha algo que nem Cheyenne nem Sophie tinham — minha mãe era do *Good News!* Não que isso tivesse alguma coisa a ver com quão bem eu interpretaria a papel da Princesa Penélope!

Mas minha mãe fazia críticas de coisas. Tipo filmes. E por que não peças?

E a Sra. Hunter não ia querer que a peça dela aparecesse na televisão?

Eu não ia lembrar esse detalhe a Sophie, Erica e Caroline. Eu não ia ficar me gabando. Era apenas um fato. Quando minha mãe fizesse sua estreia no *Good News!* naquela noite e a Sra. Hunter assistisse — e eu sabia que ela ia assistir porque mencionei casualmente para ela que minha mãe ia aparecer na televisão quando estávamos entrando na fila para ir para o recreio. Só falei, tipo, “Ei, Sra.

Hunter, sabe da maior?” —, então talvez ela estivesse mais inclinada a me oferecer o papel.

Eu sabia que não era exatamente justo. Mas os maravilhosos olhos castanhos de Sophie e aquele cabelo dela eram? O book e o currículo de Cheyenne tinham sido justos? E ela ter usado o trágico incidente com os Jonas Brothers?

Não há nada justo na vida nos palcos. É brutal, como havia dito o Tio Jay. Se quiser chegar a algum lugar, não pode obedecer às regras.

E essa é uma lei.

LEI nº 6

Amigos tentam fazer com que os amigos se sintam bem

Para comemorar a estreia da minha mãe na televisão, ela fez uma festinha na minha casa. Convidou a família de Erica, incluindo a irmã e o irmão mais velho dela, Missy e John, e meu tio Jay e a namorada dele, Harmony. Todos apareceram um pouco antes da hora do jantar, porque o *Good News!* começa às sete. Meu pai servia seu *chilli* campeão com *nachos* e um drinque especial para os adultos, que vinha num copo engraçado no formato de um cacto. Nós, as crianças, só podíamos beber o bom e velho suco de sempre.

— Vamos brindar à estreia de Liz — ficavam dizendo eles enquanto os copos tilintavam. Em seguida todos riam como loucos.

Harmony estava positivamente impressionada com o novo trabalho da minha mãe. Ela está estudando para ser jornalista na mesma faculdade onde minha mãe e meu pai trabalham, e onde o Tio Jay também estuda. Ela confessou ser uma grande fã do *Good News!*

— Você já conheceu Lynn Martinez? — perguntou Harmony à minha mãe. Lynn Martinez é a âncora do *Good News!*

— Sim — disse minha mãe. — Ela é muito legal.

— Posso apostar que sim — disse Harmony. — Você acha que consegue um estágio para mim com ela no próximo verão?

— Hum — disse Mamãe —, talvez. Vou perguntar.

— Obrigada. Seria muito importante para mim — disse Harmony.

— Isso é tão empolgante — dizia Erica enquanto engolíamos *nachos* (o meu não tinha molho algum, no entanto, por causa da minha lei sobre nunca comer nada vermelho). — Você não está animada, Allie?

— Estou totalmente animada — falei.

Todos estavam animados, exceto a irmã de Erica, Missy, que não parava de mandar mensagens de texto para os amigos, e o irmão dela, John, que estava jogando futebol americano com meu irmão, Mark, no andar de cima (eu tinha certeza disso por causa dos barulhos de pancada, mas minha mãe ainda não tinha percebido).

— Você não está animada, Missy? — perguntou Erica à irmã.

— É — disse Missy, parecendo qualquer coisa menos animada. Ela nem desviou o olhar da tela do celular. — Estou tão animada que corro o risco de morrer de animação.

— Ela não está falando sério — disse Erica, se desculpando. — Ela está muito animada. Ser sua vizinha é como ser vizinha de uma estrela de cinema.

— Eu sei — respondi. Quero dizer, eu não queria ficar me gabando. Mas era verdade.

— Ei, gente. Está no ar, está no ar — chamou a Sra. Harrington, que estava mais animada do que todo mundo, da sala onde ficava a televisão. Então corremos até lá.

E lá estava minha mãe, na TV!

É incrível ver a própria mãe, alguém que você conhece a vida inteira, num programa famoso da televisão. Ela parecia ótima, e nem um pouco nervosa. Era difícil ouvir o que ela dizia, porque todo mundo estava gritando muito alto, mas, basicamente, acho que ela estava dizendo que não recomendava que assistissem a *Réquiem para um sonâmbulo*, e os motivos.

— Se estiver procurando um filme pretensioso e moralista para gastar 10,50 dólares, eu não poderia deixar de recomendar *Réquiem para um sonâmbulo;* um carnaval do sono — disse minha mãe, sorrindo para a câmera. — Ou você pode economizar ficando em casa para assistir ao *Good News!* em vez disso.

Assim que apareceu na tela, minha mãe da vida real começou a dizer: — Ah, não! — E colocou ambas as mãos sobre a boca.

— Qual o problema, Liz? — perguntou Papai, rindo. — Você está ótima.

— Você está linda, Elizabeth — disse a Sra. Harrington. — Essa cor cai muito bem em você.

— Eu escolhi para ela — disse Kevin, orgulhoso.

Mas minha mãe ainda parecia apreensiva.

— Eles não têm verba para um maquiador — disse ela. — Então eu mesma fiz isso. Lynn ficou dizendo que eu deveria caprichar porque as luzes costumam deixar o rosto lavado, mas eu não fazia ideia...

— Você está bonita, mãe — falei.

Mas Mamãe apenas disse:

— Onde estão meus cílios? Eu pareço um coelho.

— Você não parece um coelho — falei, espiando a televisão. Ela não se parecia com um coelho. Mesmo. Além do mais, mesmo que parecesse, não seria algo bom? Coelhos são fofinhos, meigos e todos os amam. Ainda que eles façam cocô na sua mão.

— Rá — disse Missy, desviando o olhar da tela do celular. — Você meio que parece um coelho, Sra. F.

John e Mark tinham descido até a sala da TV para ficarem conosco. John começou a rir.

— John Junior! Melissa Ann! — disse a Sra. Harrington. — Querem ir para casa agora mesmo?

— Sim — respondeu Missy.

— Ignore-a, Elizabeth — disse o Sr. Harrington. — Você está ótima. E muito obrigado, seguindo seus conselhos, direi a todos no meu escritório que não vejam *Réquiem para um sonâmbulo*.

Meu Tio Jay trouxe outro drinque especial para a minha mãe.

— Para a estrela! — disse ele.

Mamãe bebeu seu drinque especial de um só gole, praticamente.

— Acho que vou sair por um instante para respirar um pouco de ar fresco.

O telefone começou a tocar e Kevin correu para atendê-lo.

— Alô, Kevin Finkle falando — disse ele. Nós devíamos atender ao telefone daquele jeito (só que eu dizia “Allie Finkle falando” e Mark dizia “Mark Finkle falando”. É uma lei).

— Mãe — gritou Kevin depois de recolocar o fone no gancho. — Era a Sra. Hauser. Ela ligou para dizer que viu você na televisão e que você estava linda!

— Maravilha — disse minha mãe. Mas o tom de voz dela não demonstrava que ela achava mesmo uma maravilha.

— Liz, calma — disse Papai. — Você está exagerando.

— Estou mesmo, Tom? — perguntou minha mãe. — Estou mesmo? De verdade?

O telefone tocou de novo. Kevin correu para atender.

— Kevin Finkle falando.

— Allie — chamou ele um segundo depois. — É Caroline.

Eu e Erica corremos até o telefone.

— Alô? — falei, segurando o fone de um jeito que Erica pudesse ouvir também.

— Ai, meu Deus, Allie — gritou Caroline. — Acabamos de ver sua mãe...

— Também estou aqui, Allie. Estou na casa de Caroline, na extensão do telefone — gritou Sophie.

— ... e ela estava tão engraçada — disse Caroline.

— E tão bonita! — disse Sophie.

— Ela acha que parecia um coelho — expliquei.

— Por que ela pensaria algo assim? — perguntou Caroline.

— Não sei — respondi. — Ela acha.

— Ela não se parecia com um coelho. Estava totalmente bonita — disse Sophie. — Liguei para minha mãe e ela também achou. E achou que o que ela disse sobre o filme foi totalmente engraçado.

— Meu pai também achou — disse Caroline. — Ele estava rindo. Não foi, Sophie?

— Estava — disse Sophie.

— Que bom — falei. — Vou contar para a minha mãe.

— Então, nos vemos no sinal amanhã? — perguntou Caroline.

— Sim — respondi.

— Estou nervosa por causa da peça — disse Sophie. — Estou tão nervosa que não consigo comer. Minha mãe está preocupada de eu estar desenvolvendo uma úlcera. Estou com muito medo de que Cheyenne consiga o papel de Princesa Penélope.

— Ela não vai conseguir — disse Erica.

— Não vai — repeti, embora não tivesse certeza daquilo. Ainda assim, *amigos tentam fazer com que os amigos se sintam bem*. Essa é uma lei. — Ela é uma grande chorona.

— Talvez a Princesa Penélope *deva* ser uma chorona — disse Sophie.

— Não — falei. — Princesas não devem chorar. Princesas são fortes. Têm que ser, pelas fadas das lâmpadas fluorescentes e pelos elfos do transporte que precisam proteger.

— Oh — disse Sophie. — Nunca pensei nisso.

A luz de ligação em espera acendeu.

— Tem outra ligação na linha — falei. — Preciso desligar.

— Certo — disse Caroline. — Vejo você amanhã.

— Até amanhã — falei, desligando. — Allie Finkle falando — disse eu para quem quer que estivesse do outro lado da linha.

— Alô, Allie Finkle — disse a moça. — Aqui é a amiga da sua mãe, Joyce, do trabalho. Ela está? Eu gostaria de dizer que ela se saiu muito bem no *Good News!* agora mesmo.

— Claro — falei. — Vou chamá-la.

Então, estava começando. Basicamente, a primeira aparição da minha mãe na TV fora há menos de *cinco minutos* e ela já era uma celebridade! A dramática mudança na minha vida estava prestes a começar.

É claro que, depois que todos foram embora, meu pai me fez ajudar a colocar a louça na lava-louças.

Mas eu nem liguei, porque em breve, eu sabia, teríamos uma empregada para fazer isso tudo, assim como a Mary Kay Shiner. Talvez até mesmo um mordomo. Quero dizer, não era esperado que a família de uma importante estrela da televisão enchesse ou esvaziasse seu lava-louças! Isso seria ridículo. Dessa semana em diante, eu provavelmente nunca mais teria tarefa alguma a cumprir.

Foi muito difícil dormir naquela noite. Simplesmente porque Miau estava tão agitado por causa da festa (ele adorava companhia) que ficava pulando pelo meu quarto, jogando sua bolinha de catnip de um lado para outro. Era muito, muito irritante, mas ele ainda era pequeno demais para ficar lá fora, principalmente à

noite.

Para piorar, eu não conseguia parar de pensar na minha nova vida como filha de uma estrela da televisão. Quando eu chegasse na escola, provavelmente as outras crianças se amontoariam ao meu redor e coisas do tipo. Seria muito difícil dar aqueles autógrafos todos sem ficar com cãibra no pulso, mas eu simplesmente teria que tentar. Eu não queria que pensassem que eu era esnobe como Cheyenne!

Em seguida seria o momento no qual eu talvez — provavelmente — conseguisse o papel de Princesa Penélope. Isso com certeza deixaria as pessoas com ainda *mais* inveja de mim. Quero dizer, se eu conseguisse. O que talvez não acontecesse. Mas provavelmente aconteceria. Eu precisaria ser solidária com Sophie quando ela começasse a chorar por não ter conseguido o papel de Princesa Penélope.

Eu não seria nem um pouco solidária com Cheyenne, entretanto. Porque eu não ligava nem um pouco para ela.

Embora eu acreditasse que nunca mais conseguiria dormir, devo ter conseguido, porque, quando acordei na manhã seguinte, Miau estava massageando e embaraçando meu cabelo como sempre. Com cuidado, desenrolei as unhas dele do meu cabelo e me vesti, colocando minha melhor legging roxa, saia jeans, camisa de gola alta e meu casaco de capuz mais colorido. Eu sabia que era importante estar bem-vestida no primeiro dia como filha de uma estrela da televisão, ainda mais sendo a estrela da peça da minha turma... mas não bem-vestida demais. Eu *realmente* não queria que as pessoas pensassem que eu era metida.

Porque é isso que acontece quando se é uma estrela *etc.* A maioria te ama.

Mas algumas pessoas não conseguem superar a inveja. Nas revistas de adolescente de Missy, eles alertam sobre coisas assim o tempo todo.

Quando Erica veio me buscar para irmos caminhando até a escola, ela não pareceu notar o quão cuidadosa eu fora escolhendo minhas roupas nem o belo penteado que eu tinha feito no cabelo, usando várias presilhas coloridas e brilhantes.

Mas tudo bem. Percebi que ela não tinha notado porque eu tinha sido muito sutil

em relação àquilo.

E, quando chegamos ao sinal de trânsito, Caroline e Sophie também não notaram nada. Tudo bem também.

— Allie, sua mãe se saiu tão bem ontem à noite — disse Caroline, em vez de mencionar alguma coisa sobre meu novo visual.

— E ela estava bonita — disse Sophie.

— Eu sei — disse Erica. — Estava bonita mesmo, não? Eu não achei que ela estava parecida com um coelho. Não mesmo.

— Fico pensando em quantas pessoas a viram — falei. Aquilo não era o que eu queria saber, na verdade. O que eu queria mesmo saber era se a Sra. Hunter vira minha mãe e se tinha ficado tão impressionada com a veia teatral da minha família que havia decidido dar a mim o papel da Princesa Penélope.

— Provavelmente a cidade inteira a viu — disse Erica.

— Todos que não estavam assistindo ao *Entertainment Tonight* — disse Caroline.

— Ninguém vê aquele programa — disse Sophie com desdém. — É chato.

— Missy assiste — disse Erica. — Ela sempre quer saber o que suas celebridades favoritas estão fazendo.

— Ah, bem — disse Sophie. — Missy. — E revirou os olhos.

Àquela altura já havíamos chegado à escola e Kevin, explodindo de vontade de contar ao jardim de infância sobre a nossa mãe, largou as mãos de Erica e Caroline e saiu correndo em direção ao ginásio gritando: — Minha mãe apareceu na televisão ontem à noite!

Encolhida de vergonha, olhei ao redor procurando um lugar para me esconder. Mas era tarde demais. Algumas garotas do quinto ano, que viviam de olho em Kevin para saber com qual roupa maravilhosa ele tinha vindo, vieram na minha direção no mesmo instante. Uma delas, que tinha cabelos ruivos presos para trás com grampos da Hello Kitty, perguntou: — Do que ele está falando?

— Ah — falei. Aquilo não estava nos meus planos. Onde estava minha longa limusine branca? E onde estavam meus guarda-costas para me proteger dos paparazzi? — Nada.

— Não é nada — disse Sophie, animada. — A mãe dela é a nova crítica de cinema do *Good News!* Ela apareceu na TV

ontem à noite. Ela disse que aquele filme novo, *Réquiem para um sonâmbulo,* era pretensioso e um carnaval do sono.

A menina de cabelos ruivos do quinto ano pareceu surpresa.

— Aquela era sua mãe? — perguntou ela. E chamou outras meninas do quinto ano que estavam no ginásio. — Ei, Katie.

Adivinha? A mãe do pequeno pirata é a nova crítica de cinema do *Good News!*

A garota do quinto ano que ela havia chamado parou de digitar no celular e correu para onde estávamos paradas. As amigas que estavam com ela guardaram seus celulares e vieram correndo também.

— Tá brincando — disse Katie para mim. — Aquela era sua mãe?

— É — falei. Eu não podia acreditar que aquelas alunas do quinto ano estavam realmente falando comigo. E, pela primeira vez, o assunto não era o meu irmão chegando na escola com uma roupa engraçada.

— Isso é muito legal — disse uma garota do quinto ano que usava calça jeans com pedras bordadas. — Sobre qual filme ela vai falar agora?

— Não sei — respondi. Eu não podia acreditar que finalmente estava acontecendo. Eu estava me tornando famosa. *E eu nem havia sido sequestrada por aliens ou escolhida como Princesa Penélope ainda!*

— O que está acontecendo ali? — perguntou alguém e todos nós olhamos ao redor e vimos Cheyenne e as amigas, M e D, se aproximando. Cheyenne parecia muito zangada. Por que ela estava tão zangada daquele jeito? Será que a Sra. Hunter já havia contado a ela quem tinha conseguido o papel de Princesa Penélope e ela não havia sido a escolhida? Mas como ela podia saber? A aula nem tinha começado.

— A mãe dessa menina é a nova crítica de cinema do *Good News!* — disse a menina ruiva do quinto ano a Cheyenne, apontando para mim.

Cheyenne me olhou e fez uma careta.

— E daí? Eu nunca nem ouvi falar nesse programa.

Caroline, Sophie, Erica e eu nos entreolhamos. Quem nunca tinha ouvido falar no *Good News!* ? Era, tipo, o programa de televisão mais famoso de todos os tempos na nossa cidade.

Dava para perceber que todas as meninas do quinto ano pensavam como nós, porque elas começaram a rir. E não com Cheyenne. Mas de Cheyenne.

— Você nunca ouvir falar no *Good News!* ? — perguntou a garota que tinha a calça jeans bordada de pedras. — É só o programa de televisão mais popular da cidade. Qual é o seu problema?

O rosto de Cheyenne ganhou um tom engraçado de cor-de-rosa. A questão era a seguinte: as meninas do quinto ano eram as mais descoladas da escola. A pior coisa que poderia acontecer era elas rirem de você. Era quase tão ruim quanto Cheyenne rir de você.

— Bem — disse Cheyenne, empinando o queixo. — Eu sou do Canadá. Lá não passa esse programa.

— Bem, você vive aqui agora, não é mesmo? — perguntou a ruiva do quinto ano. — É melhor começar a assistir ao programa, se quiser ficar por dentro do que está acontecendo.

Depois de dizer aquilo, a menina do quinto ano deu meia-volta e foi embora.

Enquanto isso, o rosto de Cheyenne tinha ficado totalmente vermelho. Porque, é claro, ela achava que já estava por dentro do que estava acontecendo. Descobrir que, na verdade, ela não sabia era uma grande surpresa para Cheyenne. Era uma surpresa tão grande que até as amigas dela, Marianne e Dominique, riram diante da revelação.

Aquilo fez com que Cheyenne se virasse e dissesse às duas:

— Calem a boca! — Em seguida ela projetou o quadril para a frente, pôs a mão na cintura e continuou: — Bem, acho que ficaremos por dentro do que está acontecendo quando a Sra. Hunter nos disser quem conseguiu o papel de Princesa Penélope hoje, não é mesmo, Allie?

Então. No fim das contas, ela ainda não sabia. Quando ela entrou, só estava zangada porque as meninas do quinto ano estavam dando atenção a nós, e não a ela. Só isso.

— Acho que sim — falei.

Na minha cabeça, complementei: *e eu serei a escolhida*. Mas não disse aquilo em voz alta porque eu não queria que Sophie se sentisse mal. Eu sabia o quanto ela queria interpretar a Princesa Penélope e que ela provavelmente ia chorar quando descobrisse que eu havia conseguido o papel, não ela. Amigos não fazem com que seus amigos se sintam mal de propósito.

Essa é uma lei.

E também era por isso que Cheyenne não era nossa amiga. O tempo todo ela tentava fazer com que nos sentíssemos mal. E

nenhuma de nós nunca havia feito nada a ela além de tentar ser legal.

Eu mal podia esperar até a Sra. Hunter contar a todos que eu tinha conseguido o papel da Princesa Penélope. Claro, ia ser triste quando Sophie chorasse.

Mas seria *incrível* quando Cheyenne chorasse. E, dessa vez, as lágrimas dela não seriam de mentirinha.

LEI nº 7

Ninguém gosta de um mau perdedor

— Eu a odeio — disse Sophie depois que Cheyenne saiu de repente.

— Não, você não odeia — disse Erica, sempre tentando contemporizar. — É errado dizer que odeia alguém. Até mesmo Cheyenne.

Só que eu não concordava com aquilo. Nem Sophie, pelo que eu estava vendo.

— Eu ainda a odeio — continuou Sophie. — Se ela conseguir o papel de Princesa Penélope, vou pedir transferência para outra escola.

Ah, não! Será que se *eu* conseguisse o papel, Sophie pediria transferência também?

— E se Dominique conseguir? — perguntei com cuidado, para tentar descobrir.

— Ela não vai conseguir — disse Sophie, fungando. — O teste dela foi uma porcaria.

Opa. Aquilo era péssimo. Se a Sra. Hunter me desse o papel — e ela provavelmente o faria —, uma das minhas melhores amigas deixaria de ser uma das minhas melhores amigas e pediria transferência para outra escola! Ah, por que fui ouvir os conselhos do Tio Jay e tentei o papel de Princesa Penélope para começo de conversa? O Tio Jay dava os piores conselhos do mundo. Bem, só às vezes.

Logo em seguida, o sinal tocou e era hora de ficar em fila para entrar no colégio. Enquanto nos colocávamos em fila, a Sra.

Hunter percebeu que eu estava olhando para ela e sorriu. Acho que aquilo queria dizer que eu tinha conseguido o papel de Princesa Penélope, mas minhas esperanças foram massacradas quando ela disse apenas: — Vi sua mãe ontem na televisão, Allie. Ela estava muito bonita.

Maravilha! A Sra. Hunter achava que minha mãe estava muito bonita na televisão! E tinha dito aquilo na frente da turma inteira! E tão alto que Joey Fields disse:

— Sua mãe apareceu na televisão, Allie? Por que você não me contou? — E depois Stuart Maxwell tentou tirar minha echarpe e jogá-la escadaria abaixo enquanto subíamos, mas Rosemary a pegou a tempo e me devolveu.

— Sua mãe foi bem — disse Rosemary. — Mas os olhos dela estavam meio engraçados.

Eu a encarei.

— O quê?

— Os olhos dela estavam engraçados — disse Rosemary. — Parecia um ratinho ou algo assim.

— Não estavam, não — falei.

— Tudo bem — disse Rosemary. — Eu só estava dizendo. Não há nada de errado com um ratinho.

O que Rosemary estava dizendo? Minha mãe não estava parecida com um rato. Não mesmo. Certo, talvez ela fosse mais bonita na vida real do que na televisão. Mas era assim com todo mundo. Meu reflexo no espelho era diferente de como eu parecia nas fotos da escola, não é verdade (normalmente no espelho eu parecia melhor, porque os fotógrafos da escola sempre me pegavam com uma expressão boba, rindo)?

De qualquer forma, a Sra. Hunter dizer que minha mãe estava muito bonita na televisão era um sinal positivo de que eu havia conseguido o papel da Princesa Penélope. Quero dizer, não era? Bonita é algo bom e algo bom é algo alegre, e uma vez a Sra. Hunter disse que era uma alegria me ter na turma dela. Então aquilo praticamente queria dizer que eu tinha conseguido o papel.

Então a Sra. Hunter pediu que nos sentássemos porque ela tinha um comunicado a fazer. E todos nós sabíamos o que aquilo significava:

Ela ia anunciar o elenco de *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem*.

Dava para ouvir o Tio Jay esquentando uma fatia de pizza do dia anterior no micro-ondas de seu apartamento, a seis quadras dali, de tão silenciosa que a sala 209 estava quando a Sra. Hunter desdobrou o papel com as informações sobre o elenco. Todos estavam muito ansiosos para descobrir os papéis que tinham conseguido.

— Primeiramente — disse a Sra. Hunter —, deixem-me dizer uma coisa: achei que todos vocês se saíram muito bem nos testes de ontem. Vocês estavam bem preparados, se esforçaram e eu realmente admiro isso. Eu gostaria de poder dar a cada um o papel que gostariam de interpretar, mas não pude, então, em vez disso, dei a cada um de vocês o papel que acredito, conhecendo-os tão bem quanto conheço, que vai permitir que vocês se sobressaiam, dando a ele a melhor interpretação. Agora vou começar com os soldados da rainha malvada.

Gritinhos e cumprimentos empolgados foram ouvidos quando Stuart Maxwell, Patrick Day e alguns outros meninos — e Rosemary — descobriram ter conseguido os papéis que queriam (bem, Patrick e Stuart não ficaram muito animados quando descobriram que Rosemary também seria um soldado, já que aquilo significava que eles não fariam tanta bagunça quanto gostariam. Mas ela ficou bem animada).

A Sra. Hunter continuou, anunciando quem havia ficado com o papel de garrafa plástica reutilizável, algo que Joey Fields queria muito. Sem surpreender a ninguém, já que Joey F. foi o único que tentou aquele papel, ele conseguiu. Joey fechou os olhos e balbuciou um silencioso *Éééé!*

Em seguida, Lenny Hsu soube que conseguiu o papel de dragão de papel reciclável (novamente, ele havia sido o único a tentar). Ele mal desviou o olhar de seu livro sobre dinossauros quando soube que conseguiu.

Caroline pareceu aliviada quando descobriu que interpretaria o unicórnio tire-da-tomada-quando-não-estiver-em-uso. Foi o papel para o qual ela fizera o teste. Eram pouquíssimas falas, exatamente o que Caroline queria. Ela só precisava trotar pelo palco e apontar com seu chifre para a direita, na direção da floresta mágica, e explicar à Princesa Penélope que tirar os aparelhos eletrônicos das tomadas quando eles não estão em uso economiza quase meio quilo de dióxido de carbono e 256

dólares por ano por casa. Acho que, assim como nós, a Sra. Hunter havia ficado impressionada com a cavalgada de Caroline, porque afinal ela deu o papel para Caroline.

Mas depois a Sra. Hunter leu os nomes de algumas pessoas que certamente *não* estavam satisfeitas com os papéis que conseguiram... tipo, algumas das meninas que tentaram o papel de Princesa Penélope. Elas ficaram impressionadas ao descobrir que, em vez de escaladas para interpretar a princesa, ganharam papéis como os elfos do transporte público ou as sereias da preservação dos mares. Parecia que Dominique e Marianne iam começar a chorar a qualquer momento quando descobriram que seriam as fadas das lâmpadas fluorescentes. Vi quando Cheyenne lançou sorrisos falsos de compaixão na direção delas. Eu sabia que eram falsos porque Cheyenne é incapaz de sentir compaixão verdadeira por qualquer um além de si mesma. E eu sabia que ela só estava esperando ouvir o próprio nome acompanhado das palavras “vai interpretar o papel de Princesa

Penélope”.

Bem, pelo que eu sabia, Cheyenne podia esperar até que as vacas voassem, mas a Sra. Hunter *nunca* diria aquelas palavras. Porque aquele papel já era meu.

Então a Sra. Hunter disse:

— O papel de fada madrinha das sacolas de compras de tecido será interpretado por Erica Harrington.

Erica engasgou antes de se virar no assento e olhar para mim.

— Iei! — balbuciou ela, feliz.

— Iei! — balbuciei de volta. Eu estava realmente feliz por Erica, porque ela queria muito interpretar a fada madrinha.

— O papel de rainha das fadas — continuou a Sra. Hunter — será interpretado por Cheyenne O’Malley.

Cheyenne não tinha sido a única pessoa da sala 209 a engasgar ao ouvir aquilo — mas talvez tenha sido a única pessoa que não engasgou de um jeito bom. Dava para ver que ela estava horrorizada.

— Sra. Hunter — disse Cheyenne, a mão levantada. — Acho que está havendo algum engano. Não foi para esse papel que eu fiz o teste. Fiz o teste para ser a Princesa Penélope!

— Sei disso, Cheyenne — disse a Sra. Hunter. — Mas, baseando-me em sua interpretação ontem, acho que você vai se sair melhor sendo a rainha das fadas, que é um excelente papel também.

Cheyenne ficou de boca aberta. Os olhos dela também se arregalaram um pouco.

— Mas esse não é o papel *principal* — disse Cheyenne. — Sempre interpretei o papel principal nas peças em que trabalhei. No Canadá, pelo menos.

— Bem, imaginei você como a rainha das fadas desde a criação da peça — disse a Sra. Hunter. — É um papel adorável.

Você vai poder usar muito brilho e um par de asas, acompanhadas por um belo vestido e uma tiara com luz fluorescente. Além do mais, você vai ser a líder das outras fadas da peça.

As outras fadas, Marianne e Dominique, olharam esperançosas para Cheyenne, como se dissessem: *Ei, lembra da gente?*

Queríamos interpretar a Princesa Penélope e também estamos presas a essas fadas das lâmpadas fluorescentes. Alô!

Quero dizer, pelo menos Cheyenne seria a *rainha* das fadas das lâmpadas fluorescentes.

Mas Cheyenne mal olhou na direção delas.

— Não quero ser a rainha das fadas — disse Cheyenne. — Quero ser a Princesa Penélope. E vou contar para minha mãe!

Então, Cheyenne cruzou os braços, virou o rosto para olhar pela janela e nos dispensou.

E a Sra. Hunter disse:

— Bem, é uma pena ouvir isso. Avise a sua mãe que estou esperando que ela entre em contato, como sempre. — E voltou sua atenção para a lista.

Faltavam apenas dois nomes para serem lidos pela Sra. Hunter — o meu e o de Sophie. E eu sabia por quê.

Era óbvio: eu havia conseguido o papel de Princesa Penélope. E não conseguia lembrar qual era o outro papel que ainda não havia sido definido, mas estava claro que Sophie conseguiria esse papel...

E tão claro quanto aquilo era que Sophie ia chorar quando descobrisse que eu seria a Princesa Penélope, e não ela.

Então eu não podia ficar muito animada quando descobrisse. Ainda que, por dentro, é claro, eu estivesse esfuziante de alegria.

Ninguém gosta de um mau perdedor como Cheyenne. Essa é uma lei.

Mas ninguém gosta de um mau vencedor também. Essa é outra lei.

Então, se você vencer, é falta de educação ficar comemorando ou esfregando sua vitória na cara dos outros. É importante aceitar a vitória com modéstia.

Depois você pode comemorar o quanto quiser sozinha, onde os perdedores não podem te ver (essa é outra lei).

— Allie Finkle — leu a Sra. Hunter, olhando a lista.

Eu me inclinei um pouco para a frente na minha cadeira, tentando me controlar. Eu não ia pular nem nada disso, ou subir em cima da mesa para fazer uma dancinha da vitória parabenizando a mim mesma.

Mas talvez eu fizesse um gesto comemorativo. Bem discreto. Quero dizer, eu podia comemorar *um pouco*. Afinal de contas, eu fiz por merecer. Eu havia me esforçado naquele teste!

— Você será a rainha malvada — disse a Sra. Hunter.

Iei...

Espera aí. Como é?

O que ela acabou de dizer?

— Que legal, Allie — sussurrou Rosemary, do fim da fileira de cadeiras. — Faremos várias cenas juntas!

— E o papel de Princesa Penélope — continuou a Sra. Hunter — é de Sophie Abramowitz.

Em seu lugar, algumas fileiras à minha frente, Sophie deixou escapar um gritinho. Depois ela pôs as mãos sobre a boca e disse:

— Ah, minha nossa! Ah, meu Deus... eu? Eu?

— Sim, Sophie — disse a Sra. Hunter com um sorriso. — Você. Agora, turma, não temos muito tempo. Gostaria que todos começassem a decorar suas falas agora mesmo. Quero que estejam decoradas até o fim da semana, no máximo.

Agora peguem o livro de matemática e abram na página duzentos e dez. Vamos trabalhar com frações esta manhã.

Só que eu não peguei meu livro de matemática. Nem o abri na página duzentos e dez.

Porque eu não conseguia me mover. Eu não conseguia acreditar. Quero dizer, eu simplesmente *não conseguia acreditar!*

Eu havia feito o teste para o papel da Princesa Penélope — eu tinha me esforçado muito, muito, muito no teste — e, ainda assim, de alguma forma, acabei sendo a *madrasta malvada* da princesa?

Como algo assim podia ter acontecido?

Quero dizer, não quero ofender ninguém, mas eu tinha sido a melhor Princesa Penélope no teste. E não estou me exibindo quando digo isso. Eu havia ensaiado com um profissional do teatro (bem, um dia ele foi). O Tio Jay tinha totalmente me instruído. Eu não havia exagerado como Cheyenne. E até fiz a Sra. Hunter rir durante o meu teste!

E, tudo bem, talvez ela não devesse ter rido. Mas qual é!

E eu sei que não me pareço com uma princesa como Sophie. Não sou totalmente bonita, do jeito tradicional, como Sophie.

Mas sei que sou uma atriz melhor. E não estou dizendo isso para ser malvada. E eu nunca diria isso na frente de Sophie.

Mas nada disso muda a verdade. E eu sei.

Então por que a Sra. Hunter — a minha Sra. Hunter, a melhor professora que eu já tive — me deu o *pior papel da peça*? O

papel da malvada e perversa feiticeira que durante toda a peça fica tentando matar não somente a bela heroína como todos os outros habitantes do Reino da Reciclagem? Uma personagem que joga lixo na rua? Uma personagem que pensa que o aquecimento global não existe, ainda que 98% dos cientistas digam o contrário, e que não entende que é possível salvar uma árvore reciclando uma pilha com um metro de jornais? A personagem que todos odeiam? Por quê? POR

QUÊ?

Não fazia sentido algum. Eu havia feito alguma coisa que provocou o ódio da Sra. Hunter? Eu não conseguia me lembrar de ter feito nada que pudesse ter feito a Sra. Hunter me odiar. Mas talvez eu tivesse feito, por acidente ou sei lá. Talvez eu a tivesse decepcionado de alguma forma e, para se vingar ou me dar uma lição, ela estava me dando aquele papel tão horrível.

Ou talvez... talvez a Sra. Hunter estivesse zangada com a minha mãe. Talvez a Sra. Hunter tenha gostado muito de *Réquiem para um sonâmbulo* e estivesse zangada porque minha mãe disse que aquele filme era pretensioso e moralista.

Mas não... não fazia sentido. Ela havia dito que a participação da minha mãe no *Good News!* tinha sido boa e que ela estava bonita. Por que ela teria dito isso se na verdade não concordasse com a crítica da minha mãe?

Não. Devia ser comigo. Devia ser a mim que a Sra. Hunter odiava.

Eu queria chorar. Alguns instantes atrás, eu estava dizendo a mim mesma para não comemorar muito para não magoar a minha melhor amiga.

E agora lá estava eu, sentada e tentando não chorar em frente da sala inteira.

Quase isso, porque, na verdade, ninguém estava prestando atenção em mim. Todos estavam muito ocupados falando sobre Sophie e sua memorável conquista.

E Sophie estava sendo adequadamente modesta, agindo como uma princesa de verdade faria, dizendo apenas “Oh, obrigada” e “Bem, eu simplesmente darei o meu melhor” ou “O mérito é todo da Sra. Hunter, de verdade, por me dar essa chance”.

Sinto muito, mas embora eu soubesse que era errado odiar alguém, uma parte de mim estava meio que odiando Sophie naquele momento!

Bem, certo, talvez não. Mas uma parte de mim realmente não estava gostando dela. Só um pouquinho. Porque deveria ser eu dizendo aquelas coisas! Como assim não havia ninguém ao redor da *minha* mesa me dando parabéns?

Ah, espere. Eu sei por quê. Porque todo mundo odeia a rainha malvada!

Para provar isso, Stuart Maxwell tinha jogado um papel amassado na minha direção e disse: — Rá. Rainha malvada. Combina com você, Allie!

Quando ele disse aquilo, eu tive ainda mais vontade de chorar. Mas, em vez disso, lembrei-me de que era uma atriz e *agi* como se na verdade eu não quisesse chorar.

— Bem, você é um soldado malvado. E trabalha para mim, a rainha malvada. Então precisa fazer o que eu mandar. E eu ordeno que cale a boca — falei.

Ele me olhou com as sobrancelhas arqueadas e continuou:

— Você não pode mandar em mim.

— Claro que posso — falei. — Sou a rainha malvada, então mando em você.

Sem poder argumentar frente à lógica, Stuart fez a única coisa que poderia ter feito e pegou um pedaço de papel e começou a desenhar zumbis sem cabeça freneticamente.

Eu meio que sabia como ele se sentia. Quero dizer, eu teria começado a desenhar zumbis sem cabeça também se soubesse que aquilo faria com que eu me sentisse melhor.

Mas eu sabia que a única coisa que faria com que eu me sentisse melhor era... bem, conseguir o papel da Princesa Penélope.

Mas, já que eu sabia que aquilo não ia mais acontecer, achei que teria que ir até Sophie na hora do recreio para dizer: — Ei, Sophie. Parabéns. Estou feliz que tenha conseguido o papel que queria.

E deveria parecer que estava sendo sincera.

E foi exatamente o que eu fiz. Enquanto Cheyenne saiu pisando duro para ligar para a mãe do celular e pedir que esta ligasse para a Sra. Hunter, eu fui até Sophie e a parabenizei por conseguir o papel de Princesa Penélope. O papel que eu achava que deveria ter conseguido.

Porque é assim que bons perdedores — e melhores amigas — agem.

— Ah, minha nossa, Allie — disse Sophie, lançando os braços no meu pescoço para me dar um abraço. — Muito obrigada!

E sinto muito que você não tenha conseguido. Você se saiu muito bem também.

— É — disse Caroline. — Mas tudo bem, porque Allie na verdade não queria tanto esse papel quanto você, Sophie. Ela só fez o teste para ter certeza de que Cheyenne não ia conseguir.

Eu praticamente tive que piscar para que as lágrimas voltassem para dentro dos meus olhos quando ouvi aquilo. Eu não queria o papel tanto quanto Sophie? Hum, é, eu totalmente queria muito.

Mas considerando que eu não havia conseguido, acho que seria melhor que todos pensassem daquela forma.

— É — respondi casualmente, abraçando Sophie também. — Estou feliz com o papel que consegui. Quero dizer, não é como se eu fosse ligar para minha mãe para reclamar, como Cheyenne.

— Você acredita que ela está fazendo isso? — Sophie me soltou e tirou alguns cachos da frente dos olhos. — Falando em princesas... Ela deve pensar que *é* uma ou algo assim!

— Totalmente — falei.

— Você será uma ótima rainha malvada, Allie — disse Erica. — Será a melhor rainha malvada de todos os tempos.

Eu simplesmente olhei para ela.

— Serei?

— É claro — disse Sophie.

— Você é sempre a melhor quando brincamos de Rainhas no recreio — disse Caroline, parecendo concordar com Sophie e Erica. — Por que você não seria uma rainha malvada maravilhosa? E você sabe que Stuart e os outros meninos farão o que você mandar.

Meus ombros desabaram.

— Ah — falei. — É verdade.

Não era de se espantar que a Sra. Hunter tivesse me dado o papel de rainha malvada! Não era porque ela me odiava. Era porque os meninos que interpretariam os soldados me obedeceriam. Eu me sentava ao lado deles durante o dia todo, não é mesmo? Bem, eu e Rosemary. Ela provavelmente achou que Rosemary e eu manteríamos os meninos na linha durante os ensaios da mesma forma que fazíamos durante o dia na sala de aula.

Bem, não era justo! Uma vez na vida eu queria interpretar a princesa bonita em vez da garota durona que mantém os meninos na linha.

Mas acho que aquilo nunca ia acontecer. Pelo menos, não naquela peça. E não com aquela professora. Eu havia depositado todas as minhas esperanças naquilo, de que pelo menos uma vez as coisas poderiam ser diferentes, e só me desapontei.

E eu sabia exatamente a quem culpar. Por ter me deixado com esperanças, pelo menos.

LEI nº 8

Não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos

Eu o encontrei em nossa casa, com a cabeça enfiada na geladeira — um lugar onde, eu gostaria de acrescentar, normalmente encontrávamos Tio Jay quando ele não estava na aula, entregando pizzas, com a namorada ou na casa dele assistindo ao programa *COPS* na televisão.

— Há quanto tempo seus pais não vão ao supermercado? — perguntou Tio Jay para mim quando entrei na cozinha. Ele mordeu uma maçã. — As maçãs acabaram. Bem, quero dizer, acabaram agora. Esta era a última. E realmente tive que me esforçar para encontrá-la.

Joguei minha mochila no balcão e olhei para ele.

— O quê? — perguntou. Ele ficou segurando a maçã, que tinha um grande pedaço mordido. — Você queria a maçã?

— Não consegui o papel da Princesa Penélope — falei. — E a culpa é sua!

— Minha culpa? — Tio Jay parecia assustado. — Como pode ser *minha* culpa? Você descobriu o que a Princesa Penélope come no café da manhã?

— Sim. — Eu estava praticamente chorando de tão zangada. — Count Chocula, o cereal. E ainda assim não consegui o papel.

— Você conseguiu projetar? — perguntou Tio Jay.

— Sim, projetei — respondi. — E, se quer saber, foi exatamente esse o problema. Projetei tanto que acho que minha voz saiu muito alta e num tom de rainha, e não suave e no tom adequado para uma princesa. Então a Sra. Hunter deu a Sophie o papel de princesa e a mim o papel de rainha malvada! — Não mencionei que eu achava que ela provavelmente dera o papel a mim para que eu pudesse manter Stuart e Patrick na linha. Imaginei que o Tio Jay não precisasse saber de *tudo*. Só o suficiente para que se sentisse mal pelo que havia feito. — Terei que ser a madrasta malvada da princesa, alguém que não acredita em reciclagem nem em salvar o planeta.

Tio Jay deu outra mordida na maçã e sua expressão pareceu pensativa.

— Algo excêntrico — disse ele. — Hummm. Consigo imaginar você num papel assim, na verdade.

— O que é excêntrico? — exigi saber. Eu não ia deixar que ele me distraísse do fato de estar zangada com ele, entretanto.

Eu precisava descontar em alguém minha raiva e frustração por não ter conseguido o papel de Princesa Penélope e Tio Jay parecia ser a melhor pessoa para isso.

— Às vezes em uma peça há um papel excêntrico — disse Tio Jay, puxando um banquinho da cozinha para se sentar — e é interpretado pelo coadjuvante.

Normalmente é um papel cômico. É o braço direito do protagonista ou, às vezes, seu inimigo mortal.

— Não entendo — falei. Sentia que meu rosto estava quente de tentar não chorar.

— Um exemplo seria o Sebastian, amigo da Ariel, em *A pequena sereia* — disse Tio Jay. — Ou Úrsula, a bruxa do mar desse mesmo filme.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não estava mais dando certo tentar não chorar. Segurei aquilo o dia inteiro. E agora, em casa finalmente, parecia seguro deixar que elas caíssem. Nenhuma das minhas amigas estava por perto, então eu não precisava mais manter a expressão valente. Cheyenne tinha voltado para uma reunião com a Sra. Hunter, a Sra. Jenkins, a diretora, e com a Sra. O'Malley sobre não ter sido escolhida para o papel de Princesa Penélope. Sophie estava certa de que a Sra. Jenkins forçaria a Sra. Hunter a dar o papel a Cheyenne. Mas Erica, Caroline e eu, durante todo o caminho até em casa, asseguramos a ela que isso não aconteceria.

E, durante aquele caminho todo, tudo que eu quis fazer foi chorar diante da minha própria frustração.

Bem, agora eu finalmente podia chorar.

E foi o que fiz.

— É só isso — gemi. — Não *quero* interpretar uma bruxa do mar. Nem um caranguejo! Quero ser a p-princesa!

— Ei. — Tio Jay estava com uma expressão preocupada e muito surpresa diante da minha explosão. — Tudo bem. Mas é muito mais legal ser a rainha do que a princesa, de qualquer forma.

— Uma rainha m-malvada?! — lembrei a ele, engasgando um pouco com as lágrimas.

— Com o que você está tão preocupada? — quis saber Tio Jay. — Todo mundo gosta muito mais da Úrsula do que da Ariel, de qualquer forma.

— Não, não g-gostam. Ela é a bruxa malvada que tira a voz da Pequena Sereia.

Todos odeiam Úrsula. Quando ela morre, no fim, todos ficam felizes.

— Isso significa que ela atuou muito bem — disse Tio Jay. — Você não entende, Allie? Úrsula não é real. É uma personagem interpretada por uma atriz. Uma atriz que fez um trabalho tão bom desenvolvendo seu personagem e, em seguida, interpretando esse papel, que fez com que o público a odiasse. Essa á uma habilidade incrível. É fácil interpretar alguém de quem todos vão gostar de imediato, só por ela ser quem é, no caso, uma bela princesa. Qualquer um pode fazer isso. A verdade é que sua professora viu em você algo que disse a ela: ei, essa garotinha poderia fazer algo realmente desafiador; fazer com que a odiassem. Isso quer dizer que ela provavelmente pensa que você é a melhor atriz da turma.

Fiquei encarando o Tio Jay através das lágrimas. Na verdade, eu nunca havia pensado na rainha malvada daquela forma — como um papel desafiador. Eu só havia pensado que era o pior papel da peça inteira. E era, naturalmente. A não ser que...

— Sério? — Enxuguei as lágrimas com a parte interna do pulso. — Você acha mesmo que a Sra. Hunter me considera uma boa atriz?

— Ela deve achar — disse Tio Jay. — Diretores não escalam esse tipo de papel para atores fracos. São papéis extremamente difíceis de interpretar. O que exatamente aconteceu no teste? Pense. A Sra. Hunter disse algo fora do comum?

— Bem. — Tentei me lembrar. — Ela riu uma vez...

Tio Jay estalou os dedos e apontou para mim.

— Foi isso. Ela riu. Ela riu durante algum outro teste?

— Não — falei. — Era uma cena séria. Não deveria ser engraçado.

— Então você deve ter uma boa veia cômica — disse Tio Jay. — Deixe-me ver o roteiro novamente.

Abri minha mochila e o entreguei a ele.

— Eu ainda não entendo — falei — como conquistar o papel de alguém mau pode ser bom.

— Shhhh — disse Tio Jay enquanto folheava o roteiro. — Sim. — Ele assentiu enquanto lia uma das minhas falas. — Ah, sim. Posso entender o que ela está fazendo.

Eu me inclinei para a frente no meu banquinho.

— O que é?

— Você percebeu que tem muito mais falas sendo a rainha do que teria se fosse a princesa?

— Tenho? — Aquela informação fez com que meus olhos, ainda lacrimosos, se arregalassem um pouquinho.

— Muito mais — disse Tio Jay. — Eu iria ainda mais longe e diria que a rainha malvada, não a Princesa Penélope, é a verdadeira estrela da peça.

— Mas ela é má e morre no fim — informei a ele.

— Isso mesmo — disse Tio Jay, ficando ainda mais animado. — Você fará a cena na qual morre, não é mesmo? É ainda melhor! Você realmente deve ser capaz de explorar isso. Allie, isso é maravilhoso. Você vai roubar o show.

— Não sei do que você está falando — comentei, arrasada. — Preciso interpretar uma rainha malvada fedida que não recicla. Você está me ouvindo?

— É claro que estou — disse Tio Jay, me devolvendo o roteiro. — Então, vamos ao que você precisa fazer primeiro.

Encontre a motivação da sua personagem. Tente imaginar o que fez com que a madrasta da Princesa Penélope fosse tão malvada para início de conversa. Penetre no coração da maldade dela, descubra o ritmo dela... e será a melhor interpretação da sua vida.

Fiquei encarando o Tio Jay mais um pouco.

— Não entendo nada do que você está dizendo — falei. — Nada a fez ser malvada. Ela é simplesmente má.

— É claro que algo a fez ser malvada — disse Tio Jay. — Ninguém nasce mau.

As pessoas aprendem a ser más por causa de coisas que acontecem em suas vidas. O que aconteceu com a madrasta da Princesa Penélope que a fez ser como é? E, a propósito, acho que você precisa dar um nome a ela. Não pode ficar chamando-a de rainha malvada. Precisa conhecê-la, se quiser interpretar bem o papel. Descubra...

— O que ela come no café da manhã — completei, cansada.

Eu não conseguia acreditar que o Tio Jay estivesse fazendo tanto escarcéu por causa de uma rainha malvada. Quem ligava para o que ela comia no café da manhã ou para qual era o nome verdadeiro dela? Ela era malvada! Eu ia interpretar o papel e *nem eu* ligava. E ainda estava zangada por causa da coisa toda... e não ia poder usar meu vestido estampado de flores douradas agora. Que tipo de roupa uma rainha malvada veste, aliás? Algo preto, imagino. Por que ele estava tão animado, afinal de contas? As pessoas iam vaiar e não aplaudir quando eu estivesse no palco. Porque eu era malvada. Ele não conseguia ver como aquilo era injusto? Eu havia me esforçado tanto e ainda assim não tinha conseguido o papel que eu queria.

Quero dizer, não era assim que as coisas deveriam ter terminado. Eu não achava certo Cheyenne ligar para a mãe nem a mãe dela exigir uma reunião com a Sra. Hunter.

Mas eu entendia o que ela estava sentindo.

Foi engraçado porque bem naquele momento minha mãe entrou em casa, e aparentemente tinha estado no jardim. Pelo menos, ela estava tirando as luvas e o blusão de jardinagem.

— Ah, oi, Allie, achei mesmo que tinha visto você entrar em casa — disse ela. Então percebeu minha expressão e pareceu assustada. — Querida, o que aconteceu?

— Ela não conseguiu o papel principal na peça da turma — respondeu Tio Jay por mim. — E está um pouco chateada. Mas já disse a ela para não se preocupar. Tudo que precisa fazer é encontrar a motivação do personagem dela, e tudo ficará bem.

— Ah, Allie — disse minha mãe, se aproximando para me abraçar. — Eu sinto muito. Você deve estar muito decepcionada. Posso fazer alguma coisa para

ajudar?

Embora fosse gostoso ganhar um abraço, fiquei tensa.

— Não ligue para a escola! — gritei. — Não quero que você ligue para a Sra. Jenkins para reclamar!

— Por que diabos eu ligaria para a diretora para reclamar? — perguntou Mamãe, me soltando do abraço.

— Porque foi isso que a mãe de Cheyenne fez — expliquei. — Estão em reunião na sala da Sra. Jenkins, e com a Sra.

Hunter, agora mesmo. Tudo porque Cheyenne não conseguiu o papel de Princesa Penélope.

— Era esse o papel que você queria? — perguntou Mamãe, tirando uma mecha de cabelo solta da frente dos meus olhos.

— Sim — respondi. Eu estava tentando manter uma expressão corajosa. Mas era bem difícil. — Mas Sophie conseguiu. O

que foi bom, porque ela mereceu. Ela se saiu muito bem no teste. E ela se parece com uma princesa.

— Assim como você — disse minha mãe, pondo uma das mãos no meu rosto.

— Bem — falei. De repente, senti como se fosse chorar de novo, mas me esforcei muito para controlar as lágrimas. Isso, a propósito, é atuar. — Acho que a Sra. Hunter não pensa assim. Ela me deu o papel da madrasta malvada da princesa, que durante toda a peça fica tentando matar a enteada, mas acaba morrendo no fim, vítima do próprio raio de poluição do mal.

Uma expressão engraçada ganhou o rosto da minha mãe, como se ela estivesse tentando não rir. Mas eu não conseguia ver nada exatamente divertido naquela situação.

— Ah, querida — disse Mamãe. — Que pena. Você teve um dia péssimo, não foi?

— Bem — falei. — Não foi ótimo.

— Quer saber de uma coisa? — disse minha mãe. — Eu estava querendo ir ao shopping. Por que você não vem também?

Passaremos a tarde juntas, um programa só de meninas.

Aquilo fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

— É mesmo? — Eu me animei. — Sem meninos?

— Sem meninos — disse Mamãe. — Só eu e você.

Pulei do banquinho, corri para pegar meu casaco e encontrei minha mãe na porta dos fundos; ela já estava pegando a bolsa e as chaves do carro. Tio Jay, aparentemente ainda empenhado em dar conselhos, veio gritando atrás de mim.

— Não se esqueça... Stanislavsky disse que não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos!

— O que ele quis dizer com aquilo? — perguntei enquanto seguia minha mãe até o carro.

— Bem — disse Mamãe —, que você deveria ficar feliz com o papel que a Sra. Hunter lhe deu. Do contrário, vai parecer mal-agradecida.

Oh. Então *Não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos* era uma lei.

Entrei no carro e prendi o cinto de segurança com firmeza.

— Estou feliz por estar na peça — falei. — Só gostaria de ter conseguido o papel de Sophie. Ou até mesmo o papel de Cheyenne. Ela vai interpretar a rainha das fadas.

— Eu sei, querida — disse minha mãe quando começou a dar ré no carro para sair da garagem. — Às vezes não conseguimos o que queremos. É assim que as coisas são. Então precisamos enxergar o que há de bom no que temos. Deve haver algo de bom em interpretar a madrasta da princesa.

Por mais que eu me esforçasse, não conseguia pensar em nada de bom em

interpretar a rainha malvada. E falei isso.

— Tente mais um pouco — disse Mamãe. — Que tipo de personagem ela é?

— Bem — expliquei —, ela é uma rainha.

— Viu só! — disse minha mãe animada de trás do volante. — Uma rainha. Puxa, isso é fantástico! Você ama rainhas.

Faremos uma fantasia maravilhosa de rainha para você. Com uma coroa bem grande.

— Eu deveria ter uma capa — falei, enquanto observava as casas que ficavam próximas da nossa. — Rainhas sempre usam capas.

— Faremos uma capa — disse Mamãe. — Que tal a capa que seu pai usou quando se fantasiou de Drácula no Halloween há alguns anos? Poderíamos cortá-la para que você pudesse usar.

Pensei na capa de Drácula do meu pai. Tinha uma gola pontuda que ficava de pé sozinha. Analisando-a agora, parecia mesmo bem apropriada para uma rainha.

— Sim — falei. — Ficaria muito bem. E acho que deveria usar aquele vestido que você usou na festa da piscina na casa dos Hauser no último ano.

Minha mãe me olhou pelo espelho retrovisor. Suas sobrancelhas estavam arqueadas.

— Minha saída de praia tomara-que-caia preta?

— Sim — respondi.

Era um tecido atoalhado. Mas parecia veludo. E em mim seria um vestido longo. Descobri isso um dia quando o experimentei numa noite quando minha mãe não estava em casa e eu, Caroline, Sophie, Erica e Rosemary brincamos de desfile de moda com as roupas dela.

— Bem — disse Mamãe. — Acho que você pode usá-lo. Se realmente quiser...

Quando chegamos ao shopping, já havíamos planejado tudo que eu usaria como

fantasia da rainha malvada. Nem precisávamos comprar nada porque tínhamos tudo que eu precisava ou podíamos fazer com coisas que estavam na nossa casa.

Fomos até a loja de departamentos principal, entretanto, porque minha mãe queria comprar algumas coisas para ela. Ela foi direto para o setor de maquiagem.

— Oi — disse uma moça muito bonita detrás da caixa registradora do setor. — Como posso ajudá-la hoje? Sabe, temos um preço especial nos...

— Que ótimo — interrompeu minha mãe, embora ela diga ser grosseria interromper alguém que está falando. Essa é uma lei. — Preciso de algo que faça com que meus olhos pareçam mais... mais delineados.

— Ah, isso é fácil — disse a moça detrás da caixa registradora. — Aqui, deixe-me mostrar esses novos produtos que acabaram de chegar. Você vai adorar. São hipoalergênicos e não mancham, mas são muito fáceis de remover no fim do dia.

Minha mãe sentou-se no banco que a moça da maquiagem puxou para ela.

— Allie, não se afaste muito — disse Mamãe quando fui até uma vitrine de faixas para cabelo para vê-las.

— Está bem — falei. — Mas talvez eu passe no pet shop para ver se chegou alguma daquelas coleiras especiais. Aquelas são melhores para gatos do que as que comprei para Miau quando ele era bebê.

— Não — disse Mamãe. A moça da maquiagem já estava colocando alguma coisa nos seus olhos, então minha mãe teve que ficar parada. — Vamos olhar isso quando eu tiver terminado. Vai demorar apenas um minuto.

— Okay — falei.

Então fui até um balcão para ver algumas joias brilhantes, fingindo ser de fato uma rainha (não uma das malvadas, entretanto) capaz de comprar o que eu quisesse. Estava me decidindo entre um relógio chique que mostrava o sol, a lua e as estrelas no visor ou um pingente de diamante no formato de um poodle, quando ouvi uma voz familiar.

— Mas, mãe! Eu *quero* estes!

Congelei onde estava e olhei pelo corredor. E, é claro, lá estava Cheyenne O’Malley, a rainha das fadas em pessoa, fazendo compras com uma mulher que eu tinha certeza que era a mãe dela.

LEI nº 9

Melhores amigas resgatam umas às outras quando a irmã malvada de alguém as faz prisioneiras Cheyenne e a mãe estavam observando uma vitrine com joias igual à que estava ao meu lado.

Só que Cheyenne ainda não tinha me notado, já que toda sua atenção estava nos brincos para os quais olhava. Eu me encolhi atrás de um expositor de joias giratório que estava em cima da caixa registradora ao meu lado, para ela não me ver. Eu simplesmente não estava com vontade de falar com Cheyenne naquele momento. Quero dizer, eu não tinha vontade de falar com ela quando estava *na* escola. Por que teria vontade de falar com ela *fora* da escola?

— Esses brincos custam 100 dólares, Cheyenne — disse a Sra. O’Malley. — São muito caros.

— Eu não ligo — disse Cheyenne em um tom agressivo. O tipo de tom que, se eu usasse com a minha mãe em algum momento, me faria ser mandada para o quarto. Sem sobremesa. — São uma graça. E combinarão perfeitamente com minha camiseta roxa.

— Mas você tem um par igualzinho — disse a Sra. O’Malley.

— É — disse Cheyenne. — Mas eu os perdi. Lembra?

— Ah, Cheyenne. — A Sra. O’Malley deixou escapar um suspiro. — Por que não pode aprender a ser mais responsável?

Reconheci a expressão no rosto de Cheyenne. Era a que ela fazia quando *ia começar a chorar*. Fiquei pensando se ela estava se lembrando do show dos Jonas Brothers para o qual a mãe não conseguira comprar ingressos.

— Mãããããeeeee. — Ela praticamente gritou.

Algumas pessoas ao redor olharam na direção dela. Tomara que não tenham ficado imaginando por que eu estava agachada atrás de um expositor de joias.

Fingi estar muito, muito interessada em um par de brincos no formato de violinos, ainda que eu não tenha as orelhas furadas. Nem toque violino.

— Cale a boca! Você nem conseguiu o papel de Princesa Penélope para mim! — gritou Cheyenne para a mãe. — O mínimo que pode fazer é comprar *aqueles* para mim!

Eu não podia acreditar que Cheyenne tinha mandado a mãe calar a boca. Se *eu* dissesse aquilo para a minha mãe — ou se tentasse gritar com ela daquele jeito —, bem, eu não ia conseguir o que queria. Com certeza.

— Ah, pelo amor de Deus, Cheyenne — disse a Sra. O'Malley. Ela acenou para uma vendedora, que veio no mesmo instante. — Podemos dar uma olhada naqueles, por favor? — perguntou a Sra. O'Malley, apontando para os brincos que Cheyenne queria (que custavam 100 dólares) na vitrine.

— Vamos levá-los — disse Cheyenne antes mesmo de a vendedora ter a chance de tirá-los da vitrine.

— Cheyenne — disse a mãe.

Mas ela estava rindo, como se dissesse *Ela não é adorável?* E não *Você vai ver só se não usar outro tom de voz comigo, mocinha*; no tom de voz que minha mãe usaria comigo se eu tivesse sido tão mandona com ela quanto Cheyenne estava sendo com a mãe.

— Aqui estão — disse a vendedora, pousando o par de brincos roxos brilhantes no balcão à frente de Cheyenne. — São ametistas de verdade.

Para tudo! Cheyenne ia ganhar um par de brincos de ametistas verdadeiras de 100 dólares e não era aniversário dela nem Natal? Só porque parecia que ela ia chorar quando a mãe disse não?

Se um dia eu tentasse algo assim, minha mãe faria com que eu fosse esperar sentada no carro.

Bem, não, na verdade ela não faria isso. Mas só porque ela poderia ser presa se o fizesse.

Mas no mínimo ela tiraria meus privilégios de televisão por uma semana.

Uau! Estava claro que as coisas eram diferentes na casa de Cheyenne. Acho que a regra na casa dela era *Se você choramingar o bastante, vai conseguir o que quer.*

Enquanto a regra na minha casa era *Se você choramingar, vai ter que ir para o quarto e terá os privilégios de televisão suspensos; talvez também não tenha direito a sobremesa e seu Nintendo DS pode ser apreendido por uma semana.*

— Bem? — perguntou a Sra. O'Malley à filha. — O que você acha?

— São legais — disse Cheyenne com um suspiro. — Mas interpretar a Princesa Penélope seria melhor.

— Bem — disse a Sra. O'Malley, entregando o cartão de crédito à vendedora —, isso não vai acontecer.

— Porque a Sra. Hunter é uma grande...

— Agora, Cheyenne — disse a Sra. O'Malley, enfim usando um tom de voz repreensivo. — Lembre-se do que a Sra.

Jenkins disse. Não se pode ter o papel principal sempre.

— Ainda que eu seja a melhor? — quis saber Cheyenne.

— Ainda que você seja a melhor — respondeu a Sra. O'Malley. — Precisa deixar que as outras meninas também tenham uma chance.

Senti meu rosto ruborizar. Aquilo era ridículo! Cheyenne não era a melhor!

E era horrível ver a Sra. O'Malley parada lá dizendo que ela era. Ainda que ela fosse a mãe de Cheyenne.

— Vamos — disse a Sra. O'Malley, pegando a sacola que a vendedora lhe entregou para depois dar um abraço carinhoso em Cheyenne. — Vamos tomar sorvete. Você quer?

— Acho que sim — disse Cheyenne, sem parecer muito animada. — Mas não aquele frozen iogurte vagabundo. Quero sorvete de verdade.

— É claro — disse a Sra. O’Malley, suspirando enquanto se afastavam.

Sorvete? Cheyenne ganha brincos de ametistas de 100 dólares *e* sorvete? Minha mãe nem me deixa furar as orelhas antes de completar 13 anos, imagina sorvete antes do jantar.

— Oi, querida.

Surgindo atrás de mim, minha mãe me deu um baita susto. Pulei tão alto que quase derrubei o expositor de joias.

— Tudo bem com você? — perguntou Mamãe. — O que você estava fazendo ali embaixo?

— Ah, n-nada — falei. — Só estava olhando esses, hum, brincos.

— Mas você não tem a orelha furada. — Minha mãe parecia confusa.

— Eu sei — falei. Felizmente, Cheyenne e a mãe tinham desaparecido virando a esquina. — Eu só estava... podemos ir ver as coleiras de gato agora?

— É claro.

Compramos uma coleira especial para Miau, com um ajuste de velcro, então se um dia ele estivesse escalando uma árvore (não que eu já tenha deixado Miau sair de casa, mas no caso de eu deixar) e um galho escorregasse entre a coleira e o pescoço dele, a coleira se abriria e ele não sufocaria até a morte — uma causa de morte comum aos gatos, pelo menos de acordo com Sophie, que está sempre contando histórias terríveis sobre formas possíveis de morrer. Em homenagem a Kevin, escolhi uma coleira de pirata com caveiras e ossos cruzados nela. Pensei que Miau, sendo menino, ia gostar mais dessa do que da coleira cor-de-rosa brilhante que ele usava atualmente.

Ao longo do fim de semana, Rosemary, Caroline, Sophie, Erica e eu nos reunimos na casa de Erica para ensaiar nossos papéis para a peça. Erica tinha umas asas de fada de um Halloween, uma fantasia que Missy usara, então as colocou. Minha mãe tinha achado a capa do Drácula do meu pai para mim (embora não tenha tido tempo de cortá-la), então a usei. Rosemary tinha a espada que um dos irmãos deixou que pegasse emprestado, Sophie tinha uma tiara que encontrou em algum lugar e Caroline havia colado um rolo de papel

higiênico na testa, para ficar parecida com um unicórnio.

Interpretamos nossos papéis com muita dramaticidade, se quer saber. Tanta dramaticidade que Missy entrou no quarto de Erica três vezes para pedir que deixássemos de ser tão dramáticas, ainda que tenhamos dito a ela (com muita educação) que estávamos fazendo um trabalho da escola e que *precisávamos* falar alto.

Na terceira vez que entrou no quarto de Erica, Missy gritou:

— Ei, garotas! — Ela meio que cuspiu quando disse *garotas*, por causa do aparelho. — Estou tentando conversar com a minha amiga, Stacy. Ela está passando por um momento difícil porque o namorado acabou de mandar um torpedo dizendo que terminou com ela. Então podem, por favor, *calar a boca*?

Depois disso, decidimos que espionar a conversa de Missy ao telefone seria mais divertido que ensaiar, ainda que Erica pensasse que não deveríamos fazer aquilo porque Missy ficaria ainda mais furiosa se descobrisse.

Mas todas nós juramos que não seríamos pegas, pois estávamos mais quietas que um ratinho.

Então, quando finalmente conseguimos fazer com que Erica concordasse, engatinhamos pelo corredor e ficamos aninhadas do lado de fora da porta de Missy para ouvir ela dizendo:

— Aham? E o que ele disse depois? E o que você disse? Bem, e o que ele disse depois? Bem, o que você disse? Bem, e o que ele disse? — Foi divertido por um tempo, mas depois ficou meio chato...

Até que Rosemary teve uma ideia: jogar um clipe de papel pelo buraco da grande e antiquada fechadura da porta de Missy, deixando que ele caísse do outro lado, dentro do quarto dela. Só para ver se ela notaria.

Então jogamos o clipe... e Missy nem notou! Talvez porque estivesse muito envolvida conversando com a amiga, Stacy, e tal, ajudando-a com o grave rompimento do namoro.

Depois de insistirmos um pouco, Erica foi buscar mais alguns clipes de papel. E nós nos revezamos para jogar os clipes dentro do quarto de Missy pelo buraco da

fechadura. *Plink! Plink!* Era o barulho que faziam quando caíam no chão de madeira embaixo da porta. Quando deitávamos, conseguíamos ver os clipes por baixo da fresta da porta, um por cima do outro numa pilha!

Mas Missy não estava prestando atenção alguma. Ela simplesmente continuava dizendo: — Bem, claro que você merece algo melhor, Stace. Quer saber? Quer saber? Ele é inferior a você, isso sim. Deixe que ele fique com ela, se é esse tipo de garota que ele quer. E daí se ele quer levá-la ao baile, em vez de levar você? Ela não vale o seu choro. Nenhum dos dois vale.

Plink! Plink!

Estava muito, muito difícil não nos entregarmos tamanha a vontade de rir. Sophie teve que colocar as duas mãos sobre a boca para que não escapasse nenhum ruído dos risos. Preciso admitir que tinha sido meio difícil eu voltar a gostar de Sophie depois que ela conseguiu o papel de Princesa Penélope, e não eu. Quero dizer, eu não queria ser invejosa, porque ela era minha amiga.

Mas uma parte minha ficava totalmente invejosa quando lembrava que não poderia usar o vestido de flores douradas no palco. Mas, enquanto jogávamos clipes de papel pela fechadura e Missy não percebia nada, Sophie estava tão engraçada tentando não rir que não consegui evitar os sentimentos de amizade em relação a ela novamente.

Todas segurávamos a respiração ao mesmo tempo quando Rosemary jogou o décimo quinto clipe de papel pela fechadura de Missy e uma voz veio de trás de mim:

— Meninas. O que vocês estão fazendo?

Quase morremos de susto. Até que nos viramos e vimos que era apenas John, o irmão mais velho de Erica, parado lá.

Demos um suspiro de alívio quando vimos que não era o Sr. Harrington.

— Shhh — disse Erica, preocupada. — Estamos jogando clipes de papel pelo buraco da fechadura de Missy. Não conte a ela.

— Clipes de papel? — John fez uma careta. — Qual é a graça disso?

— Bem, o que mais poderíamos jogar lá dentro? — quis saber Rosemary.

— Espere um instante — disse John, desaparecendo ao subir a escada que levava ao seu quarto, que fica no sótão dos Harrington. Logo depois ele apareceu com uma lata de spray que tinha um bocal diferente. — Espuma — disse ele.

Erica pareceu assustada.

— Mas ela vai totalmente perceber isso!

— Não é esse o objetivo? — quis saber John. — Saiam da frente, meninas, e deixem o mestre fazer seu trabalho.

Nós nos afastamos quando John se agachou em frente à porta do quarto da irmã, apoiou a lata de espuma contra a fechadura e pressionou o bocal.

Então ouvimos um grito vindo do quarto de Missy.

— Recuar! — gritou John, ficando de pé. — Recuar, recuar!

Gritando, começamos a correr em diferentes direções enquanto Missy abria a porta do quarto e gritava: — Suas... suas... *ingratas*! Veja o que fizeram no meu chão! Está tudo sujo!

É muito difícil correr quando se está rindo tanto, você mal consegue enxergar por causa das lágrimas. Mas eu agarrei um pedaço da blusa de Rosemary com força e esperava que com isso ela me levasse para onde quer que estivesse indo.

— Voltem aqui! — gritou Missy, e sua voz soava mais próxima, de maneira assustadora. Entretanto, eu não conseguia ver o quão perto ela estava por causa das lágrimas dos risos que me impediam de ver qualquer coisa, na verdade. — Voltem aqui e limpem isso!

— Ela está vindo — gritou Rosemary, histérica. — Corre!

Eu ainda estava segurando a blusa de Rosemary. Estávamos quase a salvo no quarto de Erica quando, de repente, alguém pisou na ponta da capa do meu pai, que eu ainda estava usando. Aquilo me puxou para trás com tanta força que meus pés saíram do chão. Também fez com que as fitas que prendiam a capa ao meu pescoço apertassem minha garganta.

Meus olhos já não estavam mais cheios de lágrimas de risos, mas lágrimas de verdade. Porque, com licença, aquilo totalmente doeu!

Eu também estava deitada no chão, piscando diante de uma imagem grande e borrada que imaginei ser Missy. Missy tinha pisado na minha capa!

Eu fui pega! Pelo inimigo! Por Missy!

— Sua pirralhinha — rosnou Missy na minha cara. — Não posso acreditar! Por que meu chão está cheio de clipes de papel? É melhor você entrar lá e limpar tudo.

— Allie! — Ouvi Sophie gritar de algum lugar que parecia muito longe. — Temos que salvar a Allie!

— Tropas. — Ouvi John gritar. — Um de nossos homens está no chão e foi capturado. Não podemos deixar um companheiro nas mãos inimigas!

Quando percebi, havia espuma e clipes de papel voando por todo lugar. Grande parte da espuma estava caindo na blusa de Missy.

— John! — gritou Missy. — Vou matar você! Essa blusa da Gap é novinha!

— Allie, aqui — disse Sophie, aparecendo do nada e estendendo a mão na minha direção. — Estamos aqui para salvar você!

Segurei a mão que Sophie estava oferecendo e deixei que ela me puxasse enquanto Erica, Caroline e Rosemary se agruparam ao nosso redor para que Missy não conseguisse se aproximar. Todas estavam gritando. O chifre de rolo de papel higiênico de Caroline estava caído em frente da testa, mas ela não parecia estar notando.

— Para trás — gritava John enquanto jogava mais espuma sobre Missy. — Para trás, besta perversa!

— Você está morto — gritou Missy, tentando imobilizar John pelo pescoço. — Não acredito no quanto você está sendo imaturo.

— Crianças — gritou Erica, assustada. — Parem de brigar!

— Nunca! — John jogava espumas às cegas pelo ar. — Nunca desistir! Nunca se entregar!

— Ei — gritou a Sra. Harrington do andar de baixo. — O que está acontecendo aí em cima?

Congelamos. Só um pouco da espuma que John havia jogado continuou se movendo, caindo devagar da blusa de Missy para o topo da cabeça de John.

— Nada — respondemos todos ao mesmo tempo à Sra. Harrington.

— Bem, acho que suas amigas já ficaram aqui por muito tempo, Erica — respondeu a Sra. Harrington do andar de baixo.

— É hora de irem para casa agora. Estou prestes a tirar o jantar do forno. John, desça para arrumar a mesa. É sua vez.

— Tudo bem, Sra. Harrington — disse Rosemary, num tom doce. — Vou ligar para os meus pais virem me buscar agora mesmo.

Esperamos até ouvir os passos da Sra. Harrington se afastando. Então Missy disse: — Rá! — E espalhou um pouco da espuma na cabeça de John antes de deixar que ele se levantasse. — Você precisa arrumar a mesa! Idiota.

— Só um idiota consegue reconhecer outro — disse John e, com uma dignidade silenciosa, tirou a espuma da cabeça. Em seguida, ao ver que todas nós tínhamos conseguido nos libertar, ele fez o sinal da vitória com os dedos e disse: — Vamos lutar lado a lado outro dia, tropas. — E correu escada abaixo.

Missy virou o olhar na nossa direção e entrou pisando duro no quarto. Mas não sem antes dizer: — Ingratas.

Então bateu a porta com força.

— Aquilo — disse Caroline, o chifre de unicórnio feito de rolo de papel balançando enquanto falava — foi incrível. Eu gostaria de ter um irmão mais velho.

— Não gostaria, não — disse Erica, chorosa. — Normalmente é em mim que ele joga espuma.

Eu me virei para Sophie. Estava me sentindo péssima por tê-la odiado tanto por causa da coisa toda da Princesa Penélope.

Ela era uma amiga de verdade, no fim das contas; me salvou de Missy.

Não era culpa dela ter conseguido o papel e eu não. O melhor (na verdade, a melhor) venceu. E fim de papo.

— Obrigada por me salvar — disse a ela.

— Oh — disse Sophie, rindo. — Não foi nada.

Mas não havia sido nada. Sophie tinha me salvado das garras malvadas de Missy. Enquanto eu simplesmente fiquei me divertindo com pensamentos perversos aqui e acolá sobre a possibilidade de Sophie cair das escadas, quebrar a perna e ter que me deixar interpretar a Princesa Penélope no fim das contas.

Bem, não mais. *Porque melhores amigas não pensam esse tipo de coisa uma da outra. Melhores amigas se salvam quando a irmã malvada de alguém as encurrala.*

É uma lei.

LEI nº 10

Não dá para mudar a atitude negativa de alguém em relação a alguma coisa para uma atitude positiva; a não ser que você tente

Na segunda, quando chegou o momento da aula de artes, a Sra. Hunter pediu que todos pegássemos nossos roteiros para o que ela chamou de nosso primeiro "ensaio oral". Deveríamos ler o roteiro de *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem* em voz alta, e todos deveriam repetir suas falas da maneira como fariam na peça, mas sem sair de nossas mesas, sem fazer o que a Sra. Hunter chamava de "marcação", que queria dizer os movimentos que faríamos no palco quando disséssemos nossas falas.

Não quero me gabar, mas achei que Rosemary, Erica, Caroline, Sophie e eu nos saímos melhor do que todos na leitura em voz alta.

E claro que tinha sido porque ensaiamos muito ao longo do fim de semana.

Realmente tinha valido a pena.

Algumas pessoas, entretanto — e isso ficou bem óbvio conforme a semana avançou e passamos dos ensaios orais para ensaios de verdade no palco do auditório/ginásio/lanchonete da escola —, não estavam levando seus papéis a sério. Você poderia pensar que eu estava falando dos meninos, como Patrick Day e Stuart Maxwell, mas na verdade era Cheyenne. E eu só conseguia entender aquilo de uma maneira: ela ainda não havia superado não ter conseguido o papel de Princesa Penélope.

Então simplesmente leu as falas da fada das lâmpadas fluorescentes em um tom monótono que no fundo queria dizer: “Sim, estou aqui e estou lendo essas falas, mas não vou *interpretar* nada nem me esforçar para este papel.”

Marianne e Dominique fizeram basicamente a mesma coisa (só que elas eram atrizes tão ruins que não dava para ter certeza).

Por outro lado, eu realmente me esforcei em cada um dos ensaios — apesar de ainda estar chateada pelo que meu tio Jay dissera, sobre eu ter de descobrir qual era a motivação da madrasta malvada da Princesa Penélope. Eu não fazia a mínima ideia, de verdade. Por que ela era *tão* malvada — principalmente se o que Tio Jay tinha dito era verdade, que ninguém nasce malvado? E por que a rainha odiava tanto reciclar?

Eu ainda não sabia direito o que tinha acontecido à madrasta de Penélope para que ela fosse como era.

Mas, graças ao que tinha acontecido na casa de Erica, eu sabia qual era o nome dela: era Rainha Melissa, a Maléfica!

Na verdade, a cada vez que eu lia suas falas em voz alta (a Rainha Melissa, a Maléfica, tinha muitas falas no fim das contas. Tio Jay tinha razão. Eu não sabia ao certo como decoraria todas elas até a semana seguinte), eu me via imitando a irmã de Erica, Missy, de certa forma. Só um pouquinho. Aquilo, percebi, fez Rosemary, Sophie e Caroline rirem. Muito. Até mesmo Erica dava umas risadinhas de vez em quando.

Logo outras pessoas da turma começaram a rir também... embora não soubessem quem eu estava imitando. Até a Sra.

Hunter riu. Mas parecia que ela estava tentando não fazê-lo. Os cantos dos lábios dela se curvaram quando ela disse: — Foi muito bom, Allie.

Fazer as pessoas rirem — principalmente quando elas não querem — provoca uma sensação muito boa, eu descobri. Não tenho certeza — só Sophie pode dizer —, mas acho que talvez seja uma sensação ainda melhor que interpretar a princesa.

Comecei a perceber que talvez eu tivesse pensando tudo errado em relação a esta rainha malvada. Talvez eu não devesse ter ficado zangada por não interpretar e bela princesa, e sim feliz por ganhar um papel que poderia, potencialmente, fazer as pessoas rirem.

Só que... a rainha malvada não deveria ser assustadora? Então, era esse o problema: eu não tinha certeza. Eu ainda estava confusa em relação a tudo. Sabia que isso tinha a ver com aquele negócio de “motivação” sobre a qual o Tio Jay ficava falando. Eu *precisava* descobrir o que havia acontecido na vida da Rainha Melissa, a Maléfica, para deixá-la tão malvada assim! Por que ela bebia tantas caixinhas de suco e simplesmente as jogava no lixo em vez de jogá-las na reciclagem? E por que dirigia um carro tão grande e emissor de gás poluente por distâncias curtas que ela poderia ter percorrido andando? E, principalmente, por que havia comprado um raio de poluição para matar a Princesa Penélope?

Essas eram as coisas que eu sabia que ainda precisava entender sobre ela e assim realmente entender meu personagem, como diria Tio Jay...

Mas imaginei que eu teria tempo suficiente antes da grande apresentação.

E foi quando estávamos a caminho do recreio no fim da semana que uma coisa interessante aconteceu: descobri por que Cheyenne sempre parecia tão entediada quando dizia as falas da rainha das fadas. Ela estava fazendo de propósito!

— Quero dizer — ouvi Cheyenne dizendo a Elizabeth Pukowski, que interpretava um elfo do transporte público —, a Sra.

Hunter pode me obrigar a interpretar a rainha das fadas, mas não pode me forçar a fazer isso *bem feito*.

Dei uma cotovelada em Sophie. Ela pôs as mãos ao lado do corpo e fez uma expressão de dor, como se eu realmente a tivesse machucado (e não machuquei).

Assenti com uma expressão significativa no rosto na direção das meninas à nossa frente, mostrando a Sophie que ela deveria ouvir o que estavam dizendo.

— O que você quer dizer? — Elizabeth olhava para Shamira, que também interpretava um elfo do transporte público.

— Bem, vou interpretar a rainha das fadas — disse Cheyenne com o nariz para o alto. — Mas não vou colocar nenhuma *carga emocional* no papel. Quero dizer, por que eu deveria? É só uma peça infantil. Vou guardar minha grande capacidade de interpretação para o próximo teste, seja ele qual for. Por que gastar minha energia nessa peça idiota, que só mesmo nossos pais vão assistir?

Elizabeth e Shamira se entreolharam.

— Não quero fazer feio na frente da minha mãe e do meu pai — disse Shamira.

— Mas é isso mesmo — disse Cheyenne. — Meus pais sabem do que sou capaz ao interpretar. Eu fui Helen Keller, afinal de contas. Um talento como o meu é um desperdício em uma peça dessas. Então por que eu deveria me esforçar? M e D

concordam comigo.

Marianne e Dominique, que se arrastavam atrás de Cheyenne, e bem na frente de onde eu e Sophie estávamos, concordaram com a cabeça.

— Então — interrompeu Sophie, incapaz de se controlar mais um segundo que fosse. Ela estava muito zangada. — Você não vai nem ao menos *tentar* atuar bem na peça?

— Não — disse Cheyenne, dando de ombros. Ela não parecia envergonhada de si mesma nem nada.

— Mas... — Sophie parecia impressionada. — Você *precisa*.

— Não — disse Cheyenne. — Não preciso, não.

O olhar de Sophie parecia vidrado e, por um instante, pensei que a cabeça dela pudesse sair voando ao se desgrudar do corpo.

— Sim, você precisa, Cheyenne — Sophie praticamente gritou. — Precisa tentar! Porque é uma peça e eu sou a estrela e estou dizendo que você precisa! Todos precisam dar o melhor de si!

Opa. Talvez o papel principal tenha subido à cabeça de Sophie.

Com gentileza, pousei a mão no ombro de Sophie e acariciei de leve, tentando fazer com que se acalmasse. Para Cheyenne, que estava fazendo uma careta diante da explosão de Sophie, eu disse: — Essa é uma péssima atitude, Cheyenne. Só porque você não gosta do papel que conseguiu. Não existem papéis pequenos, sabe. Apenas atores pequenos.

A careta de Cheyenne para Sophie desapareceu, então ela se virou na minha direção, de olhos arregalados.

— O que isso quer dizer? — quis saber ela.

— Tente entender — adverti. Então peguei uma Sophie raivosa pelo braço e a levei para longe delas.

— Oh. — Sophie se agitou quando nos juntamos a Caroline e Erica em nosso lugar especial designado para brincar de Rainhas. — Eu não posso acreditar! Ela é horrível! Pensei que as coisas fossem melhorar conforme ensaiássemos mais, mas agora eu sei que não vão. A peça vai ser medonha!

— Não — disse Caroline calmamente depois que expliquei sobre o que Sophie estava falando. — Cheyenne e aquele pessoal serão medonhos. Apesar disso, *nós* seremos boas.

— Você sabe o que quero dizer — disse Sophie. Ela caiu com força sobre a grama. — O que vamos fazer?

— Talvez a gente devesse contar à Sra. Hunter — disse Erica, parecendo preocupada.

— É! — O rosto de Sophie se iluminou. — Vamos contar à Sra. Hunter! É uma ótima ideia!

Olhei para Sophie com uma expressão preocupada. É, a coisa toda da Princesa Penélope tinha lhe subido à cabeça.

— Isso só vai deixá-las com mais raiva ainda — disse Caroline. — Sinceramente, não acredito que haja algo que *possamos* fazer. Não dá para mudar a atitude negativa de alguém em relação a alguma coisa para uma atitude positiva.

Simplesmente não dá.

Aquilo parecia uma lei para mim.

Uma lei criada para ser quebrada.

Só havia um problema: eu não fazia ideia de como quebrá-la.

Cheyenne e seu séquito de fadas de lâmpadas fluorescentes não se esforçarem na interpretação de seus papéis não era o meu único problema, na verdade. Ver Sophie provavelmente deixando que interpretar uma princesa lhe subisse à cabeça também não era. O problema era: eu ainda não sentia que tinha identificado a motivação da minha personagem. O que acontecera na vida da Rainha Melissa, a Maléfica, para fazer com que ela decidisse ser como era — má?

Porque todos sabiam que a maneira de conseguir amigos era tratando as pessoas da forma como você gostaria de ser tratado. Essa era a lei número um de todas!

E, tudo bem, pela minha experiência, eu via que nem todo mundo seguia essa lei. Mas *deveriam* seguir.

Então, que tipo de pessoa escolheria ser má, o tempo todo, em vez de ser boa?

Eu sabia que só havia uma pessoa a quem recorrer diante dos meus problemas teatrais. E, felizmente, ele iria à minha casa naquela noite porque era a segunda aparição da minha mãe no *Good News!* ; Tio Jay e Harmony trariam uma pizza do Pizza Express além de sorvetes do Dairy Queen, em homenagem à ocasião especial (e prometemos não derramar, embora Mark sempre conseguisse pingar uma boa parte de seu sorvete de baunilha com calda de cereja na testa).

— Hoje, no *Good News!* — disse Lynn Martinez na televisão à qual estávamos assistindo. — Nossa crítica semanal de cinema, Elizabeth Finkle, nos leva ao cinema e conta o que achou do mais recente lançamento independente da semana, *Interlúdio com Rasputin*.

E então a cabeça da minha mãe ocupou a tela.

Só que... ela parecia muito diferente se comparasse à semana anterior. Inicialmente, não consegui entender como. Depois percebi.

— Ei, Mãe — falei. — O que você fez nos olhos?

— Por quê? — perguntou minha mãe. — Você gostou?

— Sim — falei. — Parecem ótimos. Quero dizer, estão sempre ótimos. Mas...

— Parecem gigantes — disse Mark.

— Como se tivesse aranhas saindo de dentro dele — disse Kevin.

— De um jeito legal — disse Tio Jay bem rápido.

Minha mãe olhou para o Papai, que estava sorrindo.

— Você está ótima, Liz — disse Papai.

— Comprei cílios postiços — disse Mamãe. — As luzes do estúdio fazem com que meus cílios desapareçam de tão claros que são. Então coloquei falsos. Realmente funcionou, não foi?

— Eles pediram... — disse Harmony. — Foi Lynn Martinez quem lhe deu essa dica?

— Na verdade, foi ela mesma — disse Mamãe.

Mamãe não indicou *Interlúdio com Rasputin*. Disse que o filme não era exatamente o triunfo emocionante do espírito humano que o pôster prometia. Ela disse que mais se parecia com o triunfo da arte de fazer um filme ruim. Ela disse a todos que guardassem seu dinheiro para os ingressos do próximo filme com a Taylor Swift, que estrearia na semana seguinte.

Eu sabia que, depois de uma recomendação daquela, eu seria ainda mais popular com as meninas no quinto ano! Talvez elas me coroassem rainha do quarto ano ou algo assim.

Depois que minha mãe mostrou a Harmony e a mim como seus cílios postiços

funcionavam (era fácil: bastava puxá-los da caixa para colar sobre os verdadeiros cílios; são adesivos), voltei para a cozinha para colocar a louça na máquina (era a minha vez de fazer isso) e foi quando meu Tio Jay me perguntou sobre os ensaios de *Princesa Penélope no Reino da Reciclagem*.

— Não muito bem — falei com um suspiro.

Então contei a ele sobre como estava sendo difícil eu descobrir por que minha personagem era tão malvada com todos e também que Cheyenne, M e D estavam se recusando a atuar e Sophie agindo como uma verdadeira princesinha em relação àquilo.

— E acho que não posso culpá-la — expliquei a ele. — É como se elas não se importassem se a peça vai ser boa ou não.

— Bem — disse Tio Jay —, você também não estava ligando muito, lembra? Quando você estava desapontada por não ter conseguido o papel de Princesa Penélope. O que a fez mudar de ideia?

Tio Jay estava certo! Eu também não estava me importando com a peça antes.

E ainda estava triste porque não poderia usar meu vestido estampado de flores douradas nem ser a estrela da peça ou chegar na escola de limusine (embora isso ainda pudesse acontecer. Ainda havia uma chance de a minha mãe virar uma estrela, e eu seria a filha de uma estrela).

Mas eu não estava mais tão chateada por não ter conseguido o papel.

E, em grande parte, eu precisava admitir, a responsável tinha sido Sophie, quando Missy me mantinha prisioneira e ela veio me salvar.

Mas também era porque todo mundo ria quando eu dizia as falas da Rainha Melissa, a Maléfica. Era realmente bom fazer as pessoas rirem — e saber que as pessoas gostavam de mim.

— Talvez — disse eu devagar — tenhamos apenas que dizer a elas como são boas interpretando as fadas das lâmpadas fluorescentes?

— Talvez devam — disse Tio Jay. — Talvez seja tão simples quanto dar um pouco de atenção a elas. Às vezes, tudo que as pessoas precisam é de um pouco

de estímulo positivo. Como o Miau. Você não o castiga quando ele faz algo errado.

— Não — falei assustada. — Eu o recompenso quando ele faz algo corretamente!

— Exato — disse Tio Jay. — Por que você não tenta isso com as meninas fadas? Elas devem fazer algo de bom às vezes.

Tentei lembrar se Cheyenne e as amigas dela já tinham feito algo remotamente legal. Mas não consegui mesmo pensar em nada.

— Bem — falei ao desistir —, acho que podemos simplesmente mentir e dar a elas um pouco de estímulo positivo por nada.

— Isso vai funcionar também — disse Tio Jay. — E, em relação à motivação da sua personagem, acho que não posso ajudar. Desenvolver um personagem é uma experiência extremamente pessoal e seria errado eu me envolver. Continue tentando encontrar. Tenho certeza de que a inspiração vai surgir logo.

Eu não tinha tanta certeza quanto Tio Jay, mas também não tinha opção além de aceitar. Então, quando cheguei ao sinal na manhã seguinte, tive que dizer a Caroline, Sophie e Erica que, daquele momento em diante, diríamos a Cheyenne, Dominique e Marianne que elas estavam se saindo muito bem como fadas.

Sophie me olhou como se eu estivesse maluca.

— Mas elas são fadas horríveis. Estão interpretando de maneira horrível *de propósito*. Lembra? Elas admitiram bem na nossa cara.

— Eu sei — falei. — Mas se dissermos a elas o quanto as achamos boas, talvez elas se esforcem mais. Chama-se estímulo positivo. E a verdade é que elas não podem piorar a interpretação.

— Bem — disse Caroline, parecendo pensativa —, isso é verdade.

— Você quer dizer que temos que mentir? — Erica parecia assustada.

Erica não gosta de mentir, nem quando é para fazer alguém se sentir melhor. Tentei explicar a ela que esse tipo de mentira era aceitável, mas ainda assim ela

se sentiu desconfortável. Eu até me senti tentada a mostrar a Erica meu livros de leis, no qual está escrito que *Tudo bem mentir se a mentira fizer alguém se sentir melhor*.

Mas, na última vez que mostrei a alguém meu livro de leis, as coisas não terminaram muito bem, então é melhor mantê-lo só para mim.

— É só uma mentirinha — disse eu a ela. — Pelo bem da peça.

— Então acho que devemos mentir — disse Sophie. — Pelo bem da peça. — Como ela era a protagonista, fazia sentido ela pensar daquele jeito, é claro.

— Não vai doer — disse Caroline. — E o verdadeiro perigo que devemos evitar, agora que meninas tipo Elizabeth e Shamira sabem o que Cheyenne e as outras estão fazendo, sendo horríveis de propósito, é que elas podem começar a ser horríveis também.

Sophie engasgou.

— Não! Eu não acho que elas...

— É... — disse Caroline de um jeito sombrio. — Eu acho que podem. E isso seria terrível. Logo todos da peça, com exceção de nós, começarão a ser horríveis de propósito também. Por isso Allie tem razão. É o único plano possível. Temos que fazer *alguma coisa*.

— Acho que vocês devem fazer alguma coisa — disse Kevin.

Ele sempre participava das nossas conversas matinais, independentemente de eu querer ele por perto ou não, já que eu tinha de levá-lo para a escola todo dia.

— Kevin está certo — disse Sophie, suspirando. — Vamos fingir que achamos a interpretação delas boa, e vamos dizer isso a elas. Pelo bem da peça. Combinado? — Sophie deixou o braço esticado para que apertássemos sua mão.

— Combinado — falei, estendendo a mão.

— Combinado — disse Caroline, esticando a dela.

— Combinado — disse Kevin e ofereceu a mão também.

Todas olhamos para Erica com uma expressão interrogativa. Finalmente, ela disse: — Oh, tudo bem. Mas vai ser tão ruim mentir, meninas! — Então esticou o braço e apertou a mão de cada um de nós também.

À tarde, não tivemos ensaio. Fomos trabalhar no cenário da peça. Estávamos construindo árvores de cartolina (fariam parte da floresta por onde a Princesa Penélope anda antes chega ao Reino da Reciclagem), as paredes do Castelo da Perdição de Plástico (a Rainha Melissa, a Maléfica, vivia nele e de lá via tudo que acontecia com a Princesa Penélope por meio de um computador com monitor de cristal) e coisas diversas como uma caverna de papel machê onde Lenny, o dragão de papel reciclado, viveria.

Pessoas diferentes estavam encarregadas de construir partes diferentes do cenário — baseando-se principalmente no que mais gostavam de fazer. Caroline, Joey Fields e Elizabeth Pukowski foram trabalhar com papel machê, porque gostavam de enfiar tiras de papel na cola tanto quanto de sujar as mãos. Stuart, Sophie, Shamira, Lenny e eu fizemos a pintura, porque tínhamos uma certa veia artística e gostávamos de desenhar e colorir. Patrick Day, Rosemary e a Sra. Hunter estavam encarregados das pistolas de cola quente para montar as árvores e as paredes do castelo, porque Patrick e Rosemary gostavam de armas, e a Sra. Hunter gostava de tomar conta dos dois.

Cheyenne e sua corte das fadas (Marianne e Dominique) decidiram que seriam as responsáveis por colocar purpurina em tudo. Por algum motivo, elas achavam que o Reino da Reciclagem deveria ser brilhante. Então a Sra. Hunter deu a elas toneladas de purpurina da papelaria, e Cheyenne, M e D circularam jogando montes daquilo em tudo. Até mesmo em lugares que realmente não precisavam de brilho, tipo a caverna do dragão Lenny e o monitor do computador da rainha malvada.

Preciso admitir que achei aquela distribuição de pó de pirlimpimpim meio chata, principalmente depois que cheguei em casa e tirei minhas botas de caubói — um monte de purpurina saiu de dentro delas e caiu direto no carpete.

Mas já que havíamos combinado que a rainha das fadas e sua corte deveriam receber elogios, numa tentativa de fazer com que incorporassem o espírito da peça, eu comecei a dizer:

— Isso está muito bom. — Olhando para elas a cada vez que jogavam purpurina

em alguma coisa.

No início, elas simplesmente me olhavam com uma expressão engraçada. Mas depois Dominique começou a responder: — Ah... obrigada.

Marianne parecia ter superado mais rapidamente o fato de não ter conseguido o papel de Princesa Penélope. Quando elogiei a técnica dela ao espalhar purpurina, ela disse:

— Obrigada! Está ficando bom, não está? — Toda radiante.

Estava funcionando! Elogiá-las estava fazendo com que ficassem com um humor melhor em relação à peça!

Bem, funcionando para algumas.

Porque quando eu disse:

— Isso está bonito de verdade. — Para uma cartolina com um cogumelo que Cheyenne estava purpurinando, ela olhou para mim com uma expressão amarga, ainda de joelhos, e disse:

— Cale a boca.

Eu achei que não tivesse escutado bem.

— O quê? — perguntei.

— Eu disse cale a boca. — E Cheyenne voltou a espalhar a purpurina.

Senti meu rosto ficando vermelho. Eu não podia acreditar! Cheyenne tinha me mandado calar a boca da mesma forma que havia mandado a mãe calar a boca no shopping naquele dia em que fiquei espionando as duas na seção de brincos!

E, assim como sua mãe, eu só tinha tentado ser legal com ela!

Então me lembrei de uma coisa: a rainha malvada, Melissa, a Maléfica, tentava matar a Princesa Penélope durante toda a peça...

E a Princesa só tinha tentado ser legal com ela!

E, de repente, exatamente como Tio Jay dissera que seria, a inspiração apareceu.

Eu tinha encontrado a motivação para a personagem da rainha malvada: Cheyenne O'Malley, a garota mais perversa que eu já conhecera!

LEI nº 11

Faça o seu melhor

Os ensaios estavam sendo ótimos. Na minha opinião, pelo menos. Eu já havia decorado todas as minhas falas na segunda semana. No fim das contas, o segredo para decorar as falas era praticá-las. E eu simplesmente praticava o tempo todo. Tipo à noite, logo antes de dormir. E mentalmente pela manhã, enquanto escovava os dentes. Era fácil decorar as minhas falas pensando nelas de noite e de manhã, repetindo-as depois em voz alta no ensaio.

Entretanto, algumas pessoas não estavam tendo tanta facilidade. Por exemplo, Patrick Day. Ele tinha apenas uma fala na peça: "Sim, Vossa Majestade. O raio de poluição está pronto!", mas não conseguia se lembrar dela. Os nomes e marcas dos carros que ele queria dirigir quando tivesse idade suficiente para tirar carteira de motorista? Sem problemas. Mas aquela única fala? Pode esquecer. Sua companheira soldado, Rosemary, sempre tinha que ficar sussurrando para ele.

Acho que algumas pessoas não tinham nascido para os palcos.

E esse não era o único problema em andamento na produção da sala 209 para a Feira Cultural de Boas-Vindas. Havia muito mais, sem contar que eu estava completamente certa a respeito de Cheyenne: ela era mesmo perversa. Embora Dominique e Marianne tivessem finalmente começado a ensaiar, Cheyenne ainda se recusava e repetia suas falas como se fosse um robô. Elogiávamos a interpretação dela como loucas, mas ela simplesmente torcia o nariz para a gente. E eu não era a única a notar, mas sempre que Sophie dizia uma de suas falas, Cheyenne balbuciava acompanhando-a.

— Ela decorou todas as falas da princesa — sussurrou Rosemary em uma manhã durante o ensaio, enquanto assistíamos Sophie interpretar uma cena da qual não fazíamos parte. Cheyenne também não e estava sentada ao lado do palco conosco. Foi por isso que vimos os lábios dela se movendo o tempo todo enquanto Sophie dizia suas falas.

— Ela deve achar que, se Sophie ficar doente ou algo assim, a Sra. Hunter vai chamá-la para assumir o papel — sussurrou Rosemary enojada.

Eu assenti, mas não disse nada. Porque havia um problema: eu decorara todas as falas da Princesa Penélope também, no caso de aquilo mesmo acontecer. Quero dizer, Sophie costuma ficar doente. Eu já ouvi minha mãe dizendo ao meu pai que acha que Sophie é meio hipocondríaca, ou seja, alguém que sempre acha que está doente, mas que na verdade nunca está.

Mas eu não desejava que algo ruim acontecesse a Sophie para que assim eu assumisse o papel de Princesa Penélope na ausência dela... embora eu estivesse totalmente preparada caso algo assim acontecesse. Eu não queria que Sophie ficasse doente de verdade. Mas não conseguia evitar decorar as falas da princesa. Eu simplesmente as ouvira tantas vezes, parecia que estavam grudadas no meu cérebro.

Dava para perceber que Cheyenne, por outro lado, estava totalmente esperando que algo acontecesse a Sophie. Ela era o mal encarnado!

E Cheyenne não parecia ser a única que tinha Sophie na cabeça.

— Vocês perceberam o quanto Joey Fields está estranho ultimamente? — perguntou Sophie um dia, quando estávamos a caminho do recreio da manhã.

— Ele tem latido menos que o normal — falei.

Eu sabia, já que me sentava ao lado dele durante o dia inteiro. Joey tem esse hábito e de vez em quando late e grunhe como um cachorro em vez de falar. Mas, usando a teoria do estímulo positivo do Tio Jay, eu estava recompensando Joey deixando de atirar elásticos quando ele não latia e, consequentemente, ele estava latindo bem menos.

— Não é isso que eu quero dizer — disse Sophie. — Quero dizer, ele fica chegando perto de mim o tempo todo durante os ensaios para fazer perguntas estranhas. Tipo, se eu gosto de balas e de que tipo. Ele faz isso com vocês?

— Se ele fizesse — disse Rosemary —, eu o enfiaria em uma cadeira dobrável.

— Parece que ele gosta de você — disse Caroline, ignorando Rosemary.

Fiquei surpresa por ouvir aquilo sobre Joey — que ele talvez gostasse de Sophie. Há pouco tempo, Joey tinha gostado de mim e pedido que eu “ficasse com” ele, embora eu tivesse dito não. Como ele podia ter começado a gostar de Sophie de repente? Verdade, ele interpretava o feiticeiro bondoso que tenta ajudar a Princesa Penélope a entender melhor o desperdício de garrafas de plástico usadas, levando-a até a casa da fada madrinha através do Reino da Reciclagem; então ele tinha uma cena com ela na peça.

Verdade também, eu não gostava dele desse jeito.

Mas me parecia meio confuso da parte dele sair por aí gostando de meninas diferentes de um mês para o outro. Meninos são tão estranhos.

— Eca — disse Sophie. — Espero que ele não goste de mim. Eu não gosto dele.

— Oh — disse Erica, parecendo preocupada. — Joey é legal. Pelo menos, mais legal que todos os outros garotos. Com exceção de Lenny Hsu. Joey não atira coisas nem faz ruídos estranhos quando o diretor passa por ele.

— Eca — disse Sophie de novo. Obviamente ela ainda estava pensando na possibilidade de Joey gostar dela.

Esse era o problema de ser a estrela da peça. Todos os garotos — bem, Joey Fields, pelo menos — se apaixonam por você. Não que isso fosse algo que você necessariamente quisesse, porque, para ser sincera, eu já tinha passado por aquilo com Joey e não era grande coisa, na verdade.

Mas ainda assim. Ninguém se apaixona pela rainha malvada. *Ninguém*.

E ninguém decora as falas da rainha malvada na esperança de que ela fique doente para que possa ser substituída.

Ninguém.

Mas a Rainha Melissa, a Maléfica, era o meu papel, e eu faria o melhor por ela. Porque é isso que você faz em uma situação ruim. *Faça o seu melhor*. Essa é uma lei.

Então, no dia da Feira Cultural de Boas-Vindas da sala 209, enquanto ensaiávamos pela primeira vez com nossos figurinos pela manhã, e eu tinha

trazido a fantasia que montei com as coisas que achei no armário mais o vestido que minha mãe me emprestara (e a capa de Drácula do Papai), eu não estava preparada para todas as críticas que recebi por causa daquela roupa.

Principalmente porque eu achava que minha fantasia era boa. Claro, não era uma daquelas fantasias que os pais dos elfos e dos soldados tinham costurado à mão para que ficassem parecidas. Minha mãe perguntara se eu queria ajuda e eu havia dito não, que eu prepararia minha própria fantasia sozinha.

Mas isso não queria dizer que era uma fantasia ruim. Eu achava que era boa.

Sophie não parecia ter gostado, de qualquer forma. Ela parecia meio zangada comigo por causa da roupa, na verdade.

— Allie — disse ela quando eu saí do banheiro das meninas, onde todas fomos nos trocar antes do ensaio —, você deveria parecer *malvada*. Uma rainha *malvada*.

— Eu *sou* malvada — respondi, olhando na direção da minha roupa.

— Mas. — Sophie olhou de relance para Erica, Caroline e Rosemary, como se procurasse apoio. Só que eu achava que ela não conseguiria nada com Rosemary, que estava rindo muito. Ela começou a rir assim que eu saí do banheiro. E não parecia capaz de parar. — Não acho que uma rainha malvada usaria tênis vermelhos de cano alto — disse Sophie. — Nem meias listradas.

Olhei para meus sapatos. Eu havia pensado na minha personagem com muito cuidado.

Mas pensara também no público que teríamos na Feira Cultural de Boas-Vindas. E que crianças pequenas estariam lá.

Alguns deles, irmãos e irmãs mais novos de crianças da nossa turma e da turma da Sra. Danielson, eram ainda mais novos que Kevin. Eu não queria que a Rainha Melissa, a Maléfica, fosse *tão* assustadora.

— Acho que a rainha malvada usaria esses sapatos — retruquei para Sophie.

— Bem — disse Sophie num tom arrogante. — Eu não acho que ela usaria. Imaginei que usaria algo mais glamouroso. E

também mais maléfico.

— Bem — falei. — Não sei como sapatos maléficos se parecem. De qualquer maneira, a personagem é minha e eu digo que ela usaria esses sapatos. Você pode colocar a roupa que quiser na sua personagem, mas a minha usa tênis vermelhos de cano alto. E meias listradas.

Parecia que Sophie ia discutir um pouco mais, mas Erica se intrometeu, agitando sua varinha de fada madrinha para dizer: — Ei, meninas. Não vamos brigar. Acho que as duas estão bonitas.

E rapidamente, quando Sophie parecia ter tomado fôlego para discutir mais um pouquinho, Caroline disse: — É, vamos deixar que a Sra. Hunter decida. Ela é a diretora, afinal de contas. Se ela não gostar da fantasia de Allie, Sophie, ela vai dizer alguma coisa.

Sophie pareceu duvidar, mas manteve a boca fechada.

Até que viu a fantasia de Cheyenne.

— O q-que é que *ela* está usando? — gaguejou Sophie, apontando para o outro lado da sala quando todas já estávamos lá dentro.

Logo descobrimos. Dava para ouvir Cheyenne se gabando desde o corredor, praticamente. Ela fez a mãe encontrar uma loja que vendesse uma fantasia de fada (a fantasia de todos os demais tinha sido feita em casa).

— Ela encomendou de uma loja de fantasias na internet — disse Cheyenne, acariciando a saia de seu vestido brilhante e cheio de camadas. Cheyenne disse que era feito de um tecido chamado tule. — Lá de Nova York.

M e D e as outras meninas da sala 209 admiravam a fantasia sob medida de Cheyenne e diziam: — Ooooohhhh.

Sophie olhou para a própria fantasia — que a mãe havia comprado para ela na Goodwill (tinha sido o vestido de formatura de alguém) e que, se quer saber, era bem bonita — e começou:

— Mas... a fantasia dela é mais bonita que a minha!

— Sua fantasia é muito bonita, Sophie — disse Erica.

— Não, não é. — respondeu Sophie. — Olhe para Cheyenne! A dela é muito mais brilhante!

— Bem, Cheyenne é a rainha das fadas — lembrou Caroline. — Você é apenas a princesa.

— Mas... — Pela expressão em seu rosto, parecia que Sophie ia começar a chorar. — Eu sou a estrela!

Ai ai ai.

— Sophie — falei. — A Princesa Penélope não pode ser assim tão maravilhosa, de qualquer forma. Você se lembra? A madrasta malvada acabou de expulsá-la do Castelo da Perdição de Plástico. Ela está vagando pelo Reino da Reciclagem há dias. Faz sentido que o vestido da princesa não esteja assim tão novinho. Não que — eu me apressei para acrescentar quando vi o lábio inferior de Sophie tremendo — o seu não seja totalmente lindo.

Sophie continuava encarando Cheyenne.

— Vejam a tiara dela!

Verdade. A tiara de Cheyenne era bem incrível. Parecia algo que a Fada Açucarada, de *O Quebra Nozes*, teria usado — se a Fada Açucarada usasse uma coroa com lâmpadas fluorescentes presas no topo.

Ainda assim, a coroa de Cheyenne envergonhava totalmente a coroa de Sophie e a minha, que eram de plástico e sobras de festas de aniversário. A coroa de Cheyenne tinha, tipo, um metro de altura (sem contar as lâmpadas no topo) com cristais pendendo do alto, como os do candelabro que ficava na sala de jantar da casa da mãe de Brittany Hauser.

Cheyenne também tinha asas de fada de verdade, que eram quase tão grandes quanto ela, salpicadas de pó de fada e não desbotadas como na roupa de Erica, que pegamos emprestadas com Missy; ela tinha usado num Halloween quando se fantasiou de anjo.

— Não é justo — disse Sophie, as sobrancelhas se arqueando de uma maneira

que mostravam que ela estava ficando zangada. — *Eu* sou a estrela da peça. *Eu* deveria ter a fantasia mais bonita. Cheyenne fez isso de propósito, para que eu me sentisse mal.

— Ah, não acho que ela fez de propósito — disse Erica, parecendo angustiada.

— Vou até lá — disse Sophie — para dar a ela um pedaço do...

Felizmente, naquele momento, a Sra. Hunter entrou na sala 209, bateu palmas e disse: — Turma, tenho algo animador a dizer. Para nosso primeiro ensaio com as fantasias, teremos um público de verdade. A turma do jardim da infância da manhã virá assistir à nossa apresentação. Não é legal? Então vamos nos esforçar para dar um show. Certo? Em seus lugares, pessoal!

Aquilo era fantástico! Íamos apresentar a peça diante de seres humanos de verdade pela primeira vez!

E, tudo bem, um deles seria Kevin. Mas isso não era um problema.

— Oh — gritou Erica. — Estou tão nervosa!

— Vai dar tudo certo — falei. Embora, na verdade, eu também estivesse nervosa. E se Sophie estivesse certa? E se meus tênis vermelhos de cano alto fossem mesmo inadequados para a peça?

Ocupamos as escadas até chegar ao auditório, então seguimos para os bastidores onde imediatamente precisei interromper uma briga de espada de cartolina entre Patrick Day e Stuart Maxwell; depois mostrei a Patrick como escrever na espada as falas dele para que não se esquecesse.

Foi quando ouvimos os alunos do jardim de infância entrando no auditório. Foi difícil não começar a sentir ainda mais nervoso. Embora fossem apenas crianças do jardim de infância, queríamos fazer uma boa apresentação para eles. Eu queria, pelo menos.

— Ah, meu Deus. — Sophie parecia especialmente sensível nas sombras dos bastidores. — Acho que vou vomitar. Pareço febril?

— Se precisar ir à enfermaria — sussurrou Cheyenne enquanto Erica punha a mão sobre a testa de Sophie para ver se ela estava quente —, posso assumir seu

papel.

— Não — disse Sophie, encarando Cheyenne com desgosto. — Vou ficar bem. Obrigada, Cheyenne.

Então Sophie se virou para mim e perguntou, num tom preocupado: — Allie, você não vai entrar no palco com esses sapatos, *vai*?

Olhei para baixo na direção dos tênis de cano alto que continuavam nos meus pés.

— Vou — falei. — Claro. Por quê?

— Simplesmente não acho que sejam adequados para o papel. — Sophie parecia preocupada. — Eles são tão...

Mas Sophie nunca conseguiu terminar o que ia dizer. Porque a peça ia começar!

A Princesa Penélope tinha as primeiras falas (sobre a morte do pai). Depois era a minha vez. Fiquei esperando na coxia, que fica nos bastidores, até chegar minha deixa, ou seja, a fala que Sophie deveria dizer para que eu soubesse que deveria entrar no palco. Eu podia ver todas as crianças do jardim de infância sentadas no chão do auditório/ginásio/lanchonete e olhando para cima na direção do palco. Entretanto, não conseguia ver Kevin. Meu coração batia com dificuldade, embora eu ficasse repetindo para mim mesma que aquilo não importava porque eram apenas crianças do jardim de infância. Mas importava porque eu queria me sair bem. Por que Cheyenne não enxergava as coisas assim também?

Então Sophie deu a deixa e senti uma grande onda de nervosismo se deslocar do meu estômago para a minha garganta.

Pensei que pudesse estar tendo um infarto.

Mas logo me lembrei que eu não deveria ser eu mesma, Allie Finkle. Eu deveria ser a Rainha Melissa, a Maléfica, que odiava reciclagem e odiava ainda mais a Princesa Penélope. Ela nunca teria ficado nervosa por falar na frente de uma turma do jardim de infância nem de ninguém, na verdade. Por que era uma rainha.

Então entrei no palco, usando minha voz de rainha malvada, alta e impositiva.

E todos começaram a rir. Eu podia ouvir Kevin rindo mais alto que todo mundo. Podia vê-lo sentado no meio dos outros alunos, rindo muito e apontando para mim para dizer:

— É ela! É a minha irmã!

E parei de me sentir nervosa e comecei a me divertir sendo a Rainha Melissa, a mimada e prepotente rainha que estava acostumada a ter tudo do jeito dela, porque a mãe sempre lhe dera tudo que ela queria, até mesmo o brinco de ametista que ela viu no shopping, o qual só queria ter por capricho. Ninguém nunca dissera não a ela, nem quando ela era grossa e dizia para a própria mãe *calar a boca*.

E por isso ela era tão má. Ela simplesmente não sabia das coisas.

E a verdade era que Cheyenne nem ao menos percebia que eu estava baseando minha interpretação nela! Eu sabia que ela não percebia porque ela não dizia nada a respeito para mim. Na verdade, Cheyenne estava tão envolvida em exibir sua fantasia maravilhosa que tinha até mesmo esquecido de fingir que não sabia atuar. Ela havia interpretado muito bem a rainha das fadas das lâmpadas fluorescentes para as crianças. Ela não usou a voz robótica e inclusive deu pequenas piruetas pelo palco com seus chinelinhos de fada cor-de-rosa (algumas meninas do jardim de infância engasgaram de verdade quando Cheyenne entrou no palco, pois ela estava muito bonita; tenho certeza que isso ajudou o ego dela um pouquinho). Ela jogou os cabelos e esvoaçou girando, balançando as asas. Ela estava perfeita!

Na verdade, *todos* foram perfeitos! Patrick não se esqueceu das duas falas (leu o que havia anotado na espada), Caroline se empinou com perfeição (seu chifre de unicórnio não caiu nem uma vez) e Erica era a fada madrinha maternal perfeita. Eu recebi toneladas de risadas e aplausos ao longo da grande cena da morte, a qual prolonguei ao máximo que consegui para morrer da forma mais dramática que conhecia. Pude ouvir até os meninos da sala 209 rindo nos bastidores. Garanti que, depois de morta, o vestido da minha mãe estivesse levemente levantado para que minhas meias listradas e meus tênis vermelhos de cano alto aparecessem.

Aquilo provocara as mais altas risadas das crianças do jardim de infância. E um monte de aplausos também.

O que significava que eu havia feito um bom trabalho. Porque, se as pessoas não ficam felizes quando o vilão morre, significa que o ator que interpretou o vilão não o fez corretamente.

Quando a apresentação terminou e todos fomos à frente do palco para agradecer, as crianças realmente se levantaram para aplaudir!

E, tudo bem, eram apenas crianças do jardim de infância...

Mas aquele era um bom sinal de que nossa peça não era uma porcaria. O que era ótimo, porque havíamos nos esforçado de verdade.

Eu estava muito animada por ver que os alunos do jardim de infância tinham gostado da nossa peça. Erica, Caroline e Rosemary também estavam. Ficamos pulando pelo palco, nos abraçando, assim como Elizabeth Pukowski, Shamira e outras meninas. E foi por isso que fiquei surpresa quando Sophie se virou para mim quando tentei abraçá-la e, num tom de voz zangado, disse:

— Saia de perto de mim, Allie. Você não sabe que estragou a peça?

Sério, nada podia ter me impressionado mais. A não ser que Sophie tivesse dito que estava saindo da Pine Heights Elementary School para ser a estrela do próximo filme dos Jonas Brothers. Talvez.

— O quê? — Olhei ao redor, espantada, para ver se mais alguém pensava como Sophie. Mas Erica, Caroline, Rosemary e as outras ficaram olhando para mim com uma expressão vazia, todas tão confusas quanto eu.

— Como assim eu estraguei a peça? — perguntei.

— Por que esses sapatos? — disse Sophie, apontando de forma acusadora para os meus tênis de cano alto. — Quando você entrou no palco, todos riram!

Eu sabia que todos tinham rido quando entrei no palco. Eu *quis* que todos rissem da minha fantasia. Essa era a minha intenção. Ouvi-los rindo daquele jeito tinha me feito bem.

— É bom fazer as pessoas rirem, Sophie — falei. Eu não entendia por que ela estava tão zangada.

— Mas a rainha malvada deve ser *malvada*! — disse Sophie. — Por isso ela se chama rainha malvada! Você deveria ser assustadora, não engraçada. E, quando você morre, não é pra ser engraçado. Mas todos riram! Riram! E, no fim, as pessoas bateram mais palmas para você do que para mim! Mas eu que deveria ser a estrela! A Princesa Penélope!

Desviei o olhar de Sophie para Caroline, que deu de ombros. Ela também não sabia o que fazer com o ataque de mau humor de Sophie. Nem Erica sabia, dava para perceber. Nem Rosemary.

Eu não sabia o que fazer. Ou dizer. Dava para perceber que Sophie estava chateada.

Mas, se quer saber, ela estava meio que agindo como uma princesinha mimada.

— Desculpe, Sophie — falei. — Mas as pessoas não me aplaudiram mais do que a você...

— Sim, aplaudiram! — gritou Sophie. — Aplaudiram, sim!

— Foi porque o irmão de Allie estava na plateia, Sophie — explicou Caroline. — Só isso.

Sophie cerrou os punhos, revirou os olhos e gritou: — Eu sou a estrela dessa peça, Allie! *Eu*! Não *você*! Por que ninguém se lembra disso? Argh, *eu te odeio*!

Para o azar de Sophie, entretanto, ela disse aquilo bem na frente da Sra. Hunter, que tinha se aproximado para ver o motivo da gritaria.

A Sra. Hunter, parecendo assustada, disse em voz alta:

— Sophie Abramowitz! Venha conversar comigo no corredor agora mesmo, por favor.

Assim que Sophie ouviu a voz da Sra. Hunter, ela pareceu muito arrependida de sua explosão. Suas bochechas ficaram bem vermelhas e os olhos cheios de lágrimas enquanto descia do palco para seguir a Sra. Hunter para fora do ginásio.

— É tudo minha culpa — falei, olhando para os meus tênis de cano alto e sentindo um bolo se formando na garganta.

— Não, não é — disse Erica, que sempre procurava enxergar o lado bom das coisas. — Tenho certeza que Sophie só disse aquilo porque está supernervosa por causa da apresentação de hoje à noite. A Sra. Hunter vai conversar com ela e tudo vai ficar bem. Você vai ver.

Só que não. Porque, quando Sophie voltou da conversa com a Sra. Hunter, ela estava chorando histericamente.

— M-meninas — disse ela, enxugando as lágrimas com o dorso da mão. — A Sra. Hunter disse que não s-serei a Princesa Penélope hoje à n-noite! Estou fora da p-peça!

LEI nº 12

Quando se sabe qual é a coisa certa a fazer, é preciso fazê-la Então. Dependia de mim.

Eu sempre soube que, no fim, seria assim.

Bem, a Sra. Hunter não tinha com o que se preocupar. Eu estava pronta. Eu sabia todas as falas da Princesa Penélope e sua marcação no palco. Eu me sentia completamente preparada para assumir o papel. Eu até tinha uma fantasia — meu vestido de flores douradas. E o usaria com meus sapatos de couro de festa (se ainda coubessem... não os experimentava havia um tempo).

É claro, havia ainda o probleminha de quem interpretaria o papel da rainha malvada.

Mas até mesmo para isso eu tinha uma resposta pronta: a Sra. Hunter, é claro. A Sra. Hunter poderia assumir o papel da rainha malvada. Não havia motivo para que não o fizesse. Ela não fazia nada durante a peça, de qualquer forma, além de ficar correndo para ver se estávamos com nossos adereços, tipo Erica com suas sacolas de compras de pano e coisas assim, verificando se estávamos no palco na hora certa e abrindo e fechando as cortinas.

Mas a Sra. Jenkins poderia fazer isso tudo. Ela era só diretora, afinal de contas.

E, sim, eu lamentava muito por Sophie. É claro.

Mas ela havia escolhido o próprio infortúnio quando deixou a fama subir à

cabeça. Quero dizer, minha mãe estrelava um programa de TV local, mas eu havia deixado que isso me influenciasse ficando supermandona ou dizendo às minhas amigas que as odiava? Não.

Sophie realmente não poderia culpar ninguém além de si mesma.

— Mas a Sra. Hunter pediu para você assumir o papel de Sophie? — perguntou minha mãe naquele dia, na hora do almoço.

Porque eu levei meu vestido florido para ela passar, assegurando que eu precisaria dele à noite, na Feira Cultural de Boas-Vindas.

— Bem — falei. — Não oficialmente. Mas tenho certeza de que o fará.

— Ah, querida. — Minha mãe tomou o vestido das minhas mãos. — Se ela não pediu, acho que você não deveria ficar muito esperançosa.

— Mas, mãe — falei —, ela não pode pedir a mais ninguém. Cheyenne tem agido muito mal ultimamente. Não tem a menor chance de a Sra. Hunter pedir a *ela* que interprete a Princesa Penélope. E eu sou a segunda melhor atriz da turma. Quero dizer, não quero me gabar nem nada.

— Ela é boa mesmo — cantarolou Kevin do balcão da cozinha, onde estava comendo queijo quente. — Você precisa ver.

Ela arrasou.

— Bem, espero que você tenha razão — disse Mamãe. — Porque odeio vê-la decepcionada. E seu pai estava realmente ansioso para ver você com aquela capa do Drácula.

— Vai ser ainda melhor — garanti. — Você vai ver.

Tinha sido difícil levar Sophie até sua casa chorando sem parar na hora do almoço. Principalmente porque eu estava esperando que ela se desculpasse por ter dito que me odiava, mas ela não fez isso. Nem uma vez. Provavelmente porque estava chorando muito por ter perdido o papel de Princesa Penélope. Ainda assim, ela poderia ter parado para pensar nos *meus* sentimentos. Só para variar um pouquinho.

Tentamos apoiá-la como pudemos, dizendo que talvez a Sra. Hunter mudasse de ideia.

Mas é claro que eu pelo menos não acreditava naquilo. Eu suspeitava que Sophie havia passado tanto tempo ensaiando para o papel da Princesa Penélope que temporariamente havia se transformado em uma princesa, pensando que podia sair dizendo aos outros o que deveriam fazer (tipo como aconteceu comigo e meus sapatos de rainha malvada) e acabou se esquecendo da lei número um: *Trate as pessoas da maneira como gostaria de ser tratado* (como quando ela disse que me odiava).

E principalmente porque Sophie se recusou até a considerar me pedir desculpas. Ela repetia que achava que a Sra. Hunter deveria *se* desculpar por tê-la tirado da peça.

Ela nem ao menos *mencionou* me pedir desculpas.

Ah, sim. O papel da Princesa Penélope seria meu, isso era certo.

Erica estava realmente preocupada com Sophie — especialmente quando voltávamos de casa para a escola depois do almoço e Caroline estava sozinha esperando no sinal onde normalmente nos encontrávamos para ir até a Pine Heights juntas.

— A mãe de Sophie disse que ela ficou doente de tanto chorar e não pode voltar à escola — explicou Caroline, preocupada. — Ela está com dor de estômago e ficará em casa pelo resto do dia.

— Oh, não! — exclamou Erica. — Isso é péssimo.

— Bem — falei de um jeito filosófico —, Sophie foi a única responsável por isso tudo. Ela deveria ter se desculpado com todas nós por ter sido tão mandona. — Não mencionei que ela deveria ter se desculpado comigo por ter dito que me odiava.

Acho que isso estava implícito.

— Sim — disse Caroline. — Mas você não acha que isso tudo só aconteceu porque ela estava nervosa por causa de hoje à noite?

— Ou talvez ela realmente ache que é uma princesa — falei.

— Qual é! — disse Caroline. — Sophie não acha que é uma princesa de verdade.

— Então, por que ela ficou me dizendo como deveria ser a minha fantasia? — perguntei. — E por que ela disse que me odiava?

— Bem — disse Caroline —, talvez depois de tirar a tarde para descansar ela se acalme.

Talvez. Mas talvez também seja tarde demais para ela conseguir o papel de Princesa Penélope de volta.

Porque talvez esse papel fosse meu agora.

E se minha mãe convidasse a Lynn Martinez, do *Good News!* , para me ver à noite? Elas eram tão próximas agora, depois da dica sobre os cílios falsos, que Lynn provavelmente iria.

E se Lynn me visse como Princesa Penélope, ela possivelmente me convidaria para ir ao programa para ser entrevistada. E

então um caça talentos de Hollywood me veria e pediria que eu estrelasse meu próprio reality show, sobre uma menina do quarto ano do ensino fundamental que adorava animais, tinha dois irmãos chatos e uma mãe que também era estrela de televisão.

Só havia um problema com esse plano: quando chegamos à escola, Cheyenne estava dizendo para todo mundo que a Sra.

Hunter havia lhe pedido para assumir o papel da Princesa Penélope.

— Naturalmente — disse Cheyenne, alto o suficiente para que todas nós a ouvíssemos de onde estávamos e por cima de suas asas. — Quero dizer, a quem mais ela poderia recorrer assim, em cima da hora, além da única atriz semiprofissional da turma?

— Mas e a sua fantasia de rainha das fadas? — perguntou Dominique. — Você disse que sua mãe gastou mais de 200

dólares nela.

— Pode facilmente se transformar em uma fantasia de princesa — disse Cheyenne. — É só tirar as asas.

— Oh! — disse Erica quando ouviu aquilo tudo. — Você acredita? Ela está falando em ficar com o papel como se Sophie estivesse morta ou algo assim. Quer saber, a Sra. Hunter provavelmente devolveria o papel a Sophie se ela tivesse se desculpado com Allie.

Eu não quis dizer na cara de Erica que ela estava errada. Para começar, eu, pelo menos, não pretendia perdoar Sophie com tanta facilidade. E, em segundo lugar, também não queria que ela ficasse esperançosa.

— Bem, é bom ter um plano B — falei. — Quero dizer, para o caso de Sophie não voltar para a peça.

— Mas você não acredita que a Sra. Hunter daria o papel da Princesa Penélope para Cheyenne, acredita? — Erica parecia preocupada.

— Provavelmente não — falei. — Acho que a Sra. Hunter daria o papel para quem tivesse interpretado o papel melhor depois de Sophie.

Erica pensou naquilo por um instante.

— Bem, Marianne e Dominique não se saíram muito bem. E não consigo achar que ela daria o papel para Elizabeth ou para uma das outras elfas... E, Caroline, você não ia querer, certo?

— Nem pensar. Adoro ser um unicórnio. Mas quem mais... — Então captei o olhar de Caroline em mim. — Allie. Você ia querer?

Os olhos de Erica se arregalaram.

— Allie? Sério? Você sabe todas as falas de Sophie?

— É claro — falei, dando de ombros com modéstia. — Decorar as falas é fácil.

— Mas então... — Erica parecia assustada. — Quem interpretaria a rainha malvada?

— A Sra. Hunter, eu acho — falei, dando de ombros mais uma vez.

— Mas você é tão boa como a rainha malvada — exclamou Erica. — Amamos você como rainha malvada. Você nos faz rir!

Eu a encarei.

— Sério? — Eu sabia que fazia a Sra. Hunter rir. E meu irmão mais novo. E os meninos. Mas não sabia que o restante da turma também ria.

— Sério — disse Erica. — Oh, você não pode *não* interpretar a rainha malvada. Você se sai tão bem sendo ela! A peça não vai ser tão boa sem você!

Eu nunca havia considerado aquilo antes, que eu era tão boa interpretando a rainha malvada que talvez a peça não fosse tão boa se eu interpretasse a Princesa Penélope no lugar da rainha. Eu queria tanto ser a Princesa Penélope, que na verdade não pensei em mais nada além disso.

— Seria realmente uma pena — disse Caroline. — Não acho que a Sra. Hunter seria tão boa quanto você no papel da rainha malvada.

— Bem — falei. Olhei para baixo na direção dos meus pés. Ainda estava usando os tênis vermelhos de cano alto. Tinha havido muita confusão depois do ensaio para tirá-los... embora eu tivesse pensado que, se fosse interpretar a Princesa Penélope naquela noite, teria que tirá-los de qualquer forma. A não ser que eu decidisse que a Princesa Penélope era o tipo de personagem que usaria tênis de cano alto. Nunca se sabe. Como eu a havia imaginado, talvez ela usasse. — Vamos ver o que vai acontecer.

Quando entramos na sala 209 depois do intervalo do almoço, o clima na turma era sombrio. Dava para saber que todos notaram que Sophie não tinha voltado do almoço.

— Bem, turma — disse a Sra. Hunter, indo para a frente da sala —, aparentemente, Sophie Abramowitz não poderá interpretar a Princesa Penélope hoje à noite e teremos que substituí-la. Alguém aqui acha que sabe as falas dela tão bem que...

Mesmo antes de a professora ter pronunciado todas as palavras, a mão de Cheyenne já estava levantada. Para não deixar que ela levasse vantagem,

levantei minha mão também. A Sra. Hunter nos olhou.

— Cheyenne e Allie, as duas acham que sabem as falas da Princesa Penélope, então?

Cheyenne abaixou o braço e se virou na cadeira para me olhar. Eu não estaria exagerando se dissesse que ela estava me dando uma encarada fatal.

— Sei muito bem, Sra. Hunter — disse Cheyenne. — E tem mais. Dominique também sabe bem as minhas falas, as da rainha das fadas das lâmpadas fluorescentes. Ela pode me substituir com facilidade. O papel dela, como sabe, tem pouquíssimas falas que podem tranquilamente ser passadas para Marianne. Entretanto, não consigo pensar em alguém aqui que saiba as falas de Allie. — O tom de Cheyenne revelava que ninguém se importava em decorar as falas da rainha malvada.

E, basicamente, ela estava certa.

Olhei desesperada para a Sra. Hunter. É claro que ela diria algo como “Na verdade, Cheyenne, eu sei as falas da Allie e ficarei feliz em interpretar a rainha malvada para que Allie possa ser a Princesa Penélope, porque ela é tão melhor e tão mais talentosa que você. E todos queremos que ela interprete o papel de princesa e não você. Então simplesmente cale a boca”.

Só que a Sra. Hunter não disse nada daquilo. Ela me olhou e perguntou: — Bem, Allie? Você consegue pensar em alguém que poderia interpretar a rainha malvada?

Na última fila, onde eu me sentava, tanto Stuart Maxwell quanto Rosemary giraram em suas cadeiras para me olhar, as expressões atônitas tomadas pela traição.

— Você não pode desistir de interpretar a rainha malvada para ser a princesa idiota — sibilou Rosemary lá de trás para mim. — Aquele papel é tão idiota! E você é tão engraçada como rainha malvada!

— É — sussurrou Stuart. — Além do mais, princesas são uma porcaria!

E Patrick, no fim da nossa fileira, se inclinou para a frente e sussurrou: — Quem vai me ajudar com minhas falas se você não estiver por perto como rainha?

Hein? Quem?

Ao meu lado, Joey grunhiu, um claro indício de que estava chateado.

Pisquei e desci o braço. Embora eu não quisesse admitir, Cheyenne estava certa. A rainha malvada *tinha* muitas falas... e, é claro, não havia ninguém que soubesse todas elas e pudesse — e quisesse — assumir o papel. Não parecia que a Sra. Hunter queria.

Então, aparentemente, eu estava condenada a interpretar a Rainha Melissa, a Maléfica, querendo ou não. É a história da minha vida.

— Tudo bem — disse eu à Sra. Hunter mesmo vendo todos os meus sonhos hollywoodianos indo pelo ralo. — Cheyenne pode ficar com o papel. Eu fico com a Rainha Mel... quero dizer, com a rainha malvada.

— Bem — disse a Sra. Hunter —, está combinado então. Por que não retornamos para os estudos sociais agora?

Então. Era isso. Eu seria apenas a velha e boa Allie Finkle — não Allie Finkle, a superestrela, Melhor Atriz em um papel glamouroso — para sempre. Ninguém jamais enxergaria que eu tinha potencial para ser uma princesa? Ou eu ficaria presa sendo a rainha malvada — o que Tio Jay havia chamado de papel excêntrico — pela eternidade?

E, tudo bem, era legal fazer com que todos os alunos do jardim de infância, minhas amigas e os meninos da última fila da sala 209 rissem.

Mas teria sido legal que meu potencial de princesa fosse reconhecido pelo menos uma vez.

E agora, Cheyenne — a metida e terrível *Cheyenne* — ia conseguir o que queria. *De novo.*

E a pior parte era: eu podia vê-la sentada lá toda satisfeita consigo mesma, passando bilhetinhos para M e D. Ela realmente vai se transformar em uma rainha malvada — de verdade, dessas que saem por aí matando as pessoas que são mais bonitas do que ela — se continuar daquele jeito. Cheyenne *sempre* conseguia o que queria... botas de salto alto com zíper, orelhas furadas, brincos de ametista de 100 dólares, a fantasia mais cara e agora também era a atriz

principal da peça...

Mas espere.

Espere um minutinho.

Ela não *tinha* que conseguir isso. Não se eu pudesse dizer algo.

Porque, embora ninguém quisesse que eu *interpretasse* a princesa, aquilo não queria dizer que eu não poderia *agir* como uma.

Ou, melhor, como uma rainha.

Eu sabia como agir majestosamente e salvar o dia. Acho que sempre soube.

E, quando você sabe qual é a coisa certa a fazer, tem que fazê-la. Essa é uma lei.

Sim. *Tudo* dependia de mim.

Acho que eu sempre soube que no fim seria assim.

E foi por isso que, depois da escola, em vez de ir direto para o sinal de trânsito, convenci Erica a virar na rua de Caroline.

E nós três fomos até a casa de Sophie e batemos à porta.

— Oh, oi, meninas — disse a mãe de Sophie quando veio atender a porta. A mãe de Sophie trabalhava em seu PhD, então, como de costume, vestia um moletom e tinha um lápis desajeitadamente preso ao cabelo. — Vocês vieram ver a Sophie? Ela está se sentindo um pouco melhor. Está no quarto. Por que não sobem para vê-la?

— Obrigada, Sra. Abramowitz — dissemos antes de correr pelas escadas em direção ao quarto de Sophie.

Sophie estava de camisola, em sua cama de dossel, relendo *Uma casa na campina*, um dos seus livros favoritos para dar ânimo. Quando entramos no quarto sem bater, as bochechas dela ficaram rosadas, mas tudo que ela disse foi: — Oh, olá, meninas. — A voz estava bem fraquinha. Ela ainda estava fingindo estar doente. Eu sabia que ela estava fingindo porque ninguém fica doente com

tanta frequência quanto Sophie.

— Sophie — falei, indo direto ao assunto. Porque é assim que rainhas fazem. — Precisamos que volte para a peça. É uma emergência. Cheyenne conseguiu o papel de Princesa Penélope, ficando em seu lugar.

Os olhos escuros de Sophie brilharam um pouco quando ela ouviu aquilo. Mas em seguida ela se controlou e voltou a olhar para o livro.

— Bem — disse ela com suavidade —, não há nada que eu possa fazer em relação a isso. A Sra. Hunter me tirou da peça.

— Só porque você não pediu desculpas para Allie — exclamou Erica. — Basta se desculpar e ela vai deixar que volte. Eu tenho certeza!

— Sim — disse Caroline. — Tenho certeza que a Sra. Hunter não quer que Cheyenne interprete a Princesa Penélope. Ela quer *você* nesse papel. Foi por isso que escolheu você e não Cheyenne, para começo de conversa. Tudo que precisa fazer é se desculpar. Simplesmente diga que sente muito.

Quando Sophie olhou para nós novamente, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Oh, mas como eu poderia fazer isso? — choramingou ela. — Eu quero. Vocês não imaginam o quanto eu quero! Eu me sinto péssima pela forma como agi. Deixei que o fato de ser a estrela da peça me subisse à cabeça. Sei que sim. Fui horrível com você, Allie. Você não imagina o quanto eu lamento. Mas agora é muito tarde!

— Nunca é tarde, Sophie — falei, indo até a cama dela e me sentando ao seu lado. — Fale para sua mãe ligar para a escola. Tenho certeza que a Sra. Hunter ainda está lá, se preparando para a Feira Cultural de Boas-Vindas. Vocês podem conversar e, então, quando formos para a peça à noite, você pode se desculpar comigo na frente dela. Eu vou te perdoar e tudo ficará bem.

— Você não acha que Cheyenne ficará chateada? — perguntou Sophie, preocupada. — Quero dizer, sobre ter ficado com o meu papel e depois eu aparecer assim e tirá-lo dela de novo?

— É claro que ela ficará chateada — falei. — Mas quem se importa? Cheyenne

sempre está chateada com alguma coisa.

Sophie mordeu o lábio. Então fechou o livro e afastou a manta.

— Tudo bem — disse ela. — Farei isso. Porque é verdade. Estou realmente muito, muito arrependida da forma como agi com você, Allie.

— Está tudo bem — falei. — Eu te perdoo. É para isso que existem os amigos.

E todas abraçamos Sophie...

Embora, se quer mesmo saber, ela não merecesse totalmente o nosso perdão. Mas, sendo uma rainha, eu a perdoei, de qualquer forma, porque era a coisa mais majestosa que poderia ser feita.

Além do mais, era pelo bem da peça, e isso era tudo que importava.

LEI nº 13

Nada é impossível

Era esquisito estar na Pine Heights Elementary à noite. O cheiro era diferente. E a aparência era diferente também, de algum modo. Eu não conseguia explicar como. Mas, simplesmente, com todas aquelas luzes acesas e as janelas escurecidas pela noite lá fora, dava para ver o quanto algumas coisas eram muito, muito velhas, de um jeito que não notávamos tanto durante o dia.

Não que isso tivesse abrandado meu nervosismo de alguma maneira. Eu segurava minha fantasia e ouvia Mark e Kevin conversando com minha mãe, meu pai, Tio Jay e Harmony sobre as apresentações que as turmas de cada um deles faria no fim daquela semana (sobre tritões, no caso de Mark, e uma música sobre arco-íris, no caso de Kevin).

— Certo — disse eu à minha família quando chegamos às portas do auditório/cafeteria/ginásio, onde o Sr. Eckhart havia enfileirado diversas cadeiras dobráveis em frente ao palco. Estávamos um pouco atrasados e a Sra. Jenkins já tinha começado a falar; estava escuro no auditório. Mas tudo bem, porque a turma da Sra. Danielson se apresentaria primeiro: a apresentação mais chata do mundo, sobre os primeiros colonizadores. Eu só esperava que meus pais, Tio Jay e Harmony não morressem de tédio antes que fosse a vez da minha turma de se

apresentar. — Vocês podem ir se sentar. Preciso ir até a sala 209 para me arrumar. Vejo vocês em breve.

— Boa sorte, querida — disse Mamãe, se abaixando para me dar um beijo.

— Nunca diga “boa sorte” para uma atriz — disse Tio Jay. — Diga sempre “quebre a perna”. — Ele segurou minha mão num cumprimento. — Quebre a perna, menina.

— Hum, obrigada — respondi. Por que ele ia querer que eu quebrasse a perna? Era algo péssimo para se dizer. Esse pessoal do teatro é tão esquisito.

Então me virei e corri pelas escadas em direção à sala 209...

Que estava um verdadeiro caos. Todos que ainda não tinham vestido sua fantasia estavam tentando fazê-lo enquanto todos que já estavam arrumados corriam pela sala, repetindo suas falas ou, no caso de Patrick Day e Stuart Maxwell, lutando com suas espadas de papelão.

No centro de tudo aquilo, vi Sophie e Cheyenne paradas em frente à Sra. Hunter; ambas tinham lágrimas nos olhos.

Ô-ô.

Notei que Caroline e Erica estavam perto, as duas já fantasiadas, então corri na direção delas.

— O que está acontecendo? — perguntei a elas, assentindo na direção de Cheyenne e Sophie.

— Sophie disse à Sra. Hunter que sentia muito pelo que tinha feito e que queria voltar para a peça — explicou Erica, sem fôlego. — E que ela tinha se desculpado com você e confirmamos que a vimos fazendo isso. Então Sophie perguntou à Sra.

Hunter se podia ter seu papel de volta, mas Cheyenne ouviu e veio correndo. E disse que não abre mão do papel de Princesa Penélope!

— Oh, não. — Mordi o lábio. Isso era péssimo! Eu sabia que cabia a mim resolver as coisas. De alguma forma.

Corri até o grupinho perto do quadro negro.

— Sra. Hunter — chamei. — É verdade. Sophie me pediu desculpas. E eu a perdoei. Somos amigas de novo. *Por favor*, deixe Sophie voltar para a peça.

A Sra. Hunter olhou para baixo na minha direção. Procurei a mão de Sophie, porque percebi que ela estava com lágrimas nos olhos e parecia muito perto de desmaiar (Sophie é meio dramática e chegada a desmaios). Ela não disse nada, mas eu conseguia ler o *obrigada* em seus olhos enquanto me encaravam brilhantes pelas lágrimas. Embora a sala 209 estivesse caótica quando chegamos, agora estava em silêncio. Dava para ouvir a turma da Sra. Danielson começando a apresentação chata deles lá embaixo de tão silenciosa que a sala estava: *E, antigamente, eles não tinham coisas como bebedouros limpinhos. Todos usavam a mesma caneca para tirar água do mesmo poço.*

— Sra. Hunter — disse Cheyenne, quebrando o silêncio —, você disse que *eu* poderia assumir o papel da Princesa Penélope.

— Sim — disse a Sra. Hunter. — Mas foi quando Sophie não estava se sentindo bem. Está evidente que ela se sente melhor agora e já se desculpou com Allie. Combinamos que, se ela fizesse isso, poderia voltar para a peça. Lembra, Cheyenne?

Os olhos de Cheyenne se estreitaram muito quando ela encarou a Sra. Hunter. Eu podia notar que ela estava se preparando para dizer *Cale a boca*, como havia dito à mãe naquele dia no shopping.

Só que Cheyenne não ousaria dizer para a Sra. Hunter calar a boca. *Ninguém jamais diria cale a boca à Sra. Hunter. Não se quisessem viver para ver o amanhã.* Essa é uma lei.

— Não é justo — disse Cheyenne então, batendo os pés no chão.

— Bem, você não é a diretora dessa peça — disse a Sra. Hunter, os olhos verdes enrugando; um perigoso sinal de que ela estava ficando zangada. — É, Cheyenne?

Por um instante, parecia que Cheyenne ia argumentar... mas logo ela percebeu que realmente não era a diretora da peça da Sra. Hunter. Quando ela finalmente se tocou, um olhar amargo tomou seu rosto...

Então ela empinou o nariz e saiu esperneando.

A Sra. Hunter se virou para Sophie e, com um sorriso, disse:

— Que bom que está se sentindo melhor.

— Obrigada, Sra. Hunter — disse Sophie, o rosto se iluminando. Ela enfim percebeu que ia interpretar a Princesa Penélope no fim das contas. — Muito obrigada! E novamente, eu sinto muito, muito mesmo.

— Está tudo bem, Sophie — disse a Sra. Hunter. — Todos temos dias ruins. Agora é melhor você terminar de se arrumar.

— Farei isso, Sra. Hunter — disse Sophie. Ela soltou minha mão e correu, dando um gritinho satisfeito, na direção de Caroline e Erica, que ainda aguardavam ansiosas para ouvir as boas novas.

Para mim, a Sra. Hunter disse baixinho:

— Obrigada por ser tão compreensiva, Allie. Você tem sido muito madura e profissional em relação a tudo isso.

E me senti corar de satisfação diante daquele elogio. Profissional! A Sra. Hunter achava eu tinha sido uma profissional madura!

Era praticamente dizer que da próxima vez que tivéssemos uma peça com uma princesa, a Sra. Hunter daria o papel para mim. Não era?

— Agora não é melhor ir vestir sua fantasia? — disse a Sra. Hunter. — Devemos nos apresentar às sete e meia, logo depois da turma da Sra. Danielson. É melhor se apressar.

— É pra já, Sra. Hunter — falei. Segurei minha fantasia contra o corpo. Madura! E profissional! Eu!

Peguei minhas roupas e corri até o banheiro das meninas para vesti-las, sem parar para me juntar às meninas na comemoração. Eu não havia dito a ninguém, mas tinha feito um ajuste no visual da Rainha Melissa, a Maléfica, e precisava de mais tempo para que tudo ficasse perfeito. Não, eu não havia trocado os tênis vermelhos de cano alto. Era outra coisa, e deveria ser uma surpresa. Eu queria

ver se alguém perceberia. Demorou um pouco para que eu me acertasse com aquilo, entretanto — mais tempo do que imaginei. Caroline, Rosemary e Erica vieram ao banheiro, uma de cada vez, para pedir que eu me apressasse.

E eu finalmente consegui deixar minha fantasia do jeitinho que eu queria. E, quando saí do banheiro, nossa turma já estava se enfileirando para descer as escadas para se apresentar.

— Ei, o que você fez? — sussurrou Rosemary quando entrei na fila. — Você está diferente.

— Nada — respondi, inocente.

— Não — disse Rosemary. — Você fez alguma coisa.

— Não fiz — sussurrei. Mas eu estava mentindo. Uma mentirinha boba. Uma gracinha, praticamente. — Acha que estou bonita?

— Não sei. Talvez. Você me diz o que fez e eu digo se está bonita.

— Está bem — falei. E apontei para os meus olhos. — Cílios postiços.

Rosemary ficou encarando.

— Sério? Parecem de verdade. Só que maiores.

— É — respondi. — Peguei emprestado da minha mãe.

— Legal — disse Rosemary.

— Meninas — disse a Sra. Hunter do início da fila —, shhhh.

Então tivemos que parar de conversar. Nossa turma desceu as escadas até o local onde os pais estavam esperando.

Conseguimos ouvir quando bateram palmas para a turma que se apresentara antes de nós... a representação da Sra. Danielson sobre os primeiros colonizadores. Eu não podia acreditar que estavam batendo tantas palmas para algo que eu pessoalmente achava tão chato.

— Certo, pessoal — disse a Sra. Hunter. Estávamos agrupados perto da porta

secreta que levava aos bastidores, então ninguém veria nem quando entrássemos no auditório nem quando arrumássemos o palco atrás das cortinas para nosso espetáculo. — Quero que deem o melhor de vocês esta noite. Não fiquem nervosos. Lembrem-se, são apenas seus familiares lá fora e eles amam vocês. Vocês vão se sair bem.

— Ei — disse Sophie, vindo ficar ao meu lado. — Eu queria apenas dizer novamente que sinto muito por ter agido de maneira tão infantil. Você pode me perdoar?

— É claro — respondi. Eu também não estava mentindo. Acho que todos nós podemos deixar que algumas coisas nos subam à cabeça de vez em quando. Nem todos são profissionais maduros como eu.

— O que fez nos seus olhos? — quis saber Sophie.

— Cílios postiços — sussurrei.

— Sério? — Ela pareceu impressionada. — Isso é tão legal.

— Obrigada — falei.

Então Sophie realmente havia mudado de atitude desde que a Sra. Hunter a expulsara da peça, deixando-a voltar depois.

— ... e, principalmente — continuou a Sra. Hunter —, desejo que quebrem a perna. Entendido?

— Entendido — respondemos todos juntos. Embora, é claro, nenhum de nós tenha entendido de onde aquela expressão maluca tinha vindo.

— Que bom — disse ela, abrindo a porta dos bastidores.

Entramos o mais silenciosamente possível atrás do palco e pegamos os devidos adereços para colocá-los no lugar certo.

Enquanto isso, lá na frente, a Sra. Jenkins nos apresentava para o público.

— E agora — disse a diretora — a turma do quarto ano da Sra. Hunter, da sala 209, gostaria de apresentar uma peça original, *Princesa Penélope no Reino da*

Reciclagem.

Todos saímos correndo de maneira que apenas Sophie ficasse lá, em seu lugar, pronta para dizer sua primeira fala quando a cortina se abrisse. E foi o que ela fez assim que as luzes, operadas pelo Sr. Eckhart, a iluminaram.

Se ela estava nervosa, não dava para perceber. Eu certamente estava nervosa enquanto esperava na coxia. Havia *muito* mais gente lá fora do que pela manhã, quando nos apresentamos para os alunos do jardim de infância. Eu podia ouvir o farfalhar do público, as pernas se mexendo, o folhear dos programas, tosses e sussurros. Eu conseguia ver alguns deles também, só que não a minha família. Estava escuro demais para que eu conseguisse identificar o rosto de alguém.

Quando Sophie disse a frase que era a minha deixa para entrar no palco, eu de repente senti uma imensa onda de nervosismo me dominar. O que eu estava fazendo? Eu não podia fazer aquilo! Estava com muito medo! E se eu estragasse tudo esquecendo minhas falas?

Por outro lado... eu havia ensaiado tanto! Sabia todas as minhas falas e as dos outros também. Eu não ia estragar nada.

E, se estragasse, eu sabia que o Tio Jay e meus pais me perdoariam. Porque, como a Sra. Hunter havia dito, eles me amavam. Assim como eu havia perdoado Sophie por ter sido tão imatura mais cedo.

E, além do mais, por que eu estava nervosa, afinal? Rainhas não ficam nervosas.

Principalmente rainhas malvadas. E eu era uma delas agora. Não Allie Finkle, mas uma rainha muito, muito malvada. Eu só precisava me lembrar daquilo.

Então entrei no palco, com meu caminhar especial de rainha malvada e minha voz de Rainha Melissa, a Maléfica (que era uma mistura da voz de Missy e Cheyenne — principalmente de Cheyenne, embora ela não soubesse).

E imediatamente, antes mesmo de eu terminar minha primeira fala, todos começaram a rir.

Do jeito que Kevin havia dito. Basicamente, eu arrasava.

E todo meu nervosismo se foi. Atuar era realmente legal! Era ótimo fazer os

outros rirem! E era ainda mais divertido fazer adultos rirem do que os alunos do jardim de infância. Por um único motivo: adultos riem muito mais alto e mais que crianças pequenas.

Além disso, praticamente não era preciso fazer nada para que os adultos rissem. Era incrível! Fiz o lugar se alvoroçar com muita rapidez. Eu realmente não esperava aquilo. Eu esperava umas risadinhas, por causa dos meus tênis e meias.

Mas não *aquilo*.

Talvez fosse por causa dos cílios postiços.

Ou talvez fosse o alívio da plateia ao ver que não faríamos uma apresentação sobre os primeiros colonizadores.

Ou talvez fosse porque eu era uma profissional tão madura.

Mas, qualquer que fosse a razão, a plateia parecia adorar a peça... por completo.

Até mesmo Cheyenne, que não esvoaçou pelo palco com tanta naturalidade quanto pela manhã, definitivamente estava se esforçando mais do que o normal.

E quando eu terminei minha cena de morte e fiquei estendida no palco com os tênis vermelhos de cano alto para cima, morta pelo meu próprio raio de poluição... bem, fomos aplaudidos de pé.

Na verdade, senti pena de todas as outras turmas que se apresentariam depois da gente ao longo da semana. Como superariam a apresentação da sala 209?

Depois que a cortina se fechou, soltamos um grito animado antes que a Sra. Hunter nos encaminhasse escada acima de volta à nossa sala para esperar que nossos pais viessem nos buscar.

— Você se saiu muito bem — disse Sophie, me abraçando.

— Você foi melhor — disse eu a ela.

— Não — disse ela. — Você foi.

— Ah, todos nós fomos ótimos — disse Erica, nos abraçando. — Até Cheyenne.

Tínhamos que concordar.

E, já que estávamos praticando o estímulo positivo na esperança de que isso fizesse Cheyenne ser uma pessoa melhor, até dissemos a Cheyenne que ela tinha se saído bem. Mas ela só fez uma careta e respondeu: — Hum, eu *sei*.

E logo em seguida nossas famílias vieram nos encontrar. O pais eram só elogios à Sra. Hunter pelo belo espetáculo. Até mesmo o Sr. e a Sra. O'Malley, o pai e a mãe de Cheyenne.

— Estou muito feliz que tenham gostado — disse a Sra. Hunter.

Ela não disse mais nada, nem que era uma alegria ter Cheyenne em sua turma, ou que ela era uma profissional madura, como havia dito para mim. Porque ela estaria mentindo se dissesse algo assim sobre Cheyenne.

Finalmente meus pais chegaram para me buscar. Mark, Kevin, Tio Jay e Harmony vinham logo atrás deles.

— Você foi ótima! — disse Papai, me dando um abraço de parabéns. — Não conte para as outras crianças — sussurrou ele em meu ouvido —, mas você foi a melhor.

— Definitivamente quero escrever sobre essa peça — disse Harmony — para o meu seminário de comunicação e sociedade. Tem uma premissa muito intrigante.

— Eu sempre soube que você levava jeito, menina — disse Tio Jay, apertando minha mão quando meu pai me colocou no chão. — Você tem um talento nato.



— Obrigada — respondi com modéstia.

— Ah, Allie, você foi muito, muito engraçada — disse Mamãe. Então a voz dela falhou: — Allie... o que é isso nos seus...?

Allie! Você está usando meus cílios postiços?

— Estou — respondi. Droga. Eu havia esquecido de tirá-los antes de ela chegar.
— Achei que você não se importaria. Era para meus olhos parecerem maiores no palco. Quero dizer, você os usa na televisão, então pensei...

— Allie Finkle — disse minha mãe. — Vá ao banheiro e tire isso imediatamente. Você é jovem demais para usar cílios postiços. E pegar algo meu sem me pedir! Estou decepcionada com você!

Eu não podia acreditar que ela estava gritando comigo na frente de todo mundo.

Mas acho que eu meio que merecia. Uma das regras na nossa casa é *Não pegue nada que não seja seu sem perguntar primeiro*.

E era por isso que eu não tinha perguntado: eu sabia que ela diria não.

Enquanto eu retirava os cílios postiços, olhei para mim mesma no espelho sobre a pia de um jeito contemplativo. Quem diria que eu, Allie Finkle, tinha acabado de ser a sensação da peça. E tinha feito tanta gente rir tanto! Estava evidente que eles tinham gostado de verdade. O pai de Erica, Sr. Harrington, havia me dito que meu papel era o melhor da noite, e o irmão de Erica, John, dissera que nunca tinha visto nada mais engraçado na vida do que a minha cena de morte.

Até Missy pôs o telefone celular de lado por um instante para grunhir para mim e dizer: — Você foi ok.

Isso tudo tinha que ser bom, não?

Verdade, eu não tinha conseguido o papel que queria. Não havia ficado famosa (ainda) nem tinha uma limusine ou seguranças ou paparazzi me seguindo.

Mas eu não havia sido uma má perdedora, como Cheyenne, nem havia deixado meu papel subir à cabeça, como Sophie.

Mas tinha feito o meu melhor com o papel que consegui.

E Tio Jay tinha dito que isso era um indício de uma atriz verdadeiramente dedicada.

E a Sra. Hunter havia dito que eu agira como uma profissional madura.

Além disso tudo, eu tinha aprendido uma coisa muito importante: eu gosto de atuar. Estava me sentindo muito, muito bem agora (com exceção do problema dos cílios postiços da minha mãe). Mas pela apresentação, pelas coisas legais que as pessoas tinham dito para mim depois da peça... e pela carreira de atriz como uma escolha para o futuro, de maneira geral.

Imaginei o quanto seria difícil ser atriz *e* veterinária ao mesmo tempo.

Seria difícil fazer os dois, posso apostar.

Mas não impossível.

Pelo menos, isso tudo havia provado que nada é impossível, se você decidir que não é.

Nada mesmo.

AS LEIS DE

ALLIE FINKLE

Nunca comer nada vermelho.

Não mastigue de boca aberta.

Engula o que está na sua boca antes de falar.

É importante fazer com que seus amigos se sintam bem com eles mesmos sempre que possível, assim eles gostarão mais de você.

Popularidade não é importante. Ser alguém amável e atencioso é.

Cheyenne é oficialmente chata.

Nada de beijos no quarto ano.

Diga sempre às pessoas que elas parecem bem, mesmo quando não parecem. Isso faz com que se sintam bem, então gostarão mais de você.

É rude dizer a alguém que ele só vai ter alguma coisa porque ninguém mais a quis, e não porque ele mereceu.

Não jogue futebol americano no corredor.

Não bata a porta na cara dos outros.

Se for possível, tente nascer em uma família sem irmãos mais novos.

Que o melhor, ou a melhor, vença.

É errado odiar as pessoas.

A prática leva à perfeição.

É sempre melhor abrir o jogo do que deixar aquilo envenenar você.

A melhor forma de evitar que alguém fique zangado com você é elogiando essa pessoa. Ainda que você não acredite naquilo.

Se quiser chegar a algum lugar, não pode obedecer às regras.

Sempre atenda ao telefone de casa dizendo "Aqui é (seu nome) falando", para ser educado.

Amigos tentam fazer com que os amigos se sintam bem.

Amigos não fazem com que seus amigos se sintam mal de propósito.

Ninguém gosta de um mau perdedor.

Ninguém gosta de um mau vencedor também.

É importante aceitar a vitória com modéstia. (Depois você pode comemorar o quanto quiser sozinha, onde os perdedores não podem te ver.)

Não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos.

É grosseria interromper alguém que está falando.

Se você choramingar, vai ter que ir para o quarto e terá os privilégios de televisão suspensos; talvez também não tenha direito a sobremesa e seu Nintendo DS pode ser apreendido por uma semana.

Melhores amigas resgatam umas às outras quando a irmã malvada de alguém as faz prisioneiras.

Não dá para mudar a atitude negativa de alguém em relação a alguma coisa para uma atitude positiva.

Tudo bem mentir se a mentira fizer alguém se sentir melhor.

Faça o seu melhor.

Trate as pessoas da maneira como gostaria de ser tratado.

Quando se sabe qual é a coisa certa a fazer, é preciso fazê-la.

Ninguém jamais diria cale a boca à Sra. Hunter. Não se quisessem viver para ver o amanhã.

Não pegue nada que não seja seu sem perguntar primeiro.

Nada é impossível, se você decidir que não é. Nada mesmo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Allie Finkle Vol.4

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/338031-medo_de_palco

Re se nha do prime iro livro da sé rie

http://orestaurantedofim.blogspot.com.br/

2012/07/resenha-as-leis-de-allie-finkle-para.html

Site oficial da autora

http://www.megcabot.com/

Wikipé dia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Meg_Cabot

Skoob da autora

http://www.skoob.com.br/autor/31-meg-cabot

Site brasile iro da Me g Cabot

http://www.megcabotbr.com/

Pe rfil da autora no Goodre ads

http://www.goodreads.com/author/show/

11654.Meg_Cabot

Twitte r da autora

https://twitter.com/megcabot

Capa

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Lei n º 1 | É importante fazer com que seus amigos se sintam bem com eles mesmos sempre que possível, assim eles gostarão mais de você

Lei n º 2 | Nada de beijos no quarto ano

Lei n º 3 | É rude dizer a alguém que ele só vai ter alguma coisa porque ninguém mais a quis, e não porque ele mereceu

Lei n º 4 | Se for possível, tente nascer em uma família sem irmãos mais novos

Lei n º 5 | Que o melhor — ou a melhor — vença

Lei n º 6 | Amigos tentam fazer com que os amigos se sintam bem

Lei n º 7 | Ninguém gosta de um mau perdedor

Lei n º 8 | Não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos

Lei n º 9 | Melhores amigas resgatam umas às outras quando a irmã malvada de alguém as faz prisioneiras

Lei n º 10 | Não dá para mudar a atitude negativa de alguém em relação a alguma coisa para uma atitude positiva; a não ser que você tente

Lei n º 11 | Faça o seu melhor

Lei n º 12 | Quando se sabe qual é a coisa certa a fazer, é preciso fazê-la

Lei n º 13 | Nada é impossível

As leis de Allie Finkle

Colofão

Saiba mais

MEG CABOT



As leis de Allie Finkle para meninas

Medo de palco



galera
RECORD

Document Outline

- Obras da autora publicadas pela Galera Record
- Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Agradecimentos
- Lei n º 1 | É importante fazer com que seus amigos se sintam bem com eles mesmos sempre que possível, assim eles gostarão mais de você
- Lei n º 2 | Nada de beijos no quarto ano
- Lei n º 3 | É rude dizer a alguém que ele só vai ter alguma coisa porque ninguém mais a quis, e não porque ele mereceu
- Lei n º 4 | Se for possível, tente nascer em uma família sem irmãos mais novos
- Lei n º 5 | Que o melhor — ou a melhor — vença
- Lei n º 6 | Amigos tentam fazer com que os amigos se sintam bem
- Lei n º 7 | Ninguém gosta de um mau perdedor
- Lei n º 8 | Não existem papéis pequenos, apenas atores pequenos
- Lei n º 9 | Melhores amigas resgatam umas às outras quando a irmã malvada de alguém as faz prisioneiras
- Lei n º 10 | Não dá para mudar a atitude negativa de alguém em relação a alguma coisa para uma atitude positiva; a não ser que você tente
- Lei n º 11 | Faça o seu melhor
- Lei n º 12 | Quando se sabe qual é a coisa certa a fazer, é preciso fazê-la
- Lei n º 13 | Nada é impossível
- As leis de Allie Finkle
- Colofão
- Saiba mais